

Ismael Gomes Braga

Elos doutrinários

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



ISMAEL GOMES BRAGA

ISMAEL GOMES BRAGA

Elos Doutrinários

CONTÉM UM APÊNDICE COM OS SEGUINTE ESTUDOS DE ZÊUS WANTUIL: DOCETISMO. — APOLINÁRIO, CERINTO E O CORPO DE JESUS. — MELQUISEDEC E JESUS

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEPARTAMENTO EDITORIAL Rua Souza Valente, 17 — CEP-20941 e Avenida Passos, 30 — CEP-20051 Rio, RJ — Brasil

3ª edição, revista *Do IIP ao 2Qrp mühèiro*

Capa de CECCONI

B.N. 8.091

95-AA; 002.01-T; 9/1978

Copyright 1949 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Mãter do Esjnritismo)

AV. PASSOS, 30 20051*£— Rio, RJ — Brasil

Composição e impressão das Oficinas Gráficas do Depto. Editorial da FEB Rua Souza Valente, 17 20941 — Rio, RJ — Brasil

C.G.C. nP 33.644.857/0002-84 I.E. nP 81.600.503 Impresso no Brasil

ÍNDICE

Dedicatória . ,i% s. ;..	10
Nota sobre a 2.ª edição	11
I — Confirmação necessária	13
II — As provas evangélicas	23
UI — Autores que se completam	35
IV — A existência de agêneres	41
V — Simultaneidade de ensinamentos	53
VI — Argumentos ilógicos	61
VH — Diversidade de processos da Natureza	71
VIII — Os docetas, precursores do Espiritismo	81
IX — O abismo das negações	87
X — Aonde nos levariam as transigências	95
XI — Ideal espírita	107
XII — Conclusões	119
Apêndice: Docetismo	125
Apolinário, Cerihto e o corpo de	
Jesus	151
Melquisedec e Jesus	171

À memória querida de GUILLON RIBEIRO que, em defesa da Verdade, sofreu com resignação toda a rudeza de clamorosas injustiças da ignorância e da maldade, 'perdoando e amando sempre seus detratores, nossa gratidão, nosso respeito, nosso amor.

I. G. B.

26-10-19^8

NOTA SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO (♦)

Ao prepararmos nova edição deste opúsculo, retemos a crítica que recebemos pelo aparecimento da primeira, a fim de corrigirmos eventuais erros e enganos; nós, nada podemos fazer, porque só um crítico lhe foi desfavorável, e neste faltou a serenidade construtiva, e se manifestou uma paixão, uma idéia fixa, que lhe não permitiu ajudar-nos.

Disse enfaticamente que nos servimos do textos bíblicos adulterados pela Igreja Católica, mas, não apontou uma única letra errada, uma única vírgula a mudar em nossas citações.

Copiou muitos trechos em francês, inglês, italiano, grego, latim, português, todos perfeitamente iguais uns aos outros, e todos sobre outros assuntos diferentes da discussão. Demonstrou vasta erudição e parece ter sido esta sua única finalidade.

Assim, nada podemos corrigir em nosso livrinho. Li- mitamo-nos a atualizar datas e a clarear, ainda Tnais, alguns poucos pontos. E ao “Apêndice” juntamos um novo trabalho, por nós julgado proveitoso à tese explanada neste livro.

I. G. B.

(♦) Publicada em 1961. (Nota da Editora — FEB.)

I A CONFIRMAÇÃO NECESSÁRIA

Diante de inúmeras mensagens que, psicograficamente, vêm sendo recebidas do Alto, por vários médiuns, dentre os quais convém destacar três que já têm publicadas grandes obras consagradas pelos mais cultos espíritas, parece-nos oportuno fazer uma síntese que permita se evidenciar estar sobejamente demonstrado ter sido Kardec um notável missionário, auxiliado por outros companheiros, ressaltando-se, dentre estes, a personalidade de Roustaing, como encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às duas Revelações anteriores.

Os três médiuns a que nos referimos são Zilda Gama¹, América Delgado² e Francisco Cândido Xavier³. Deixamos de citar outros por não estarem ainda conhecidos por meio de obras de grande significação doutrinária.

A Primeira Revelação abrange todo o Velho Testamento e anuncia a vinda do Messias em muitas profecias, das quais basta citarmos o primeiro livro de Moisés, “Gênesis”, cap. 49, v. 10:

“Não se afastará de Judá o cetro, nem a vara do comando dentre seus pés, até que venha aquele de quem ela é, e a esse obedecerão os povos.”

Isaías, cap. 7, v. 14:

“Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal; eis que uma donzela conceberá e dará à luz um filho, e pôr-lhe-á o nome de Emmanuel.”

Esses dois eminentes vultos da Primeira Revelação, Moisés e Isaías, foram nominalmente citados e confirmados por Jesus como prepostos de Deus, grandes profetas. Cumpridos os tempos, veio o Messias. Vamos transcrever o relato de dois evangelistas sobre o seu aparecimento:

Mateus, cap. 1, w. 18 a 23:

“Ora, o nascimento de Jesus-Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, já desposada com José, antes que se juntassem, ela se achou grávida por virtude do Espírito Santo. José, seu marido, sendo reto e não querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Quando, porém, pensava nestas coisas, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, filho de David, não temas receber a Maria, tua mulher; pois o que nela foi gerado é por virtude do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem chamarás Jesus; porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado Emmanuel, que quer dizer — Deus conosco.”

Lucas, cap. 1, vv. 26 a 38:

“No sexto mês foi enviado da parte de Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de David; o nome da virgem era Maria. Aproximando-se dela, disse: Salve! altamente favorecida, o Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir estas palavras, perturbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria esta. Disse-lhe o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. Conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, a quem chamarás Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reino não terá fim. Maria perguntou ao anjo: Como será isso, uma vez que não conheço varão? Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, o que há de nascer, será chamado santo, Filho de Deus. Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês aquela que era chamada estéril; porque nenhuma palavra, vinda de Deus, será impossível. Disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo retirou-se.”

Os aparecimentos e desaparecimentos de Jesus, antes e depois do drama do Calvário, demonstraram a natureza excepcional de seu corpo, mas ficara reservado ao futuro, à Terceira Revelação, o confirmar e explicar essa concepção supranormal.

Quando surgiu a obra “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, Kardec noticiou-lhe o aparecimento em sua revista, às páginas 190, 191 e 192, de junho de 1866, apresentando-a como obra *considerável, com o mérito de não estar em contradição com a Doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos”, em “O Livro dos Médiuns” e em “O Evangelho segundo o Espiritismo”* (únicas obras até então transmitidas ao Codificador), ressaltando que ela continha *ensinamentos incontestavelmente bons e verdadeiros, e que merecia consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos.*

Como se tratasse de assuntos novos, completamente inéditos, quase, diríamos, revolucionários para os meios religiosos da época, Kardec, receoso de que os Espíritos não a aprovassem, receio esse não confirmado, pois que na imensa coleção de “Revue Spirite”, entre numerosíssimas comunicações publicadas, nem uma só encontramos contra a obra de Roustaing, Kardec, dizíamos, por precaução, e pesando sua responsabilidade de Codificador, declarou que ele não havia escrito uma obra semelhante, *porque não a julgava oportuna, e que, apesar de a teoria do corpo fluídico de Jesus nada apresentar de impossível, ele não a aprovava nem reprovava, até que os Espíritos se manifestassem, visto que a obra fora recebida por intermédio de um único médium.*

Vemos que a opinião de Kardec foi pessoal, mas, em vista do seu grande e inigualável valor, surgiram espíritas mais realistas do que o rei, os quais julgaram, erradamente, a prudente reserva de Kardec como condenação definitiva da obra, sem levar em conta que, hoje, a mesma já está com a única sanção que para ela exigia o mestre: a confirmação dos Espíritos.

No Brasil, houve quem julgasse um crime a tradução da obra, e pusesse em dúvida a honra e a dignidade da médium Mme. Emilie Collignon e de Roustaing... para não irmos mais longe.

Para que nossos confrades possam conhecer a opinião de Kardec sobre essas duas respeitáveis personagens, vamos transcrever a palavra do mestre mesmo, de “Revue Spirite” de 1861, páginas 167 a 172:

“Os princípios que aí são altamente expressos (na carta que lhe escrevera Roustaing), por um homem cuja posição o coloca entre os mais esclarecidos, darão que pensar aos que, supondo possuírem o privilégio da razão, classificam todos os adeptos do Espiritismo como imbecis.

“Vê-se que Roustaing, apesar de recentemente iniciado, tomou-se mestre em matéria de apreciação; é que ele tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apreender rapidamente todas as conseqüências da importante questão do Espiritismo, e que, ao contrário de muitos, não ficou na superfície.

“Inielizmente, nem todos têm, como ele (Roustaing), a coragem de dar a sua opinião, e é isso que alimenta os adversários.”

¹ (1) V. “Diário dos Invisíveis”, págs. 241-68.

² (2) V. “Os Funerais da Santa Sé”, 3ª ed., pág. 69.

³ (3) V. “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” capítulo XXII.

Quanto a Mme. Emilie Collignon, de Bordéus, médium absolutamente mecânica, dama da alta sociedade, e que, pessoalmente, não concordava com a teoria do corpo fluídico, enquanto os Espíritos a lançavam pelo seu lápis, transcrevemos a palavra de Kardec na página 288 da “Revue Spirite” de 1865, em noticiário por ele assinado:

“Temos o prazer e o dever de chamar a atenção de nossos leitores para essa brochura (“Palestras Familiares sobre o Espiritismo”, por Mme. Collignon) que inscreveremos, com prazer, entre os livros recomendáveis.”

A autoridade indiscutível de Kardec reconhecia, pois, na médium e no compilador de “Os Quatro Evangelhos”, criaturas superiores, capazes; e hoje, diante da aprovação geral por parte dos Espíritos, nós, espíritas *consciosos* que seguimos o conselho do Codificador, lendo e consultando a obra de Roustaing, temos o dever de aproximar as obras dos dois missionários, e não nos orientarmos por processos dissolventes, como procedem confrades de outros países, onde até hoje combatem a Codificação Kardequiana, por não aceitarem o a que chamam dogma da reencarnação.

Toda a razão tinha Kardec em deixar a teoria do corpo fluídico para ser julgada pelos que lhe sucedessem, depois que os Espíritos se manifestassem, como ele mesmo veio a manifestar-se favoravelmente pela médium Zilda Gama e outros. Toda notícia do Além deve ser julgada com as mesmas precauções, e a responsabilidade do mestre era enorme; mas, ele mesmo teve a fortuna de inserir em sua revista, em 1868, págs. 45 a 55, numerosas comunicações de Espíritos que se apresentaram com nomes respeitáveis, assegurando todas elas que um novo *Messias*, que restabeleceria o Evangelho de Jesus-Cristo, já estava encarnado, apesar de os comunicantes não estarem autorizados a revelar o lugar em que ele havia nascido. (Pág. 45.)

Em nota a essa mensagem, recebida em 1861 e publicada em 1868, escreveu o mestre:

“Esta revelação é uma das primeiras que nos foram transmitidas, mas, outras lhe sucederam. Há muito tem vindo, espontaneamente, grande número de comunicações sobre o mesmo assunto, em diferentes centros espíritas da França e do estrangeiro.”-

E termina assim a nota:

“Isto é um exemplo dos mais notáveis da simultaneidade e da concordância dos ensinamentos dos Espíritos, quando é chegado o tempo de uma questão ser apresentada.”

Todos sabemos que os Espíritos, quando querem enganar, podem, igualmente, fazê-lo através de numerosos médiuns, e isso se teria verificado, se admitíssemos que Kardec fora ludibriado com tais comunicações, publicadas em sua revista, por não se haver confirmado o aparecimento de qualquer messias; mas, se concluirmos que Kardec não foi ludibriado, como cremos, aquelas mensagens, iniciadas em 1861, época em que o Evangelho de Jesus-Cristo começou a ser mediunicamente explicado, em espírito, pelos próprios evangelistas e outros Espíritos, para dois livros diferentes — “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Kardec, no qual aparecem mensagens dos anos de 1859 a 1863, e cuja primeira edição apareceu em 1864, e “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, recebido de 1861 a 1865, e publicado em 1866 —, somos de parecer que as referidas mensagens indicavam exatamente este acontecimento: preparação dos dois livros destinados a promover a compreensão e o revigoração do Evangelho. Elas confirmavam-se: uma dizia que nasceu um novo messias, outras afirmavam que eram vários messias, e outras informavam que já eles estavam encarnados, na França.

A coincidência das datas e o estudo em conjunto dessas comunicações, que tanto interessaram ao mestre, levam-nos à conclusão de que os Espíritos comunicantes não tinham permissão de revelar tudo, mas apenas de indicar vislumbres.

Pelo conjunto das comunicações, podemos, hoje, concluir que a notícia real a transmitir seria esta: — Vários enviados (messias) desceram à Terra, procuraram dois iniciados encarnados na França, e retransmitiram-lhes o Evangelho de Jesus-Cristo, restabelecendo-o, explicando-o, para duas obras que se completam, cada uma, porém, destinada a um público, conforme prometido para a época da vinda do Consolador. De tudo isso concluímos, com os Espíritos, que Kardec, o grande missionário, ao descer à Terra, veio acompanhado de vários missionários auxiliares: “Roustaing, para o trabalho da fé; Léon Denis, para o desdobramento filosófico; Delanne, para a estrada científica, e Flammarion, que nos desenharia as maravilhas das paisagens celestes.”⁴

As três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento, Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência, e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício. Quando um judeu nega o Cristianismo, um católico nega o Espiritismo, ou um espírita nega uma das duas Revelações anteriores, não percebem que estão minando sua própria fortaleza: a eternidade e universalidade das manifestações espirituais. Se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam de cair, e o Espiritismo não subsistiria, porque tais aparições formam a base de três Revelações. Felizmente, está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e, com isso, consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo.

Continuemos tranquilamente nossa tarefa.

Que Deus nos abençoe a todos, dando-nos a graça de compreender os seus missionários, unindo-os definitivamente entre os homens, que, em sua estreita visão, tanta vez se servem das coisas mais sublimes como bandeira de separação e lutas. Graças a Deus, nada mais existe para que as obras dos dois mestres não nos guiem a todos, rumo ao futuro. Todas as incompreensões devem cessar.

II AS PROVAS EVANGÉLICAS

Demonstramos que já está cabalmente sancionada a obra do grande discípulo de Kardec pela confirmação dos Espíritos, que o mestre prudentemente sugeriu fosse esperada. Com essa sanção, os dois autores completam-se na tarefa que lhes foi confiada para restauração do Cristianismo; mas, é necessário salientar que, desde o primeiro momento, o trabalho monumental de Roustaing recebeu aprovação de Kardec, em quase toda a sua estrutura, pois que o único ponto deixado de *quarentena* pelo mestre foi a explicação dada quanto ao corpo de Jesus, aliás, sem qualificá-la de impossível. Em tudo o mais, a Doutrina exposta pelos Espíritos a Roustaing é a mesma inserta nos livros básicos recebidos por Allan Kardec, e por este aceita como tal.

Quanto a esse ponto único, Kardec foi prudentíssimo, e sua reserva só pode aumentar nosso respeito por ele, pois que, naquela época, não estavam perfeitamente estudadas as materializações, tanto assim que o próprio Kardec ainda supunha “*não ;passarem de uma aparência fluídica, e que a nossa mão nenhuma resistência experimental ao tocar as aparições*”⁵. Só muito mais tarde foi suficientemente estudado o fenômeno das materializações, e ficamos sabendo que podem as aparições ter toda a consistência de matéria compacta, servir de original para moldes de parafina, ter peso verificado pelas balanças, órgãos em perfeito funcionamento, examinados por fisiologistas, confirmando, assim, plenamente, certas aparições registradas no Velho e no Novo Testamentos. Isso só veio a ficar bem demonstrado com as materializações de Katie King, pela mediunidade de Florence Cook, e, mais tarde, por muitos outros médiuns, em diversos países. Com a responsabilidade de Codificador, *não aprovando nem reprovando* a obra de Roustaing, Kardec “*deixou ao tempo o encargo de a sancionar ou contraditar*”, e o tempo cumpriu o seu dever galhardamente, porque, cem anos mais tarde, a obra está plenamente sancionada. Ambos os autores transcrevem do Velho Testamento o Decálogo, e demonstram sua concordância com os ensinamentos de Jesus e dos Espíritos, ou seja, a unidade eterna da Revelação Divina.

Já vimos as profecias e a narração de dois evangelistas, quanto ao aparecimento misterioso de Jesus sobre a Terra. Agora vamos passar uma vista de olhos pelas Escrituras para vermos se alguns fatos registrados pelos evangelistas poderiam ser explicados na vida de um Espírito encarnado em corpo de carne e osso, como os nossos.

1) *Jesus escapa das mãos dos seus perseguidores “e o levaram até ao cume do monte sobre o qual estava edificada a cidade, para o precipitarem. Mas Jesus, passando por meio deles, seguiu seu caminho.” (LUCAS, 4:29-30.)*

⁴ (4) “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de Francisco Cândido Xavier, pág. 158, 1ª edição, cap. XXII.

⁵ es) Veja-se a polémica travada em 1866, constante da 2ª edição francesa da obra de Roustaing,

n) *Jesus anda sobre as águas*

“À quarta vigília da noite foi Jesus ter com eles, andando sobre o mar. Os discípulos, vendo-o andar sobre o mar, perturbaram-se e exclamaram: É um fantasma! E de medo gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes falou: “Tende ânimo, sou eu; não temais.” (MATEUS, 14:25-27.) “Entrando ambos na barca, cessou o vento. Os que estavam na barca, adoraram-no, dizendo: *Verdadeiramente és Filho de Deus*” (MATEUS, 14:32-33.)

III) *Jesus continua com o mesmo corpo depois da morte*

“Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se em pé no meio deles e disse: Paz seja convosco. Em seguida disse a Tomé: chega aqui o teu dedo e olha as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.” (JOÃO, 20:26-27.)

Diversas outras aparições, sempre com o mesmo corpo, acham-se registradas nos Evangelhos. Veja-se Mateus, 28:16-20; Marcos, 16:15-20; Lucas, 24:36-43; João, 20:11-23.

Depois da morte aparente na cruz e do sepulcramento, Jesus desapareceu do sepulcro, continuou, com o mesmo corpo, a aparecer e a ensinar a Doutrina. Eis algumas de suas palavras nas aparições:

“Jesus, aproximando-se, disse-lhes: “Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; instruindo-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado. Eis que eu vou convosco todos os dias até ao fim do mundo.” (MATEUS, 28:18-20.)

“Disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem qualquer coisa mortífera, não lhes fará mal algum; porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.” (MARCOS, 16:15-18.)

Conservou o mesmo corpo e continuou agindo, falando e até comendo com os discípulos:

“Tendes aqui alguma coisa que comer? Deram-lhe um pedaço de peixe assado; e, tomando-o, comeu diante deles.” (LUCAS, 24:31-43) — ⁶

“Olhai para as minhas mãos e para os meus pés, pois sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que eu tenho.” (LUCAS, 24:39.)

Ao lermos estas palavras tão claras, pronunciadas por Jesus, lembramo-nos das que Kardec escreveu em “Obras Póstumas” (Primeira parte: Estudo sobre a natureza do Cristo, IV — Palavras de Jesus depois de sua morte) : “Que autoridade maior se pode pretender, do que a das suas próprias palavras? Quando ele diz categoricamente: eu sou ou não sou isto ou aquilo, quem ousaria arrogar-se o direito de desmenti-lo, embora para colocá-lo mais alto do que ele a si mesmo se coloca? Quem pode racionalmente pretender estar mais esclarecido do que ele sobre a sua própria natureza?”

Aqueles que dizem aceitar os Evangelhos, e apresentam Maria como Espírito Excelso, não podem, hoje, depois da confirmação da obra de Rous- taing, negar o ensinamento do corpo fluídico, porque isso seria negar a pureza daquele mesmo Espírito, visto que a sua gravidez, nesse caso, seria resultante de adultério.

Somente os que não aceitam os Evangelhos serão coerentes com o seu ponto de vista; todavia, não se poderão classificar como Kardecistas, porque o Codificador aceitou integralmente os Evangelhos.

Nos originais dos Evangelhos e em algumas traduções insuspeitas e religiosamente neutras encontramos, no versículo 28, cap. 7, de Lucas e vers. 11, cap. 11, de Mateus — *que entre os nascidos de mulher nenhum houve maior que João Batista*; logo, se admitíssemos que Jesus nasceu de mulher, seríamos levados ao absurdo de admitir que João Batista fora maior do que Jesus.

Vemos, pois, dos registros concordes dos quatro evangelistas, que Jesus continuou, depois da sua suposta morte, possuindo o mesmo corpo que tinha antes, e praticando os mesmos atos. Sabemos que ninguém é obrigado a crer nos evangelistas, mas, igualmente, ninguém que negue fé ao Evangelho tem direito de dizer-se cristão, como não seria espírita quem negasse o fato fundamental da Doutrina: as comunicações dos Espíritos.

Kardec crê no Evangelho e toma-o por livro sagrado da Segunda Revelação, como aceita o De- cálogo revelado a Moisés, e transcreve pontos para fundamentar a Doutrina dos Espíritos. Portanto, o Espiritismo codificado por Allan Kardec é cristão, é a Revelação iniciada em Moisés, confirmada por Jesus e continuada hoje pelos Espíritos, em numerosas obras. Dentre essas obras, uma existe, recebida por pessoas dignas de todo o apreço de Kardec, como foram os seus contemporâneos Madame Emilie Collignon e Jean-Baptiste Rous- taing, por ele citados como pessoas sérias, cultas, respeitáveis e bons espíritas. Nessa obra, completando a Revelação dada a Kardec, fica explicada a natureza excepcional do corpo de Jesus. Kardec, muito prudentemente, aconselhou que se aguardasse a confirmação dessa explicação. São decorridos cem anos, e a confirmação está feita por muitos Espíritos superiores, inclusive o mesmo Kardec. Portanto, hoje, a obra de Rous- taing está consagrada como fundamental da Doutrina. Não há ainda unanimidade de opiniões, pois que também quanto ao Evangelho não há ainda unanimidade; existe muita gente no mundo que não aceita o Cristianismo. Há pessoas que só aceitam o Velho Testamento, outras aceitam o Velho e o Novo Testamentos, outras aceitam os dois Testamentos e Kardec; por fim, alguns aceitam a Bíblia, Kardec e Rous- taing. A nosso ver, estes últimos são os mais coerentes, porque as três Revelações formam um todo solidário, pois, quem nega parte, está inconscientemente demolindo sua própria casa, como sucede aos católicos e protestantes que negam os fenômenos espíritas, sem perceber que justamente sobre esses fenômenos, repetidos através da História, foram fundadas e conservadas até hoje suas Igrejas.

Negar fé à obra de Rous- taing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias; é quebrar um dos elos mais fortes dessa divina cadeia de Revelações que vem do Gênesis até aos dias atuais.

Dissemos que os dois livros preparados simultaneamente pelos Espíritos superiores se destinam a públicos diferentes, e vamos explicar mais claramente o nosso pensamento. “O Evangelho segundo o Espiritismo” destina-se ao público que busca no Espiritismo as regras evangélicas de conduta, e com estas se satisfaz, sem exigir maiores explicações. São os homens que já aceitaram o Evangelho como Revelação Divina, e têm a intuição de que tudo no Evangelho está certo e não reclama maior compreensão. Além desse público crente, existe outro, mais exigente intelectualmente, que reclama explicações minuciosas de tudo quanto se acha no livro sagrado do Cristianismo. Para este último foi, ao mesmo tempo, ditada uma obra muito mais ampla — “Os Quatro Evangelhos”, de J.-B. Rous- taing.

Comparando as datas das mensagens ditadas para o livro de Allan Kardec com o período em que foi recebido o de Rous- taing, vemos que os Espíritos os prepararam simultaneamente: o de Kardec apareceu a público em abril de 1864, e o de Rous- taing foi recebido de dezembro de 1861 a maio de 1865, e publicado em 1866.

A obra de Kardec, no Brasil, está, hoje, com mais de sessenta⁷ edições e só agora está sendo preparada a 6^a edição de Rous- taing, que, por ser muito maior, tem menor distribuição. Isso demonstra que não se dirigem ao mesmo público.

A nossa Federação tem tido a fortuna de distribuir sempre os dois livros, desde a sua fundação até hoje, e sente-se ricamente recompensada de seus esforços ao vê-los, ambos, consagrados pela opinião de grandes Espíritos e das pessoas que mais profundamente estudam a Doutrina em nossa Pátria.

Não só pela obra completa de Rous- taing, senão também em “Elucidações Evangélicas”, de Sayão; “A Divina Epopéia”, de Bittencourt Sampaio, e outros livros respeitáveis, a Doutrina revelada pela sublime mediunidade de Mme. Collignon vem sendo divulgada há dezenas de anos, paralelamente com os diversos livros de Allan Kardec, em todo o território nacional; e assim se vai consolidando esse todo grandioso, esse conjunto formado pelas três Revelações. Todos os embates contra o Espiritismo — quer de adversários diretos, quer dos que se dizem espíritas e só atacam por partes a Terceira Revelação — têm, por mercê de Deus, passado sem abalar a obra dos nossos Maiores, que segue sua rota rumo ao futuro.

Rous- taing foi atraído para o trabalho exatamente como o foi Kardec: pela possibilidade das comunicações entre os dois planos da vida. Ambos foram avisados pelos Espíritos que se manifestaram, através de médiuns, de que se deveriam dedicar às suas missões; ambos fizeram alteração nos títulos de suas obras evangélicas por ordem do Alto; ambos receberam aviso de que vários messias (enviados) viriam trabalhar na

⁶ (6) Ver perguntas 12 e 13, págs. 49 e 50, deste livro.

⁷ (7) Dados atualizados pela Editora (FEB), para a 3^a edição, em 1978.

obra de propagação do Espiritismo; ambos retocaram a primeira edição dessas obras, por sugestão dos Espíritos; nenhum dos dois conseguiu, até hoje, conquistar todo o meio estudioso, porque os tempos ainda não foram chegados para essa conquista, sendo, certamente, necessárias as discussões sobre a reencarnação e sobre o corpo fluídico; ambos só conseguiram ter as suas obras publicadas sem interrupção, e até mesmo distribuídas gratuitamente, na “Pátria do Evangelho”; ambos receberam ingratidões entre os seus próprios companheiros, que lhes chamavam — autoritários, dogmáticos e místicos; nenhum dos dois obteve respostas a todas as perguntas que dirigiram aos Espíritos, porque o mundo não as poderia receber naquele momento; e, finalmente, ambos só se dedicaram ao trabalho, só se converteram, após duvidarem, e somente em idade já avançada.

Como vemos, Roustaing, como enviado especial para auxiliar o trabalho do Codificador, passou pelas mesmas fases e sofreu, igualmente, como o missionário-chefe — Allan Kardec.

Ao completarem cem anos as obras de Kardec e Roustaing, sempre firmes e apoiadas pelos dois mundos — visível e invisível —, apesar de todos os ataques e perseguições que pretenderam destruí-las, em nome da Religião, da Filosofia, da Ciência; ataques por vezes perigosíssimos, por virem de dentro dos nossos próprios arraiais, e astuciosamente preparados para desnortear os crentes, podemos dizer que os dois grandes missionários venceram a dura prova do tempo, que destrói todas as construções sobre a areia e só deixa de pé as que foram edificadas sobre a rocha.

A primeira fase da missão da Federação Espírita Brasileira foi levada a bom termo com a solidez já adquirida no Brasil pelas obras dos dois missionários, e, por isso, rendemos graças a Deus, e manifestamos nosso reconhecimento à firmeza de caráter dos nossos antecessores.

A segunda fase, que ora apenas se inicia e que reclamará longo tempo para cumprir-se, há de encontrar em nossos sucessores igual perseverança, idêntica firmeza, porque a Alta Direção, dos Espíritos superiores, guiados por Ismael, é sempre a mesma. Quanto podemos prever dos acontecimentos que se desenvolvem em nossos dias, a segunda fase consistirá em divulgar, em escala mundial, a mesma Doutrina já firmada entre os espíritas do Brasil. Serão necessários muitos decênios ao desenvolvimento dessa segunda fase, porque ela não compreende somente a publicação das obras em Espéranto; exige, preliminarmente, a divulgação do Espéranto, e essa tarefa é muito morosa, está sujeita a muitos imprevistos que a podem atrasar. Cumpramos, porém, o nosso dever, sem nos preocuparmos com a época em que se realizarão as nossas esperanças.

III AUTORES QUE SE COMPLETAM

Já tratamos da harmonização da obra evangélica dos missionários que trouxeram à Terra a restauração do Cristianismo, pondo-o na linguagem dos conhecimentos adquiridos em 1.800 anos decorridos depois da descida do Cristo ao Planeta. Para quantos tenham desenvolvido o *senso moral* e já possuam olhos de ver e ouvidos de ouvir, os dois livros completam-se e projetam nova luz sobre o porvir da Humanidade, embora outros estudiosos ainda procurem minúcias de redação na letra que mata, e apontem pequenas divergências de palavras e frases, quer em Roustaing, quer em Kardec. Hoje, vamos tratar da feitura material das duas obras e anunciar como serão suas próximas edições no “Coração do Mundo”, na “Pátria do Evangelho”.

“O Evangelho segundo o Espiritismo” foi cuidadosamente revisto em confronto com diversas edições francesas, e expurgado de pequenos senões tipográficos que enfeavam a obra do mestre. O dicionário histórico, preparado por Allan Kardec, foi posto em ordem alfabética para facilitar as consultas. A grafia foi modernizada para as novas edições em língua portuguesa. Não supomos que outros senões possam ser descobertos, e cremos que a atual edição brasileira vai ser a forma definitiva do livro, em todas as minúcias.

Se bem seja incompleta essa obra, pois que trata exclusivamente da moral evangélica, deixando sem explicação tudo o que no Evangelho toca as raias da Ciência e da Filosofia, é o manual indispensável a todo espírita, porque contém, na coletânea final de preces, um resumo sintético de toda a Doutrina revelada pelo Cristo e confirmada pelos Espíritos superiores.

Isso quanto à tradução para o vernáculo. Publicamos o mesmo livro também em Espéranto, em tradução bem cuidada e pacientemente revista por pessoas competentes. Essa edição em língua internacional foi recebida com entusiasmo pela crítica literária da imprensa esperantista de diversos países.

“Os Quatro Evangelhos” de J.-B. Roustaing, também conhecido pelo título de “Revelação da Revelação”, pois que explica em todas as minúcias a Revelação crista, e, em linhas gerais, a moisaica, é o curso superior de Espiritismo, no qual se estudam todos os pormenores da vida e da evolução dos seres⁸. É verdadeira enciclopédia de Espiritismo, pois que apresenta duzentas e muitas páginas de índice alfabético de todos os assuntos tratados e apostilas para facilitar as consultas. Não é somente livro de leitura e estudo passageiro, mas obra de consulta sobre todas as interrogações que nos surgem ao espírito durante a vida.

Tudo quanto nos ocorre, e cujo modo de ver da Doutrina desejamos conhecer, é rapidamente encontrado nessas duzentas e tantas páginas de índice alfabético, que nos remetem ao local em que se encontra a explicação. É a maior obra de consulta espírita até hoje publicada.

A nova edição conserva toda a disposição da matéria da anterior, mas foi cuidadosamente revista e, em muitos lugares, o texto evangélico foi modificado ao confronto com as traduções mais modernas e mais perfeitas do que as antigas. Nesse trabalho de confronto, foram consultadas as edições: das “Sociedades Bíblicas Unidas”, do Espéranto, e as novas traduções católicas de Huberto Rohden e Frei João José Pereira de Castro, O.F.M. Graças a essas traduções modernas, foram evitados alguns arcaísmos já completamente incompreensíveis em nossos dias.

Além do índice alfabético por assuntos, a que já nos referimos, foi conservada a “Tábua das Matérias” nos fins de volumes, sendo que, no fim do tomo terceiro, vem uma “chave” de capítulos e versículos de cada evangelista, com a qual o estudioso encontra, rapidamente, o local em que está explicado cada um dos versículos do Evangelho. Todo esse imenso trabalho de transformar a monumental obra de Roustaing em livro de consulta foi realizado por um dos mais cultos e pacientes espíritas que já cumpriram tarefas na Pátria do Evangelho: Guillon Ribeiro. Também a ele devemos a grande divulgação das obras de Kardec por meio de excelentes traduções em lídimo vernáculo. Perfeito conhecedor da Doutrina e seu fervoroso divulgador, aliando profunda cultura a um grande coração, Guillon Ribeiro prestou às letras espíritas no Brasil serviços inestimáveis. Foi ele quem escolheu, traduziu e publicou em português as melhores obras espíritas editadas em diversos países. Todas as suas traduções representam recomendação valiosa para a obra traduzida, dado o seu reconhecido critério doutrinário, e de todas elas a que maior carinho lhe inspirou e mais trabalho deu foi precisamente a de Roustaing, porque, pela infinidade de assuntos estudados, reclamava uma disposição mais didática do que as demais. O ilustre tradutor brasileiro distribuiu a matéria em quatro volumes, tornou-a de mais fácil compreensão, e organizou apostilas, índice, tábua, chave, para tornar rápida qualquer consulta.

Assim, estão publicadas as novas edições desses dois livros, com os quais ficaram unidos para sempre os dois missionários que Deus enviou à Terra para restaurar o Evangelho e preparar a vinda do Reino.

⁸ (8) Faz um estudo minucioso da formação do Espírito através dos três reinos da Natureza e das formas intermediárias. Vejam-se no tomo primeiro o n.º 56 e seguintes.

IV A EXISTÊNCIA DE AGÊNERES

Vimos demonstrando a perfeita coerência das obras dos dois missionários, obras que se completam. O único ponto do livro de J.-B. Roustaing sobre o qual Allan Kardec teve reservas e aconselhou se aguardasse a confirmação universal dos Espíritos foi quanto ao corpo de Jesus. Hoje, transcrevemos um excelente artigo de Kardec, publicado seis anos antes da obra de Roustaing, artigo que forma um verdadeiro “prefácio” para a teoria comunicada em “Os Quatro Evangelhos”. Eis o magistral estudo de Allan Kardec:

“OS AGÊNERES

“Por diversas vezes, temos tratado da teoria das aparições, e a recordamos em nosso último número a respeito dos fenômenos estranhos que então relatamos. Para boa compreensão do que segue, lembramos aos leitores aquele artigo.⁹

“Todos sabem que, entre as mais extraordinárias manifestações produzidas pelo Sr. Home, se achava a aparição de mãos perfeitamente tangíveis, que todos podiam ver e apalpar, que tocavam e apertavam, mas que, de repente, desapareciam, quando desejávamos apanhá-las de surpresa, e nossa mão só encontrava o vácuo. Foi esse um fato positivo que se produziu em muitas circunstâncias, e numerosas testemunhas oculares atestam-no. Por mais estranho e anormal que pareça o fato, o maravilhoso desaparece desde que se possa entender o fenômeno e dar dele uma explicação lógica; passa, então, à categoria dos fenômenos naturais, embora de ordem muito diferente dos que se produzem sob os nossos olhos, e com os quais não os devemos confundir. Nos fenômenos usuais, podemos encontrar pontos de comparação, como aquele do cego que compreendia o brilho da luz e das cores pela comparação com os sons do clarim, que não são semelhantes. Justamente a tendência de tudo querer assimilar ao que conhecemos é o que causa tantas idéias falsas a certas pessoas. Julgam que podem operar sobre esses elementos novos como sobre o hidrogênio e o oxigênio. Nisso está o erro; esses fenômenos estão sujeitos a condições que escapam ao círculo habitual das nossas observações. Antes de tudo, temos de conhecê-los e nos conformarmos com eles, se quisermos obter resultados. Além disso, não podemos perder de vista esse princípio essencial, verdadeira chave da abóbada da ciência espírita, a saber: que o agente dos fenômenos vulgares é uma força física, material, que pode ser submetida às leis do cálculo, enquanto, nos fenômenos espíritas, esse agente é *constantemente uma Inteligência que tem vontade própria, que não podemos submeter aos nossos caprichos.*

“Havia naquelas mãos carne, pele, ossos, unhas reais? Evidentemente não; eram apenas aparência, mas tal que produzia o efeito duma realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não possa proceder do mesmo modo com outros órgãos. Suponhamos, pois, que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do seu corpo, e creemos ver uma entidade semelhante a um de nós, não obstante seja, apenas, um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do Louquinho de Bayonne. A duração dessa aparência está sujeita a condições que nos são desconhecidas; essa duração depende, sem dúvida, da vontade do Espírito que a pode produzir ou fazer cessar a seu gosto, mas dentro de certos limites que ele nem sempre tem a liberdade de transpor. Interrogados sobre isso, como sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, os Espíritos sempre disseram que procedem em virtude de permissão superior.

“Se a aparição corporal é limitada para alguns Espíritos, podemos dizer que, em princípio, ela é variável e pode persistir por tempo mais ou menos longo; que ela pode produzir-se sempre e a qualquer hora. Um Espírito, cujo corpo fosse assim visível e palpável, teria, para nós, todas as aparências dum ser humano, *poderia conversar conosco, assentar-se como qualquer pessoa em nosso lar, porque, para nós, ele seria um dos nossos semelhantes.*

“Partimos de um fato patente: a aparição de mãos tangíveis, para chegarmos a uma suposição que é sua conseqüência lógica; no entanto, não nos aventuráramos a tal suposição, se a história do menino de Bayonne não nos houvesse aberto a porta, mostrando-nos a possibilidade. Interrogado sobre esse ponto, um Espírito superior respondeu -nos que, de fato, *podemos encontrar seres dessa natureza, sem suspeitarmos que não sejam homens normais;* e acrescentou ele que isso é raro, mas se dá. Como, a fim de nos entendermos, precisamos de um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas chamou-lhes *agêneres*¹⁰, para indicar que sua origem não é produto de geração: não são gerados. O fato seguinte, ocorrido, recentemente, em Paris, parece pertencer a essa categoria.

“Uma pobre mulher achava-se na igreja de Saint-Roch e orava, pedindo o auxílio de Deus para sua miséria. Ao sair da igreja, na Rua Saint-Honoré, encontrou ela um senhor que lhe dirigiu a palavra, dizendo-lhe:

— “Boa mulher, gostaria V. de encontrar trabalho?”

— “Ah! meu bom senhor, disse ela, estou rogando a Deus que me faça encontrar, porque sou muito infeliz.

— “Pois bem! vá a tal rua, número tanto; V. pedirá a Mme. F... ; ela lhe dará trabalho.”

“Dito isso, prosseguiu ele seu caminho. A pobre partiu logo para o local indicado. — “Com efeito, eu tenho de mandar realizar um serviço, disse a senhora em questão, porém, como ainda nada disse a ninguém sobre isso, como foi que V. veio procurar-me?”

“Vendo, então, um retrato pendente da parede, a pobre respondeu:

— “Minha senhora, quem me mandou aqui foi aquele senhor.

— “Aquele senhor! — exclamou a senhora com espanto; mas, isso não é possível; este retrato é de meu filho morto há três anos.

— “Não sei como se deu isso, mas asseguro-vos que foi aquele senhor que encontrei, quando eu saía da igreja, onde fui rogar a Deus que me ajudasse; ele me falou, e foi realmente ele quem me mandou aqui.

“Como vemos, nada haveria de surpreendente em que o Espírito do filho dessa senhora, para prestar serviço a uma mulher pobre, cuja prece ele ouvira, lhe aparecesse sob a sua forma corporal com o fito de lhe indicar o endereço de sua mãe. Que se fez dele depois? Sem dúvida, o que ele era antes: um Espírito, a menos que ele tenha julgado conveniente mostrar-se a outras pessoas sob a mesma aparência, e, assim, tenha continuado seu passeio. Portanto, aquela mulher teria encontrado um *agênere*, com o qual teria ela conversado. Mas, então, dir-se-á, por que não se apresentou ele à sua mãe? Em tais circunstâncias, os motivos determinantes dos Espíritos são-nos totalmente desconhecidos; procedem como lhes parece bem, ou, antes, como eles mesmos têm dito, em virtude de uma permissão, sem a qual não podem manifestar materialmente sua existência. Além disso, compreende-se que sua aparição poderia causar perigosa emoção à genitora; e, quem sabe, não se teria ele apresentado a ela durante o sono ou de algum outro modo? De qualquer sorte, o aparecimento à pobre não foi um meio de revelar ele sua existência igualmente à genitora? É muito provável que ele tenha sido testemunha invisível da conversação no lar materno.

“O Louquinho de Bayonne não nos parece que deva ser considerado um *agênere*, pelo menos nas circunstâncias em que se manifesta; porque, para a família, tem ele tido sempre caráter de um Espírito, caráter esse que ele nunca procurou dissimular: esse era seu estado permanente, e as aparências corporais que tomava eram apenas acidentais. O *agênere* propriamente dito não revela, por outro lado, sua natureza, e aos nossos olhos é somente um homem como os outros; sua aparição corporal, quando necessário, pode ser de duração bastante longa para que ele possa estabelecer relações sociais com um ou diversos indivíduos.¹¹

“Pedimos ao Espírito São Luís a bondade de esclarecer-nos sobre esses diferentes pontos, respondendo às nossas perguntas.

⁹ (9) “Revue Spirite”, de janeiro de 1859, págs. 11 a 18. — O Tradutor.

¹⁰ (10) A palavra, então cunhada pela “Société Parisienne des Études Spirites”, já pertence, hoje, igualmente ao nosso idioma. O Dicionário de Laudelino Freire define-a assim: “S. f. Espiritismo. Aparição tangível, em que o espírito assume a forma de pessoas vivas.”

O “Vocabulário Ortográfico” também dá como s. f., isto é, substantivo feminino, mas nos parece que o certo deve ser s. m., por isso escrevemos “Os Agêneres”, como escreveu Kardec: un agê-nère; porque está subentendido o substantivo “homem” no artigo de Kardec, e não “forma”, como supuseram os dicionaristas do Brasil e Portugal. Trata-se de “um homem não-gerado” como os outros, e não de “forma não-gerada”. Guillon Ribeiro empregou o substantivo como masculino.

¹¹ (11) Os exemplos clássicos na Bíblia são o do anjo que viajou com Tobias e o do aparecimento de Jesus-Cristo sobre a Terra. — O Tradutor

“1. Poderia o Espírito do Louquinho de Bayonne mostrar-se corporalmente em outros lugares e a outras pessoas além de sua família? — R. Sim, sem dúvida.

“2. Depende isso da vontade dele? — R. Não só de sua vontade; o poder dos Espíritos é limitado; só fazem o que lhes é permitido.

“3. Que teria sucedido se ele se apresentasse a uma pessoa que o não conhecesse? — R. Essa pessoa tomá-lo-ia por uma criança como qualquer outra. Dir-vos-ei uma coisa: *algumas vezes há sobre a Terra Espíritos que revestem essa aparência e são tomados como homens normais.*

“4. Tais seres pertencem à categoria de Espíritos inferiores ou superiores? — R. *Podem 'pertencer a ambas as categorias;* são fatos raros. Tendes exemplos na Bíblia.¹²

“5. Raros ou não, basta que tais fatos ocorram para merecerem atenção. Que sucederia se, tomando um tal ser por um homem ordinário, lhe fizessem um ferimento mortal? Seria ele morto? — R. Ele desapareceria subitamente como o jovem de Londres. (Veja-se o número de dezembro de 1858, da “Revue Spirite”: “Fenômeno de bicorporeidade”.)

“6. Têm eles paixões? — R. Sim, como Espíritos, eles têm paixões de Espíritos, conforme sua inferioridade. Se tomam um corpo aparente, algumas vezes é para gozar as paixões humanas; quando são elevados, fazem-no para um fim útil.¹³ “7. Podem eles gerar? — R. Deus não o permitir ia; isso seria contrário às leis por Ele estabelecidas sobre a Terra, e essas leis não podem ser frustradas.

“8. Se uma tal entidade se nos apresentar, teremos um meio de reconhecê-la? — R. *Não, a não ser pela sua desaparecimento, que ocorre de modo inesperado.* É fato igual ao transporte de móveis do andar térreo para o sótão, como já lestes antes.

NOTA — Alusão a um fato dessa natureza relatado no começo da sessão.

“9. Que finalidade pode incitar certos Espíritos a tomar esse estado corporal; é, antes, para o bem ou para o mal que o fazem? — R. Muitas vezes para o mal; os bons Espíritos têm a seu dispor a inspiração; agem sobre a alma e por meio do coração. Sabeis que as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores, e que essas são daquele número. Entretanto, como eu já disse, Espíritos bons podem também tomar essa aparência corporal com fim útil; falei de um modo geral.

“10. Nesse estado podem eles tomarem-se visíveis ou invisíveis à vontade? — R. Sim, pois que podem desaparecer quando querem.

“11. Têm eles um poder oculto superior ao dos outros homens? — R. Eles só têm o poder que lhes confere sua categoria espiritual.

“12. Têm eles necessidade real de alimentos? — R. Não; seu corpo não é real.

“13. Embora o jovem de Londres não tivesse um corpo real, ele almoçou com seus amigos e apertou-lhes a mão. Que se fez do alimento ingerido por ele? — R. Antes de apertar a mão, onde estavam os dedos que fizeram a pressão? Compreendeis que o corpo desaparecesse. Por que não quereis compreender que *a matéria também desapareça*? O corpo do jovem de Londres não era uma realidade, pois que ele estava em Boulogne; portanto, era uma aparência; o mesmo se dava com o alimento que ele parecia ingerir.

“14. Se tivéssemos um desses seres em nosso interior, seria isso um bem ou um mal? — R. Seria antes um mal; demais, não se podem manter longas relações com esses seres. Nunca será demais repetir-vos que esses fatos são extremamente raros e nunca têm caráter de permanência. As aparições corporais instantâneas, como a de Bayonne, são muito menos raras.

“15. Algumas vezes toma essa forma um Espírito familiar protetor? — R. Não; não tem ele as cordas interiores? Toca-as com mais facilidade do que o faria em forma visível que tomaríamos por um homem como os outros.

“16. Tem-se perguntado se o Conde de São Germano pertenceria à categoria dos *agêneres*. — R. Não; ele era um hábil mistificador.

“A história do jovem de Londres, relatada em nosso número de dezembro de 1858, é um caso de bicorporeidade, ou, melhor, de dupla presença, que difere essencialmente do que estamos tratando. O *agênere* não tem corpo vivo sobre a Terra; só o seu perispírito toma forma palpável. O jovem de Londres estava perfeitamente vivo. Enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu Espírito, envolto em seu perispírito, foi a Londres e lá tomou uma aparência tangível.

“Temos, pessoalmente, um caso mais ou menos análogo. Enquanto estávamos comodamente na cama, em nossa casa, um dos nossos amigos via-nos várias vezes em sua residência; embora em aparência não tangível, assentávamo-nos a seu lado, conversando com ele como de costume. Certa vez, ele viu-nos de *robe de chambre*, outras vezes de paletó. Transcrevia ele nossa conversação e no-la comunicava no dia seguinte. Como bem se pode imaginar, essa conversação era sobre trabalhos de nossa predileção. Visando a fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos, e eis a nossa resposta: “Não tenho necessidade, pois que o meu corpo não é que está aqui; vós o sabeis; portanto, não há necessidade de produzir-vos uma ilusão.” Uma circunstância bem estranha dava-se nessa ocasião. Por predisposição natural, ou como resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios, desde a nossa juventude, poderíamos dizer até desde nossa infância, o fundo do nosso caráter foi sempre de extrema gravidade, mesmo na idade em que só se cuida dos prazeres. Essa constante preocupação dá-nos muita frieza de trato, frieza mesmo excessiva; pelo menos, isso nos tem sido criticado muitas vezes; mas, sob esse invólucro de aparência glacial, o Espírito tem sentimentos mais vivos, talvez, do que se ele tivesse mais expansão exterior. Pois bem, em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, foi ele surpreendido de nos encontrar totalmente outro; alma mais aberta, mais comunicativa, quase alegre. Tudo em nós respirava a satisfação e a calma do bem-estar. Não é esse o estado do Espírito quando despreendido da matéria?

ALLAN KARDEC”

(«Revue Spirite», fevereiro de 1859.)

Pedimos especial atenção do leitor para esta resposta de S. Luís, dada à 4ª pergunta de Kardec: «Tendes exemplos na Bíblia.»

Assim, pela classificação de Kardec, Jesus foi um agênere, mas não foi o único, se bem tenha sido o de maior elevação que o mundo conheceu. Quanto a ser um Espírito que fazia e desfazia seu corpo à vontade e conforme as necessidades, Jesus teve muitos similares; porém, quanto à sua hierarquia e à sublimidade de sua Missão, ele foi único.

Os Espíritos já deram plena confirmação à revelação feita a Roustaing, de ser Jesus um agênere, único ponto então posto de «quarentena» pelo mestre.

V SIMULTANEIDADE DE ENSINAMENTOS

Vimos no capítulo anterior que Allan Kardec cunhou a palavra *agênere* para expressar um ser humano que não foi gerado, mas que se formou por uma condensação de fluidos em torno do seu perispírito, semelhantemente ao caso do Louquinho de Bayonne e outros por ele mesmo citados, e submeteu ao Guia, São Luís, um interrogatório sobre a existência de tais seres, no mundo. O Guia confirmou tal existência e declarou que há exemplos na Bíblia. O mesmo Kardec, mais tarde, menciona, da Bíblia, o caso do anjo que acompanhou o jovem Tobias.

Em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. XIV, §§ 5 a 7, o mestre trata do episódio em que Jesus interrogou: “*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*” e apresenta-nos os seguintes raciocínios:

“Singulares parecem algumas palavras de Jesus, por contrastarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que ele se contradizia. Pato, porém, irrecusável é que a sua doutrina tem por base principal, por pedra angular, a lei de amor e de caridade. Ora, não é possível que ele destruísse de um lado o que de outro estabelecia, donde esta consequência rigorosa: se certas proposições suas se acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que se lhe atribuem foram ou mal reproduzidas, ou mal compreendidas, ou não são suas.

¹² (12) São muito numerosos esses fatos na Bíblia. Antes e depois da crucificação, Jesus aparecia com o mesmo corpo, e até tomava alimentos como qualquer homem.

Informa-nos o nosso eruditíssimo confrade Dr. Carlos Imbasahy que o nascimento de Krishna e de outras personagens semilendárias da Índia antiga ter-se-ia revestido dos mesmos mistérios que envolveram o aparecimento de Jesus. Teriam sido agêneres, igualmente, tais personagens. Não possuímos suficientes dados para formar opinião própria, e limitamo-nos a registrar aqui essa comunicação daquele culto amigo.

Quanto a Jesus, possuímos esses dados, e não temos dúvida.

¹³ (13) Lembramos mais uma vez que Jesus continuou a dar instruções aos discípulos, depois de haver passado seu corpo aparente pelo sepulcro, aparecendo-lhes sempre tão materialmente como antes da crucificação. As aparições registradas por Allan Kardec confirmam e explicam o relato dos evangelistas. — O Tradutor.

“Causa admiração, e com fundamento, que neste passo mostrasse Jesus tanta indiferença para com os seus parentes e, de certo modo, renegasse sua mãe.”

A primeira edição de “O Evangelho segundo o Espiritismo” apareceu em abril de 1864, precisamente quando, noutra cidade da França, os Espíritos estavam escrevendo a obra “Os Quatro Evangelhos”, publicada por J.-B. Roustaing em 1866, ou seja, dois anos após o livro de Kardec. Coube a Kardec escrever a frase: “... *en quelque sorte renier sa mère*” (pág. 204 da 1ª ed. de “*L’Imitation de l’Évangile selon le Spiritisme*”), deixando registrada sua surpresa (*On s’étonne avec raison...*), para, dois anos mais tarde, os Espíritos publicarem a explicação decisiva de que, realmente, Jesus não teve mãe nem irmãos carnais, e que aquela frase tem sentido literal: as pessoas que o vinham procurar não eram sua mãe nem seus irmãos.

Foi, portanto, pela mão do mestre que ficaram escritas e publicadas, em tempo oportuno — 1859 (o artigo *Les Agénères*, em “*Revue Spirite*”) e 1864 (já citado acima) —, as palavras preparatórias para se compreender o ensino que os Espíritos teriam de trazer quanto à natureza do corpo de Jesus.

Hoje, reunindo esses documentos com a serenidade que nos permitem os cem anos decorridos, ficamos pasmados com a previdência dos Espíritos prepostos à obra de restaurar o Cristianismo. Previram, já em 1859, que Kardec guardaria reserva quando lhe fosse apresentada a teoria do corpo de Jesus, e inspiraram-lhe cunhar, de antemão, o nome *agénere*, e registrar sua surpresa por haver Jesus renegado *sua* mãe. Tudo ocorreu como previram. Kardec, muito prudentemente, declarou que aquela teoria nada tinha de impossível, mas que ainda dependia da confirmação dos Espíritos. Hoje, está obtida essa confirmação por numerosos Espíritos, inclusive o mesmo Kardec, e notamos que, realmente, já existia confirmação desde 1859 pelas respostas de São Luís, publicadas por Allan Kardec.

Por outro lado, a Escola Espírita inglesa, que, exclusivamente por preconceitos contra a reencarnação, não aceitou Kardec, vem caminhando rapidamente rumo à Escola Kardequiana, porque já são numerosos os grandes médiuns ingleses que recebem a doutrina reencarnacionista.

Um engano muito desculpável cometeu o ilustre crítico inglês Mason Stuttard, em sua linda apreciação sobre “O Livro dos Espíritos”. Essa crítica, publicada em *Espéranto Internada* de setembro de 1946 e reproduzida em “*Reformador*” de dezembro, diz que o mesmo que se deu com outras religiões deu-se com o Espiritismo: com o tempo, dividiu-se em diversas escolas diferentes umas das outras. Desculpável o engano, porque Mason Stuttard não é espírita, não acompanha o nosso movimento. Apanhando as diferenças existentes, supõe que a Doutrina dividiu-se; mas, justamente o contrário é a verdade. O Espiritismo nasceu simultaneamente em diversos lugares; não nasceu da pena de um escritor ou da boca de um profeta único, como as religiões anteriores. Só agora, e a pouco e pouco, ruma ele para a uniformidade no futuro. Seu caminho é da diversidade para a unidade, quando o das antigas religiões foi o da unidade para a diversidade.

Não é sectarismo nosso o pensarmos que essa unidade dar-se-á em torno da Codificação Kardequiana, porque percebemos a obra inteligente dos Espíritos na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Não pensamos em uma unidade ortodoxa e obrigatória para todos, em todas as minúcias, como pretenderam as Igrejas, em todos os tempos, mas numa série de princípios gerais que venham a ser aceitos universalmente pela maioria dos crentes que estudam para aprender, e não somente para discutir. Quanto aos eternos negadores e discutidores, serão os mesmos saduceus do tempo de Jesus.

Quando se dará essa união das duas grandes Escolas, a kardequiana e a inglesa? Pela simpatia com que vão sendo recebidas na Inglaterra nossas edições em Espéranto de “O Livro dos Espíritos”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “Há dois mil anos...”, “Na Sombra e na Luz”, “Nosso Lar”, e pela obra imensa dos Espíritos, podemos supor que não vem longe esse tempo. Mas, não tenhamos a ilusão de que os velhos adversários da reencarnação, na Inglaterra, venham a aceitar a obra de Kardec. Só a mocidade irá aceitando a Codificação e formando uma nova escola que, pelo desaparecimento dos velhos, irá ocupando todo o campo doutrinário.

Quanto à discussão sobre Kardec-Roustaing, como vimos nesta série de argumentações, é matéria passada em julgado, assunto posto fora de debates para quantos queiram estudar para aprender, e não somente para exhibir erudição e contraditar sem amor nem respeito algum pela verdade.

O fim desta discussão de aparência tão banal é mais importante do que parece, porque os negadores põem em dúvida as Escrituras e, com isso, abalam as bases tomadas por Allan Kardec e Roustaing. De fato, Kardec funda a Codificação sobre as duas Revelações anteriores: Apóia-se em Gênesis, Deuteronômio, Job, Jeremias, menciona Tobias, no Velho Testamento. Logo, quem nega autoridade à Bíblia, mina a obra de Kardec e de Roustaing, preparando-lhes a queda, e, mais ainda, ao negarem uma das maiores obras mediúnicas de todos os tempos, como é a de J.-B. Roustaing, lançam dúvida sobre toda a mediunidade, sobre a Terceira Revelação.

Era, pois, nossa obrigação esclarecer, como o vimos fazendo, que a união de Kardec e Roustaing está realizada pela obra do tempo. Se ainda há pessoas contraditórias que se dizem kardequianas e, ao mesmo tempo, negam fé à Bíblia e à “Revelação da Revelação”, de Roustaing, isso apenas demonstra que tais pessoas não estudaram suficientemente o assunto de que tratam e se contradizem; deixaram-se empolgar por espírito negativo e demolidor, e não percebem que estão fazendo a obra dos adversários do Espiritismo. São negadoras por índole tais pessoas; mas não nos preocupe isso, porque nada prevalecerá contra a Verdade e o Plano Superior dos Espíritos. Em outras encarnações, essas pessoas virão a ser mais bem esclarecidas, e, com o passar dos séculos, a Doutrina chegará a uma unidade com que nunca puderam sonhar os profetas das religiões do passado. Repitamos que as Escolas antigas nasceram da pregação de um só Profeta e, com o tempo, se foram dividindo em seitas; mas, o Espiritismo nasce simultaneamente em todos os lugares, por uma infinidade de médiuns, e, a pouco e pouco, caminha para a unidade. As velhas religiões viveram quando tudo era dividido no mundo pela falta de transportes e comunicações, havia diversas pequenas culturas e civilizações apartadas uma das outras por numerosas barreiras que tudo dividiam. Sofreram as divisões em seitas. De agora para o futuro, o progresso vai abatendo todas as barreiras e universalizando a civilização, tudo fundindo num todo harmonioso. Num mundo intensamente servido pelo rádio, pela televisão, pelo Espéranto, pela aviação rápida, como será o nosso nos vindouros milênios, tudo tenderá para a unidade, e em tal mundo é que o Espiritismo cumprirá sua gloriosa missão. Não tenhamos o mínimo receio de fracionamentos, porque o Espiritismo é dirigido por grandes Inteligências a serviço de Deus, e contra sua unidade não poderão prevalecer por longo tempo as gloriolas dos negadores vaidosos que tentam dividir, fazer seitas, para exibirem erudição e adquirirem prestígio, ainda que em minúsculas rodas de outros negadores. A negação é morte e divide sempre, até desaparecer; a afirmação é vida e unifica sempre, para a Eternidade. Afirmemos, pois, que as três Revelações se completam; que todo o Espiritismo tende para a unidade nos Planos Divinos, sob a direção de Altos Espíritos; que a escola Kardec-Roustaing tende a universalizar-se e servir de base a todo o edifício do futuro. Deus abençoa e ampara seus grandes missionários.

VI ARGUMENTOS ILÓGICOS

Até agora, temos apresentado os argumentos que provam haver sido Jesus um *agénere*, poderíamos dizer, o mais sublime *agénere* de que se tem notícia, mas não refutamos os argumentos dos que negam o fato. Vamos agora examinar o que se tem escrito contra.

1.º) Kardec disse que não era impossível, mas teríamos de aguardar a confirmação do fato.

É o único argumento sério que conhecemos, não contra, mas pondo de reserva a afirmação dos Espíritos que revelaram a natureza excepcional do corpo de Jesus. Argumento provisório que teria de ser confirmado ou negado pelos Espíritos nos tempos futuros, depois de Kardec. Os Espíritos já confirmaram que Jesus foi um *agénere*, e, dentre os Espíritos, o mesmo Kardec, comunicando-se pela médium Zilda Gama, confirmou a revelação apresentada a Roustaing. Desfeita pelo tempo a judiciosa reserva de Kardec, vejamos o que dizem outros.

2.º) Jesus foi dado por Deus aos homens como modelo de conduta a ser imitado; portanto, tinha de ser um homem de carne e ossos como nós, pois, de outra forma, não poderia servir-nos de modelo; não poderíamos imitar um anjo; teríamos de imitar um homem.

Este argumento é totalmente materialista e revela a inferioridade dos Espíritos que o inspiram aos seus médiuns. A criatura não é um corpo de carne e ossos, é um Espírito, e, com ou sem corpo, ela continua sendo Espírito. Em corpos de carne e ossos podem aparecer os maiores

monstros ou os mais sublimes santos, os gênios do mal, que flagelam a Humanidade, ou os do bem, que projetam luz no caminho do progresso. Mesmo que tivesse um corpo de carne e ossos como os nossos, Jesus seria sempre o mesmo Espírito sublime, não teria como nós os arrastamentos para o mal e seria levado sempre à prática do bem. Logo, ele é nosso modelo espiritual, alvo longínquo a atingirmos, mas não um homem como nós, porque sua superioridade é imensa em comparação a nós. Quem supõe, com esse raciocínio, que ele não poderia ser nosso modelo sem possuir um corpo como o nosso, supõe, igualmente, que, para ser nosso modelo, deveria ele ter todas as nossas paixões inferiores e saber vencê-las. Mas, ninguém crê que ele tivesse as nossas paixões, de Espíritos inferiores que somos, ou que, tendo-as, tivesse forças de vencê-las sempre e agir de modo sublime. Portanto, negam, sem o perceber, que ele possa ser nosso modelo. Se a questão fosse somente de corpo, como supõe esse grosseiro argumento materialista, indigno de qualquer espírita, a conclusão seria que os Espíritos desencarnados não têm as nossas paixões inferiores, que estas morrem com o corpo. Nada mais contrário aos princípios elementares dos fatos e da Doutrina, porque sabemos que os ébrios, os concupiscentes, os vingativos, depois de mortos, tendem a ser obsessores e a levar seus médiuns a praticar os mesmos vícios, isto é, a satisfazerem às suas paixões com o organismo dos seus obsidiados.

Esse arrazoado é filho do materialismo inconsciente, que só conceberia o Espírito perfeito, tornando-se milagrosamente perfeito pelo desaparecimento do corpo. Houve, realmente, quem pensasse que os Espíritos tudo sabem, tudo podem, que são seres sobrenaturais; mas, o Espiritismo, com a linguagem indestrutível dos fatos, veio lançar por terra tal pensamento e mostrar-nos Espíritos com todos os defeitos ou com todas as virtudes dos homens.

Não se baseia em nenhum texto evangélico esse falso aforismo, não tem apoio nos fatos, não é lógico, é mera suposição ignorante, não passando mesmo de simples e ilógica suposição. Nada absolutamente vale, senão para crianças espirituais, incapazes de raciocinar com um pouco de senso.

3.º) O Evangelho afirma que Jesus praticava atos materiais, como tomar alimentos e bebidas, e não é justo supor que tais atos fossem apenas aparentes e não reais; ele estaria enganando-nos.

Igualmente nulo este raciocínio, pois que o Evangelho e os Atos dos Apóstolos declaram-nos que, depois de *morto* e ressuscitado, Jesus praticava esses mesmos atos materiais: comeu peixe na praia, partiu o pão com os discípulos, em Emaús, mandou que Tomé lhe metesse o dedo e a mão nas chagas, para provar que seu corpo tinha toda a consistência. Logo, se o corpo com que morreu na cruz fosse material, pelo menos o segundo corpo, com o qual aparecia depois de sepultado, seria o de um *agênere*. Era precisamente o mesmo corpo antes e depois da morte aparente, afirmou-o ele próprio. Com esse corpo, antes da morte, ele andou sobre as águas, desapareceu do meio dos seus perseguidores; depois da morte, apareceu num recinto fechado, falou, comeu, partiu pão. Por que, então, invocam tal argumento os adversários do Espiritismo? Parece que procuram o Evangelho apenas para se contradizerem grosseiramente diante dos textos. É novamente um argumento inspirado por Espíritos atrasados, de base materialista, próprio de pessoas que não crêem no reaparecimento de Jesus depois da morte, argumento destruído pelo Novo Testamento e pelo testemunho dos que trataram pessoalmente com Jesus. Novamente se nos depara, pois, um raciocínio de valor nulo.

4.º) Jesus dizia-se, a cada passo, filho do homem; sofreu bofetadas, açoites, crucificação e morte como homem. Se tudo isso foi apenas aparência, então teria ele representado uma farsa indigna de um Espírito superior.

Este argumento é bem parente do que acima numeramos como 29.

Jesus era Espírito, e homem é Espírito. Ele não era um deus, um ser sobrenatural, porque era um Espírito humano como o somos, apenas muito mais adiantado do que nós. Poderia ter sofrido mais do que um de nós as ofensas físicas, porque seu corpo era mais delicado do que o nosso; mas, seu poder sobre a matéria ficou demonstrado nas curas instantâneas que fez; portanto, poderia, igualmente, insensibilizar seu próprio corpo e nada sofrer, ainda que seu corpo fosse material como os nossos. Não assistimos hoje à insensibilização de um corpo vivo, por um hipnotizador, para operações cirúrgicas? Inegavelmente, porém, ele não tinha os germens do mal que reside em nós, não se encolerizava, não desejava vingar-se; podia libertar-se do sacrifício, se o quisesse; mas, não o quis. Poderia, tragicamente, esmagar seus adversários e não o fez. Tudo isso que ele poderia ter feito e não o fez, dependia do Espírito, da sua força de vontade, e não do corpo. Mesmo que o seu corpo fosse como os nossos, seu poder espiritual era bastante para vencer seus algozes, se o desejasse; mas, a sua missão era a de exemplificar com seu próprio sacrifício, e ele cumpriu-a rigorosamente.

Só o materialismo pode imaginar que o sofrimento tenha sua sede no corpo físico e que um corpo formado no momento, pelo Espírito, seja insensível. As materializações vieram provar que o Espírito materializado tem sensibilidade delicadíssima. Se é verdade que Jesus se proclama, várias vezes, Filho do homem, menos verdade não é haver ele declarado que tinha o poder de deixar a vida e de retomar a vida quando queria (João, 10:17 e 18), isto é, de desfazer e de refazer o seu corpo, pois que os seus ouvintes só concebiam a vida do corpo, como ainda hoje a maioria da Humanidade só assim a concebe. Não só disse, mas o fez diante de todos, porque reapareceu de pé, com o mesmo corpo, depois de sepultado. Assim, nada vale, igualmente, este quarto argumento. E, depois deste, os inimigos da Doutrina só apresentam insultos, expressões coléricas contra a obra de Roustaing, isto é, demonstram pela sua irritação qual é a natureza dos Espíritos que lhes inspiram o combate contra o grande missionário, contemporâneo e colaborador de Kardec.

Vamos concluir este capítulo. Os argumentos contra a revelação feita a Roustaing, quanto ao corpo de Jesus, nada valem. Decorre dos Evangelhos e outros livros da Bíblia que Jesus foi um *agênere*, e, para negar o fato, é necessário negar a Bíblia. Como a Codificação Kardequiana não nega a Bíblia, mas, ao contrário, a confirma e cita versículos do Velho e do Novo Testamento, em abono da Terceira Revelação, enumerando o Velho Testamento como a Primeira, o Novo Testamento como a Segunda e o Espiritismo como a Terceira Revelação, quem nega que Jesus tenha sido um *agênere* nega também a Codificação Kardequiana: não é espírita.

Além de negar a Codificação, quem se insurge contra a obra de Roustaing levanta-se contra uma grande obra mediúnica, e, como a mediunidade é a fonte da qual decorre o Espiritismo, tal negador lança a dúvida sobre essa mesma fonte: é um inimigo da Doutrina, mesmo que por outras palavras afirme o contrário. Consciente ou inconscientemente tal pessoa está trabalhando contra o Espiritismo, isto é, contra as três Revelações.

Se os inimigos de Roustaing, do mesmo modo que os adversários da prece, triunfassem, o Espiritismo transformar-se-ia logo em simples experimentação metapsiquista ou parapsicológica, sem finalidade alguma, e já não teria sequer o direito de chamar-se Espiritismo, porque esta palavra foi cunhada por Allan Kardec para nomear um corpo de Doutrina que se baseia nos dois Testamentos da Bíblia e nas comunicações mediúnicas, e recomenda a prece, em perfeita concordância com as três Revelações.

Paxeceu-nos conveniente incluir aqui os que condenam a prece, juntamente com os que proíbem o estudo da obra de Roustaing, porque, na verdade, pertencem à mesma categoria de inimigos do Espiritismo: dizem-se espíritas, freqüentam grupos espíritas, escrevem em jornais espíritas, mas vão, consciente ou inconscientemente, tentando minar os fundamentos de toda a obra de Kardec, obra que se assenta sobre a Bíblia e sobre as comunicações mediúnicas.

A um exame menos profundo, parece que estes dois pontos não são vitais, e causa admiração a veemência com que esses inimigos da nossa Doutrina investem contra Roustaing e a prece; mas, examinando-se mais detidamente, compreende-se que se trata de questões básicas e que tais inimigos são diabolicamente inteligentes em seu processo de minar a obra toda do mestre. Nos países onde eles conseguiram triunfar contra a prece e contra a obra de Roustaing, todo o edifício caiu, - está por terra e não sabemos quando se reerguerá.

Não desejamos impor nossas convicções a ninguém, mas pedimos ao estudioso que examine por si mesmo a marcha do Espiritismo na França, na Alemanha, na Bélgica, na Itália, e diga à sua própria consciência se o Espiritismo não desapareceu quase totalmente nesses países e se quem o destruiu foram os inimigos externos — materialistas, clero, e outros — ou se foram esses inimigos internos que começaram por atacar a grande obra mediúnica de Collignon, publicada por J.-B. Roustaing, lançando o descrédito sobre a mediunidade em geral, e sobre a prece, recomendada por Moisés, pelo Cristo e por Allan Kardec.

Ao defendermos a obra de Roustaing e a prece, estamos defendendo a vida mesma da Doutrina. O leitor inteligente e estudioso aprofunde-se

no assunto e virá cerrar fileiras conosco, se realmente amar a Doutrina e sentir que ela é a única salvação possível para a sociedade humana.

VII DIVERSIDADE DE PROCESSOS DA NATUREZA

Um argumento muito solene e presunçoso das pessoas que contestam a teoria do corpo fluídico de Jesus, e que, no entanto, nada vale, é que as leis de Deus na Natureza são irrevogáveis, e que Ele estabeleceu como lei, para a reprodução da vida, a união dos dois sexos.

É presunçoso, porque conhecemos pouquíssimo das leis de Deus na Natureza; sabemos que estamos muito longe de poder traçar limites finais e, deste pouco que conhecemos, notamos que há infinita variedade de processos. As plantas reproduzem-se pela união dos dois sexos: há a flor masculina que, pelo seu pólen, fecunda a feminina, assim como também há flores andróginas. Outros vegetais existem que possuem os mais variados métodos de reprodução assexuada. Os fetos, os cogumelos, os musgos e as algas marinhas desprendem miríades de células ou esporos, cada qual capaz de dar origem diretamente a um novo vegetal. Muitos lavradores empregam a estaca, a olhadura, parte da rama de muitas plantas para a reprodução sem a reunião dos sexos. Vemos tapiocais e canaviais feitos exclusivamente pelo processo de reprodução por um olho, e não pela semente que representaria o ovo fertilizado, ou a união dos dois sexos.

Nas sessões de materialização assistimos ao fenômeno de um Espírito tomar de empréstimo matéria ectoplásmica do médium e dos assistentes, e formar para si mesmo um corpo substancial com o qual pratica todos os atos de um homem normal: fala, escreve, faz moldes, maneja uma tesoura, etc., assim como, nesse corpo carniforme, são sentidas as pulsações do coração, o sopro pulmonar e muitos outros característicos do ser humano - -camal.

Como, pois, nos atreveríamos a traçar limites ao poder de Deus, estabelecendo leis naturais negativas?

Se realmente o nosso corpo foi produzido dentro de uma lei conhecida de cooperação dos dois sexos, não é menos verdade que tal corpo apareceu no mundo somente com dimensões e pesos insignificantes em comparação com o seu pleno desenvolvimento. Nasceu pesando três quilogramas e, quando plenamente desenvolvido, virá a pesar sessenta, setenta ou cem quilogramas. Portanto, pelo processo de cooperação dos sexos, formou-se a parte mínima, uma vigésima parte do todo, e o crescimento fez-se com o auxílio do material alimentício contido na Natureza, por um processo lento. Esse processo, que consome vinte anos no homem para seu pleno desenvolvimento, exige em alguns animais dois anos, e, em outros, alguns dias apenas. Não nos esqueçamos de que uma bactéria pode completar todo o ciclo da sua existência individual no espaço apenas de meia hora. A maior parte dos Protozoários, os mais simples seres animais, uni- celulares, reproduzem-se por cissiparidade, isto é, por divisão transversal ou longitudinal do ser primitivo; outros, desse mesmo grupo, reproduzem-se por gemiparidade (processo também assexuado), ou por conjugação (processo sexuado).

Nos Espongiários, animais pluricelulares classificados no grupo dos Metazoários, dá-se a reprodução sexuada, mas também se verifica, nas esponjas velhas, a reprodução assexuada, por gemiparidade.

E nas espécies das diversas séries do imenso grupo dos Metazoários, até mesmo nas da série dos Nefridiados, à qual pertencemos, são encontrados reunidos os dois modos de reprodução. Nos Proto- córdeos, ramo muito próximo dos vertebrados, observa-se, na classe dos Tunicados, a reprodução assexuada.

Longe poderíamos ir nesse estudo, se nos estendéssemos pelos processos de reprodução parte- nogenética (reprodução virgem), natural ou artificial, pois desta podem resultar seres que, apesar de não terem pai, se apresentam tão sadios como os que se originam segundo o processo ordinário da Natureza. Sempre a variedade infinita se manifesta na Criação e nos convida a sermos mais humildes em nossos julgamentos. O verdadeiro sábio é muito humilde, sabe que ignora um infinito em comparação com o pouco que aprendeu.

A pretensão de tudo saber e estabelecer limites negativos é mostra de ignorância e orgulho que sempre andam juntos. Oliver Lodge, um dos maiores sábios de todos os tempos, aconselhou-nos a cancelar em nossos dicionários a palavra *impossível*, por ser ela uma arrogância. Muitas coisas declaradas impossíveis por uma geração tornam-se realidade para outras gerações mais adiantadas.

Há um infinito de leis da Natureza que ainda não conhecemos. A própria existência e sobrevivência do Espírito humano é lei da Natureza, mas ainda desconhecida e negada pela ciência oficial. O Espiritismo vai-nos revelando muitas leis totalmente desconhecidas no passado e ainda hoje só aceitas por pequena minoria de estudiosos, mas tratadas como heresia científica e loucura, pelas nossas Universidades.

Nenhum limite negativo devemos traçar às leis de Deus na Natureza. O progresso levar-nos-á a conhecer sempre novas leis, e até mesmo os processos da Natureza podem alterar-se com o progresso do Planeta e da sua Humanidade. O processo lento de encarnação, a que somos submetidos e ao qual se submetem igualmente muitos missionários, poderá ser alterado para os grandes missionários no futuro, e tomarem eles corpos de formação e desagregação momentânea, a fim de cumprirem suas missões sem os percalços da encarnação normal.

Ainda uma presunção muito audaciosa dos adversários de Roustaing consiste em declarar que. os pontos dos Evangelhos que afirmam o nascimento de Jesus sem a união dos sexos foram interpolados, não se achavam nos originais antigos. Nada provam a esse respeito: afirmam aereamente. As mais minuciosas pesquisas de autoridades no assunto, de judeus, protestantes e católicos desautorizam essa opinião. Como não podem explicar os fatos, pretendem riscar das Escrituras os textos para eles inexplicáveis, e declaram que tais e tais versículos foram interpolados pela Igreja Católica.

É outro processo orgulhoso e audacioso, mas que nada resolve.

Melhor seria a tais senhores negarem toda autoridade aos Evangelhos e escreverem obras que os substituam, de acordo com a sua convicção atual e negativa. Assiste-lhes todo o direito de fazerem isso, mas em seus próprios nomes, não em nome de Kardec e como Espiritismo, porque Kardec e o Espiritismo codificado por ele aceitam os Evangelhos, e sobre eles apóiam toda a construção espírita. Note-se que o livro mais divulgado de Kardec é “O Evangelho segundo o Espiritismo”, no qual se confirmam as duas Revelações anteriores.

Que fundem uma seita com seus nomes, mas não se atrevam a dizer que são espíritas kardec- quianos, porque será difícil enganar os espíritas, visto que estes conhecem e estudam as obras de Kardec e sua confirmação numa literatura imensa. A lógica dos negadores os conduz para muito longe de Kardec. O primeiro passo que dão é negar os Evangelhos, o segundo é negar valor à prece. Bastam estas duas negações para estarem inteiramente divorciados de Kardec e do Espiritismo.

Inútil, também, injuriar a Federação Espírita Brasileira, dizendo que ela não é kardequiana, porque os fatos da vida pública da Federação, em mais de 90 anos¹⁴, já o demonstraram com tal eloquência que ninguém mais se deixa embair com esse palavório, e todos sabem que, no Planeta inteiro, presentemente, não existe instituição que mais divulgue a Doutrina de Kardec pelos livros do mestre, a preços de propaganda, em edições imensas e, em grande parte, distribuídas gratuitamente. Como esses fatos são conhecidos de todos os espíritas, o único resultado a que podem chegar os negadores e, realmente, ao qual têm eles chegado, é o de caírem em descrédito diante da coletividade espírita, e perderem toda autoridade de pregar a Doutrina ou agir em seu nome na sociedade em que vivem.

Ao chegarmos aos cem anos de discussão sobre a obra de Roustaing, vemos que ele foi o grande colaborador de Kardec, e que sua obra, do mesmo modo que a do mestre, está sob o alto patrocínio dos Guias da Humanidade. Nos lugares onde os inimigos visíveis e invisíveis de Roustaing venceram a campanha que maquinaram, o Espiritismo e Kardec entraram em declínio e, ou desapareceram totalmente, ou estão adormecidos. Está demonstrado, pois, que atacar a obra de Roustaing é, de fato, atacar e minar o edifício todo da Terceira Revelação, lançar o descrédito sobre a fonte mesma do Espiritismo, a mediunidade, e que, ao contrário, defender a obra de Roustaing é fortalecer a construção toda e pôr-se em afinidade com a Alta Direção espiritual do movimento espírita.

Por mercê de Deus, essa tenebrosa campanha que triunfou em outros lugares com seus ardilosos processos, eclipsando o movimento espírita,

¹⁴ (14) Dado atualizado pela Editora (FEB), para a 3ª edição, em 1978.

nunca vingou no Brasil, onde o Espiritismo foi superiormente protegido por uma pléiade de missionários ilustres dos primeiros tempos, como Ewerton Quadros, Sayão, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, que apareceram encarnados no tempo oportuno, por alto desígnio de Deus, para salvar o Espiritismo dos mais perigosos e astuciosos dos seus inimigos: os de dentro dos nossos arraiais, os que se dizem espíritas e promovem a divisão, a negação, lançando dúvidas sobre os Evangelhos e sobre a mediunidade, num anseio fanático de tudo minar em nome de sua *ciência*, em arroubos de orgulho que jamais poderão seduzir o verdadeiro iniciado da Doutrina.

Rendamos graças a Deus pela obra realizada pelos seus prepostos no momento oportuno, e pelo imenso auxílio que vimos recebendo para o cumprimento da missão que à Federação Espírita Brasileira foi confiada.

Todas estas periódicas tempestades desencadeadas contra a Federação não passaram de procelas em copo de água. Está, hoje, evidenciado que os espíritas compreenderam, foram inspirados pelos seus Guias e negaram apoio aos adversários ocultos da Doutrina.

O futuro pertence a Deus, e o Espiritismo é seu grande instrumento na preparação do porvir.

Não nos iludamos com esses pretensos defensores de Kardec. Eles são os únicos inimigos perigosos do Espiritismo, por isso que se dizem espíritas, escrevem e falam em nome da Doutrina e ardilosamente lhe vão minando os alicerces eternos: os Evangelhos e a mediunidade. Quem ainda tenha dúvidas a esse respeito examine a obra que eles já realizaram na França. Também no Brasil, se não houvessem encontrado espíritos de pulso na direção da Casa de Ismael, teriam eles exterminado o movimento espírita, contra o qual não cessam de lutar. Nenhum mal temos a recear dos adversários honestos da Doutrina, dos que a combatem de viés erguida; mas, devemos estar prevenidos contra os que tentam de dentro minar-lhe os fundamentos.

VIII OS DOCETAS, PRECURSORES DO ESPIRITISMO

No primeiro século do Cristianismo surgiram os *docetas*. Eram pessoas instruídas, inteligentes, lógicas, que, notando muitos episódios da Vida de Jesus, tais como o nascimento sem a união dos sexos, alguns desaparecimentos inexplicáveis, o caminhar sobre as águas, a ressurreição, a penetração através da matéria em recinto hermeticamente fechado, etc., fatos inexplicáveis para um corpo material como o do homem, chegaram ao seguinte dilema: ou, 19) Jesus tinha um corpo igual aos nossos só na aparência, mas totalmente diferente, na realidade, porque o Senhor podia fazê-lo e desfazê-lo à vontade, “assumir a vida ou deixar a vida para retomá-la” (João, 10:17 e 18), como ele mesmo explicava essa faculdade; ou, 29) Deve-se negar todos aqueles fenômenos inexplicáveis.

Os fatos eram atestados por muitas testemunhas, em formas assaz diferentes na linguagem, porém concordes na essência; portanto, eram verdadeiros, e não poderiam ser negados. Não restava senão a primeira alternativa: Proclamar que “a humanidade de Jesus era somente aparente, mas não real”.

Aceitaram a verdade incontestável e assim surgiram os *docetas*, cuja doutrina, o *Docetismo*, foi classificada pela Igreja como heresia, e condenada a extermínio. Mas, a doutrina dos docetas não desapareceu de todo. Diz o Larousse que não se sabe ao certo se o Docetismo chegou a ser uma verdadeira seita, ou se foi apenas uma convicção muito divulgada entre os cristãos de mais intelectualidade e cultura dos primeiros séculos. Vejamos definições mais breves desse movimento esmagado pelo Catolicismo romano.

A Enciclopédia Hoepli define-o: “*Doceti. Setta di eretici che riàucevano Vumanità di Cristo ad una pura apparenza.*” (Docetas. Seita de heréticos que reduziam a humanidade de Cristo a uma pura aparência.)

O Dicionário de Laudelino Freire: “*Docetismo, s. m. Teologia.* Doutrina que afirmava que o corpo de Cristo só tinha aparência de realidade.”¹⁵

O Larousse ocupa duas grandes colunas com o assunto, e demonstra que só se conhece o Docetismo pelo que escreveram seus opositores. Nenhum escrito dos seus partidários se salvou. A própria refutação, porém, deixa perceber que ele tinha partidários entre as pessoas mais instruídas e qualificadas do seu tempo. O mesmo dar-se-ia com o Espiritismo, se a Igreja ainda dispusesse dos recursos que teve nos primeiros séculos: Só o poderiam conhecer no futuro pelo que, no momento, dizem seus adversários, e nada de honroso dizem eles da nossa Doutrina.

O fato de haver sido o Docetismo exterminado pela força nada significa contra ele, mas vale a seu favor. E, realmente, notamos hoje, depois da obra de Roustaing, que aquela doutrina ou seita era eminentemente lógica e construtiva, pois que não descambava pelo despenhadeiro tenebroso das negações; era afirmativa, e explicava satisfatória e logicamente todos os episódios da vida de Jesus que, sem o Docetismo, teriam de ser negados ou, como preferiu a Igreja, atribuídos ao milagre.

Deu-se com o Docetismo o mesmo que sucedeu à doutrina reencarnacionista, que foi aceita pelos primeiros Pais da Igreja, mas igualmente sufocada e condenada como heresia pela própria Igreja, apesar de lógica, moral e necessária a compreendermos a Justiça de Deus diante da diversidade dos destinos, das capacidades e inclinações dos homens. A Igreja decidia por maiorias, e maioria, quase sempre, é sinônimo de estultícia em tais assuntos que reclamam superioridade espiritual para julgamento. A opinião afirmativa de um sábio, que saiba uma coisa, vale mais do que a negação de milhões de pessoas que não saibam aquela mesma coisa. Houve um momento em que só um homem afirmava a existência da América, e todo o resto da Humanidade negava-a. O mesmo quanto ao movimento da Terra: só Galileu afirmava-o e todos os outros homens de seu tempo negavam-no. Assim, com o fonógrafo, com todas as descobertas e todos os conhecimentos: a verdade não pode ser apurada por número de votantes.

O Docetismo e a Reencarnação eram a verdade conhecida e compreendida somente pelas minorias pensantes. Ambas as doutrinas foram sufocadas pelas maiorias ignaras, mas conservaram sua vida latente para reaparecerem em tempo oportuno, e reapareceram na França, no século XIX.

Longe estamos da unanimidade a favor de qualquer das duas verdades. Temos contra nós as imensas maiorias que não aceitam o Espiritismo e, dentro do próprio Espiritismo, ambas encontram oposição. A Escola Espírita anglo-saxônica nega a reencarnação, e não estuda o Docetismo; este não tem unanimidade nem dentro da Escola Kardequiana, reencarnacionista. Mas, a questão de número nada significa contra, e, por vezes, vale a favor.

Ambos os princípios são defendidos por numerosos Espíritos superiores e por homens de grande valor moral e intelectual que os vão divulgando a pouco e pouco, num trabalho perseverante, firme. No Brasil, a doutrina reencarnacionista já é aceita pela totalidade dos espíritas, e a outra, a que poderíamos chamar Neodocetismo, vem sendo defendida há mais de 70 anos por homens da estatura de Raimundo Ewerton Quadros, Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Antônio Luiz Sayão, Guillon Ribeiro, para só mencionar os já desencarnados e que são expressão nacional no movimento espírita. Tem a seu favor mensagens de grandes Espíritos, recebidas por todos os médiuns de mais reputação que já surgiram nestes 70 anos. Contra esse Neodocetismo só vimos uma única comunicação, encontrada nuns papéis deixados por uma pessoa falecida que supunha possuir mediunidade¹⁶. Tais papéis foram reunidos e publicados anonimamente por um prefaciador que nos diz em seu prefácio (não somos nós que o dizemos) que, em tais papéis, reinava terrível confusão:

“*Faltava-lhes a sequência lógica das idéias. Constituíam uma miscelânea ininteligível.*” E, noutro lugar do prefácio, diz: “*Com alguma tolerância e benevolência de nossa parte, nada menos de cinquenta mensagens foram eliminadas de um bloco de cento e tantas... Suprimimos, portanto, perto de quarenta por cento da safra que nos veio às mãos; e, mesmo entre as aproveitadas, reconhecemos haver algumas de escasso mérito...*”

Não somos negadores, somos construtores. As palavras que acabamos de reproduzir são da pessoa que reuniu, classificou e publicou os

¹⁵ (15) Para melhor conhecimento dessa doutrina, pedimos a atenção do leitor para os excelentes estudos do nosso confrade Zêus Wantull, Impressos como apêndice deste opúsculo

¹⁶ (16) Ver “Reformador”, de 1942, págs. 262 e 263

papéis encontrados, e, dentre esses papéis, há uma comunicação (?) contra o Neodocetismo, a única que já tivemos ensejo de ler. O leitor julgue do valor desse documento em oposição a todos os outros que afirmam essa Doutrina; nós não o queremos julgar, porque seria enveredar pelo tenebroso despenha-deiro das negações e demolições, quando nossa tarefa é construir somente, deixando que as coisas más desapareçam por si mesmas, diante das boas que se construam.

Edifiquemos o bem, embora penosa e lentamente, para que o mal desapareça, mas deixemos a outros a tarefa de demolir. Destruir é fácil e rápido, mas nos põe em afinidade com as trevas e com a violência que conduzem fatalmente aos mais pavorosos abismos. O Espiritismo é Doutrina essencialmente construtiva e não demolidora e, por isso mesmo, é uma grande e poderosa força reformadora pelo método positivo. Efetivamente, as únicas demolições definitivas, para sempre, são as que resultam da construção de melhores formas que vão abolindo as antiquadas e más.

IX O ABISMO DAS NEGAÇÕES

Cumpramos responder a duas objeções contrárias ao Neodocetismo. Resumindo longos escritos, poderemos reduzi-las a poucas palavras. A primeira é a seguinte: “*Não é possível aceitar como de inspiração divina tudo o que está na Bíblia. Tanto no Novo quanto no Velho Testamento há erros humanos que não poderiam ser aceitos, porque até se contradizem. Igualmente, nas comunicações de Espíritos há mistificações, e temos de recusar tudo o que achamos falso; portanto, não é verdade que recusando os ensinamentos recebidos por J.-B. Roustaing, quanto à natureza do corpo de Jesus, estejamos minando todo o edifício Judaísmo-Cristianismo-Espiritismo, como afirmam os neodocetistas. Como nenhum espírito aceita tudo nas três Revelações, então, se aceita aquela tese dos neodocetistas, todos os espíritos estariam fazendo tal obra de demolição.*”

Não tem fundamento essa refutação, porque, no caso do corpo de Jesus, o ensino é eterno e se confirma em todos os tempos. Acha-se no Velho Testamento, é confirmado pelo Novo e vai sendo repetida a confirmação pelas comunicações de Espíritos superiores, através dos tempos. Não se trata de um pormenor que possa ser atribuído a erro humano, mas de uma verdade sempre repetida e sempre confirmada e que, se negada, infirma toda a construção espiritualista. Nossa tese não se baseia somente na lógica, mas, igualmente, na observação dos fatos na França e em outros países. É, pois, verdade que, ao despenhar pelo desfiladeiro das negações, o homem não pode mais parar. Uma negação exige outra: *Abyssus abyssum invocat*. Começa o homem a negar a natureza do corpo de Jesus, entra a contestar as profecias do Velho Testamento, os relatos do Novo, depois passa a negar as comunicações dos médiuns mais respeitáveis, e termina negando autoridade aos maiores espíritos que nos precederam, sem o mínimo respeito pelos mais veneráveis nomes.

A consequência lógica de partir em direção errada é esta: ir sempre errado, até ao fim. Confirmamos, pois, a tese de que negar a obra de Roustaing equivale a pôr em perigo a construção toda.

A segunda objeção é de ordem moral e muito elástica. Declaram, baseando-se em sua própria lógica e em seu ponto de vista, que se Jesus só na aparência nasceu, agiu, pregou, viveu e morreu, sem uma encarnação material como os outros homens, teria sido um *mistificador*, um simulador, parecendo o que não era.

É extremamente fraca essa objeção, e equivale a muitas outras em que o homem atribui erros de Deus à criação, e declara que ele, homem, teria criado o Universo muito melhor do que Deus o fez; mas, esta objeção só pode surgir porque o homem não apreende do Plano Divino da criação senão um curto espaço e um tempo limitado, sem ver o passado nem o futuro da Terra e de outros mundos.

Assim, essa fraca objeção de que Jesus teria sido um simulador é filha da superficialidade de observação.

Ele não teria respeitado o livre-arbítrio dos homens, deixando-lhes a liberdade de aceitar ou não seus ensinamentos, se revelasse a todos que ele era de uma superioridade infinitamente maior do que a nossa, e que não podia encarnar-se como nós, mas que formava ou desagregava seu corpo à vontade, isto é, “tomava e deixava a vida e a deixava para a retomar” (João, 10:17 e 18), como explicou veladamente. Só aos seus mais íntimos companheiros de missão demonstrou ele a verdade, pelas aparições depois da morte, com o mesmo corpo, retirando-lhes o direito de duvidar. A estes poucos que já eram Espíritos libertos, que não eram do mundo como ele não era do mundo (João, 17:16), e que tinham sua evolução terrestre concluída, podia ele revelar, como revelou, toda a verdade a respeito da sua natureza; mas eles não entenderam completamente o fato. Com maior razão, também as massas não o poderiam entender, porque lhes faltavam as bases necessárias: conhecimento claro da sobrevivência e da reencarnação. Seriam violentadas a crer nele como um Ser sobrenatural, mas ficariam na mais tremenda confusão. Me sabia que assim era e velou a verdade provisoriamente, até chegar a madureza necessária para que a verdade fosse esclarecida sobre esse como sobre muitos outros pontos. Jesus mesmo declarou que muitas coisas ele ainda não poderia explicar.

Na sua imensa sabedoria, procedeu ele assim, com permissão divina, para melhor cumprimento da sua missão, e quem quer que se atreva a condená-lo como mistificador ou simulador procederá como os juizes que condenaram a Sócrates, a Jesus, a Jan Hus, a Joana d’Arc, isto é, julgará superficialmente, partindo de um ponto de vista estreito, com uma concepção pessoal e incompleta dos fatos.

Dizem alguns que Jesus teria sido um mistificador, mas não explicam o que foi feito do “cadáver” que desapareceu do túmulo selado e reapareceu em plena vida, repetindo que não era um fantasma, não era um Espírito sem corpo, era ele mesmo, tal qual fora antes da morte. Esta repetição nas conversações com os discípulos, depois do sepultamento, confirmaria o apressado juízo de que ele estava mistificando, pois que realmente havia sido morto e sepultado, e negava que fosse um Espírito, uma entidade diferente da que fora antes da crucificação. Portanto, a mistificação ficaria de pé, mesmo admitido que sua encarnação houvesse sido como as nossas, porque nesta hipótese o seu reaparecimento seria como Espírito materializado.

Mas, não temos ciência nem direito para julgar e condenar um Espírito da elevação de Jesus, cujos desígnios não estão ao nosso alcance, e cuja missão, em grande parte, ainda não entendemos. É, pois, um absurdo pronunciarem as palavras “simulador”, “mistificador”, aplicadas a Jesus, mesmo no condicional: seria um mistificador ou simulador, se houvesse praticado tais atos somente em aparência, dando a convicção de que os praticava na realidade material. Pois que a blasfêmia continuaria de pé, pelo menos quanto às cenas posteriores ao sepultamento. Aí já não haveria condicional: ele realmente reapareceu com o mesmo corpo e declarou que era ele mesmo.

Como sairiam da dificuldade os negadores? Muito simplesmente, negando de novo: negando que o corpo desapareceu do sepulcro, negando que, nas aparições, tinha ele o mesmo corpo, e atribuindo aos discípulos haverem representado a farsa de furtar o corpo e escondê-lo para propalar a notícia da ressurreição. Veja-se a quantas negações conduz uma negação inicial! É um despenhadeiro que vai até ao fundo do abismo. O caminho das negações é o que de mais terrível o homem pode tomar.

Nada valem as duas objeções, e aceitá-las seria lançar-se pelo abismo sem fundo das negações que levam a alma à dúvida, à esterilidade, ao sofrimento inútil.

Nada existe contra o Neodocetismo, senão palavras, palavras, palavras e palavras de pessoas que nenhuma autoridade ou credenciais têm para falar em nome da Doutrina e como defensores de Kardec, como se intitulam. Examinemos por um momento esse aspecto calunioso de tal campanha que já existe há mais de meio século. Dizem-se defensores de Allan Kardec contra a Federação Espírita Brasileira, porque esta também divulga no Brasil a obra de Roustaing; no entanto, só conhecem os livros de Kardec através da obra da Federação¹⁷, que os divulga em grande escala, ininterruptamente, pelo país todo e em Portugal, em distribuição gratuita ou a preços de propaganda, em tiragens enormes, como não se faz de nenhuma outra obra doutrinária no Brasil.

Com que autoridade, pois, movem tal campanha esses nossos irmãos?

¹⁷ (17) Atualmente, outras editoras já cuidam da difusão da obra do Codificador. A cada uma delas o mérito de suas Iniciativas, segundo os padrões que adotem. (Nota da Editora, em 1978.)

Nenhum deles, até hoje, neste longo meio século, produziu um só livro doutrinário de valor, como fizeram as pessoas que são por eles acusadas, os nossos venerandos mestres, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Antônio Luiz Sayão, Leopoldo Cirne, Guillon Ribeiro, e os grandes médiuns, cujas obras já estão consagradas em todo o mundo de língua portuguesa, e vão sendo cada dia mais aceitas pelos espíritas.

Nas suas supostas defesas de Kardec e da Doutrina, nada mais têm feito senão evidenciar a superficialidade dos seus conhecimentos. Um deles chegou a afirmar que Kardec “dedicou toda a sua vida aos estudos da Doutrina”, quando qualquer principiante de Espiritismo poderia ensinar-lhe que o Codificador só conheceu o Espiritismo aos cinquenta anos de idade; outro, pesa-nos dizê-lo, numa linguagem enfática, ao citar um trecho do Evangelho de João, chama-lhe João Batista! Da obra monumental de Roustaing nada sabem; nunca a leram: são quatro grossos volumes!

Há quase um século combatem a Federação. Há trinta e tantos anos convocaram um Congresso Espírita Nacional para liquidar a Federação e ocupar-lhe a posição na direção do movimento espírita brasileiro¹⁸, mas, até hoje, não cogitaram sequer de auxiliar a distribuição das obras de Kardec, não publicaram mesmo nenhum livro de divulgação doutrinária construtiva.

Se contra a obra de Roustaing não apresentarem alguma coisa mais sólida do que o fizeram até agora, continuaremos em nossa firme convicção de que Roustaing é inatacável e completa admiravelmente o trabalho de Kardec.

E, graças a Deus, é assim; tanto é assim que os maiores espíritas brasileiros, os de mais autoridade pelo saber e pelas virtudes, ensinam e propagam há mais de 90 anos, conjuntamente, Kardec e Roustaing. É essa a orientação traçada pelos fundadores da Federação, e nenhuma Diretoria, até hoje, se afastou dessa linha de propaganda simultânea de Kardec e Roustaing.

Que Deus nos conceda sempre a mesma firmeza que tiveram os nossos grandes antepassados, para não nos desviarmos dessa linha de conduta que nos tem granjeado a alta proteção dos Espíritos Superiores e, apesar de tudo o que digam em contrário, a Federação levará Kardec e Roustaing ao mundo todo: aos países que os desconhecem e aos povos que os esqueceram. É essa a grande missão da Casa de Ismael para os próximos cinquenta anos; e já está iniciada.

¹⁸ (18) Esse Congresso fundou a Liga Espírita do Brasil que, mais tarde, aderiu à Federação Espírita Brasileira, tomando o nome de Liga Espírita do Distrito Federal, e, em perfeita harmonia com a Casa de Ismael, vem fazendo obra construtiva, atualmente com o nome de Liga Espírita do Estado da Guanabara. (*) (•) Essa respeitável instituição, melhor atendendo ao programa de integração espírita nacional, passou a chamar-se, em 1974, Federação Espírita do Estado da Guanabara. Posteriormente, a 15 de março de 1975, com a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, denominou-se Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. (Nota da Editora, em 1978.)

X AONDE NOS LEVARIAM AS TRANSIGÊNCIAS

O argumento dos “pacifistas”, que devemos agora examinar, é redigido assim:

“A Federação Espírita Brasileira, por amor à concórdia da família espírita nacional, deveria desistir de divulgar a obra de J.-B. Roustaing, porque há muitos espíritas que não aceitam aquela obra e, portanto, ficam em divergência com a Casa-Máter; torna-se impossível reunirem-se todos os nossos confrades em torno do lábaro de Ismael e, por isso, a Federação não teve o desenvolvimento que deveria ter em seus 93 anos de existência. Se a Federação abrir mão de “Os Quatro Evangelhos”, todos nos reuniremos nela e o Espiritismo no Brasil será uma grande força.”

É o argumento da transigência doutrinária: devemos transigir nos pontos em que há divergência, para que reine paz e haja colaboração harmônica, pensam esses nossos irmãos. Vamos examinar com amor, calma e serenidade esse argumento e ver até onde nos conduziria tal raciocínio de aparência tão inocente e pura; se é, portanto, aceitável tal modo de pensar e se os Diretores da Federação erraram em não tê-lo posto em prática nos 93 anos decorridos, isto é, se os nossos predecessores, tão inspirados realizadores de obra realmente admirável, em tempos difíceis, teriam cometido, de fato, um erro em manter o ensino da obra de Rous- taing juntamente com a de Kardec.

— Há 90 anos o movimento espírita francês era muito maior do que o nosso. A Federação Espírita Francesa contava com luminosos líderes espíritas mundiais entre os seus dirigentes. Não ensinava a obra de Rousstaing. Queiram agora os nossos irmãos responder à seguinte questão: A Federação Espírita Francesa realizou o ideal a que vocês aspiram para a nossa? Reuniu todos os confrades sob a sua bandeira e prosperou grandemente até hoje? Não; surgiram outras divisões; fundou-se o Instituto de Metapsíquica, abandonou-se a obra de Kardec, caiu-se na simples experimentação, e aquela gloriosa Federação foi-se apagando, apagando até desaparecer, e hoje nem sabemos se ela ainda existe em algum lugar da Terra.

A Federação Espírita Portuguesa não aceitou a obra de Rousstaing; são grandes os seus progressos? Manteve a perfeita união?

A Liga Espírita do Brasil¹⁹ não aceitou Rousstaing. Em um quarto de século de existência progrediu ela mais do que a Federação no mesmo período? Realizou o ideal de reunir em seu seio todos os espíritas brasileiros? Conservou a união pelo menos de todos os seus fundadores e cresceu como era de esperar-se?

29 — Rousstaing não é a única divergência entre os espíritas brasileiros, nem mesmo a mais importante divergência. Os nossos irmãos do Espiritismo Racional e Científico Cristão não aceitam sequer a Kardec. Numerosos confrades, mais notadamente em São Paulo, não admitem a prece, o que equivale, igualmente, a não aceitar Kardec, porque o Codificador recomenda a prece, e até é autor de um formulário de preces amplamente divulgado. Esta divergência é infinitamente maior do que a existente quanto ao ponto teórico relativo ao corpo de Jesus, único discutido na obra de Rousstaing. Logo, somos obrigados a confessar que não é só Rousstaing quem promove discórdias, mas também Kardec, e, se por amor à harmonia, tivéssemos de abandonar Rousstaing, logo depois outros exigiriam, com o mesmo fundamento, que abandonássemos igualmente Kardec e, até mesmo, que deixássemos de pregar a reencarnação, a fim de que mais rápida fosse a nossa aproximação com os nossos confrades anglo-saxônicos. E o despenhadeiro das transigências não tem fundo; outros ponderariam que abandonássemos todos os livros e jornais, porque os bondosos caboclos e africanos, em seus terreiros, trabalham muito bem sem livros nem jornais, nem pensando em aprender a ler. E outros ainda exigiriam que abandonássemos também os “terreiros” dos caboclos e africanos, porque têm ainda o inconveniente de ser condenados pela maioria católica do país. Exigiriam que nos incorporássemos a essa admirável organização religiosa mundial que é reconhecida e apoiada pelo Estado e pela imensa maioria dos nossos patrícios — a Igreja Católica Apostólica Romana. Sim; por amor à harmonia, se nos enveredássemos pelo caminho das transigências, voltaríamos, muito logicamente, à Igreja de Roma, de onde viemos. Nenhum progresso poderia realizar o mundo, porque, no começo, o progresso tem contra si as maiorias; seus defensores são acusados de perturbar a paz e ficam sujeitos a perseguições promovidas pelo comodismo das maiorias.

30 — os Espíritos superiores continuaram amorosamente com a Federação, dando-lhe todo o apoio, ditando-lhe obras cada vez melhores, orientando-lhe a Diretoria, e jamais um só deles aconselhou-nos a evitar a divulgação da obra de Rous- taing, para que nos fosse possível atrair ao seio da Casa de Ismael os adversários dessa obra. Esse silêncio é muito significativo: mostra que não há mal nessa divergência e que os nossos irmãos, contrários a Rousstaing, são livres de se organizarem e trabalharem, como já fazem há tantos anos, sem imporem, contudo, suas convicções negativas aos que aceitam Rousstaing, sejam estes minoria, como se propala, porque, nesse assunto, o argumento número é inexpressivo, senão teríamos de recusar o Espiritismo todo e ficar com os católicos romanos que, numericamente, nos são muito superiores; ou até aderirmos ao materialismo dos marxistas, que já são mais numerosos que os católicos romanos, como “doutrina” oficial de uns dez Estados, com novecentos milhões de habitantes. Além de silenciarem contra esse argumento dos “pacifistas” que optam por uma transigência de consequências facilmente previsíveis — o descrédito e a morte da Doutrina — nossos Maiores não perdem ensejo de recomendar o estudo de “Os Quatro Evangelhos”. Estamos, pois, em boa companhia e não há temer pequenas divergências teóricas.

4¹? — A única divergência entre Kardec e Rousstaing é apenas num ponto teórico que em nada impede a prática da Doutrina toda. Em sua apreciação à “Revelação da Revelação”, por ocasião do aparecimento desta, Kardec deixou de quarentena somente a teoria quanto ao corpo de Jesus, e aprovou tudo o mais. Mais tarde, em “A Gênese”, apresenta argumentos pessoais contra essa teoria, mas não se apóia em nenhuma comunicação de Espíritos superiores; não consulta São Luís, qual o fazia sempre que queria firmar um princípio — como no caso dos *agêneres* — e emite raciocínios puramente humanos e perfeitamente contestáveis. Não procurou o consenso universal que ele próprio considerava básico para que um ponto de Doutrina ficasse firmado. Esse consenso universal, porém, vem-se formando lentamente a favor da obra de Rousstaing, como já expusemos no início deste opúsculo, e mesmo Kardec, como Espírito, tornou-se partidário da teoria de que Jesus foi um *agêneres*.

59 — Nada justifica que a Federação diminua sua convicção sobre o valor da obra — “Os Quatro Evangelhos” — porque, até agora, a argumentação dos opositores é a simples repetição dos raciocínios e hipóteses pessoais de Kardec em “A Gênese”, enquanto, por outro lado, a teoria quanto ao corpo de Jesus vem sendo sempre e cada vez mais logicamente confirmada pelos Espíritos superiores e pelos estudiosos das Escrituras. Os recentes trabalhos publicados contra tal teoria são de uma superficialidade chocante, banais, de pessoas antecipadamente apaixonadas e que se tornaram instrumento dos adversários invisíveis do Espiritismo, como demonstramos em capítulos anteriores.

Se tal capitulação não se deu quando se achavam encarnados os primeiros orientadores materiais do Espiritismo no Brasil — Ewerton Quadros, Sayão, Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes — muito menos se dará depois que esses brilhantes missionários, como desencarnados, confirmaram, por excelentes médiuns, a inspiração acertada de haverem introduzido aquele ensino no programa do Espiritismo no Brasil. É oportuno lembrar que as obras de Sayão, Bittencourt Sampaio e Bezerra de Menezes aí estão para demonstrar que eles são Espíritos descidos de altas esferas, em missão grandiosa, e essas obras ensinam com firmeza a Doutrina de Kardec-Rousstaing; além disso, devemos recordar, ainda, que, até *hoje*, nenhum dos opositores da “Revelação da Revelação” produziu alguma coisa que se compare àquelas obras da Doutrina Espírita, obras, hoje, consideradas clássicas.

Se a Federação cometesse a leviandade de suprimir a obra de Rousstaing, teria de promover a censura de uma grande literatura já consagrada pelos mais cultos espíritas brasileiros: abolir numerosos livros; alterar obras mediúnicas célebres e já amplamente divulgadas em numerosas edições; refazer a Doutrina, porque a obra de Rousstaing exerce sua influência nos intelectuais espíritas brasileiros há mais de 90 anos. E tudo isso para quê? Para que mais alguns confrades viessem aumentar o quadro social — pensam os “pacifistas” com muita ingenuidade²⁰; mas na

¹⁹ (19) veja nota 18, à pág. 93. (Nota da Editora, em 1978.)

²⁰ (20) Mesmo quanto ao número de sócios, não nos parece justa essa sugestão. Não percebemos de vista que o Espiritismo no Brasil é genuinamente evangélico e a obra de Rousstaing é a que melhor defende o Evangelho em todos os seus versículos, explicando-os um a um, sem lançar a dúvida em nenhum tópico, e por isso corresponde ao sentimento dos nossos confrades. Em nenhum outro período de sua existência a Casa de Ismael teve tão rápido crescimento do seu quadro social nem “Reformador” viu aumentar tanto o número de seus assinantes como durante estes anos mais recentes.

verdade seria para começar a derrocada do Espiritismo, a morte da Federação, a dúvida sobre as Escrituras e até sobre a mediunidade.

Felizmente, tal transigência está fora de qualquer cogitação, porque a Federação cada dia está mais convencida do valor imenso da obra de Rousstaing, e os ataques só têm servido a firmar cada vez mais essa convicção. É-nos tão inconcebível abandonar Rousstaing, quanto o seria afastarmos-nos de Kardec ou do próprio Espiritismo.

— Admitido mesmo que a Federação estivesse errada nesse ponto, a solução não seria que ela transigisse e mudasse de rumo, depois de tantos anos de vida e progresso; seria o crescimento normal de alguma outra instituição, que iria tomando, a pouco e pouco, a liderança do movimento, e ocupando, pacificamente, o lugar da Federação, para que esta fosse decrescendo lentamente, através dos decênios, até desaparecer sem abalo nem prejuízo moral para a Doutrina. Ao cabo de uns 50 ou 60 anos, a Federação teria desaparecido, mas isso em nada teria prejudicado a Doutrina, porque as funções da Federação estariam sendo exercidas pela nova entidade, em todo o território nacional, e ninguém perceberia a morte da Federação. Todos os livros de Doutrina estariam sendo publicados e distribuídos pela nova organização; todas as obras mediúnicas de real valor gravitariam para as mãos dela.

Seria esse o caminho seguro, pacífico, honesto, de abolir a obra de Rousstaing, caminho lembrado pelas pessoas que a achavam má. Para isso se fundou a Liga, faz mais de trinta anos, sem protesto nem oposição alguma da Federação, num Congresso Nacional de Espíritos. A Federação não opôs, não opõe, nem poderia opor embaraço algum ao pleno desenvolvimento da Liga; ao contrário disso, sempre que convidados, os Diretores da Federação ocupam a tribuna da Liga para a pregação da Doutrina, que nos é muito mais cara do que as instituições.²¹

Por enquanto, a liderança doutrinária do Espiritismo no Brasil continua sob a responsabilidade da Federação. É ela quem publica e divulga, por todos os rincões do país, as obras que considera boas, inclusive as de Kardec, que são estudadas por todos; e essa força editorial da Federação tem crescido sempre em vez de decrescer. Não sabemos se os inimigos de Rousstaing compreendem toda a profundidade do golpe que isso representa para suas teorias negativistas: a Federação tem progredido mais depois que eles decretaram sua falência e fundaram sua sucessora, do que em qualquer período anterior. Lembremo-nos de que os atuais adversários de Rousstaing são os mesmos que fundaram a Liga em 1926. Deixaram, porém, o trabalho construtivo e sadio, que seria prestigiar e engrandecer a sociedade que fundaram, e optaram pelo tortuoso e triste caminho de combater a Federação, porque a finalidade daqueles não é construir, é demolir, demolir sempre. No entanto, nos dias atuais, não só o Presidente da Liga Espírita é sócio da Federação, e ambas as instituições mantêm as mais fraternas relações de colaboração e compreensão, como também os que combatem a Casa-Máter, desde aquela época, já se desligaram da Liga há vários anos, por se desentenderem uns com os outros; no entanto, jamais deixaram de pagar suas mensalidades como sócios que são da Federação. Por outro lado, nem todos os que aceitam a obra de Rousstaing são sócios da Federação.

Vejam, portanto, os “pacifistas”, que seus argumentos nada valem.

Todas as tentativas de prejudicar ou substituir a Federação, até agora, falharam completamente, e ela cresceu sempre, até tornar-se, como é hoje, a maior instituição espírita kardequiana do Planeta, por mérito exclusivamente dos nossos Guias, e não nosso. A instituição fundada para hostilizar e destruir a Federação a pouco e pouco foi abandonada pelos inimigos, e passou às mãos de excelentes amigos da Casa de Ismael, à qual aderiu, entrando na fase de perfeita colaboração para o bem comum da Doutrina. Como explicar humanamente esses fatos? Só a superior orientação do Espiritismo no Brasil, a orientação do Alto, consegue tais milagres de transformar a hostilidade em colaboração harmônica e proveitosa. Os “pacifistas” estejam tranquilos, porque a Alta Direção do nosso movimento não erra nunca, embora nem sempre possamos desde logo compreender seus planos de trabalho.

O Brasil tem uma grande missão a cumprir no futuro, e, por isso mesmo, nunca estamos abandonados: sempre estamos superiormente dirigidos pelos Grandes Espíritos. A luta das trevas contra o Espiritismo, luta essa que, infelizmente, triunfou em outros lugares, inclusive na pátria de Kardec e de Rousstaing, tem sempre falhado no “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, por mercê de Deus.

Rousstaing é a primeira linha de defesa da nossa cidadela: onde ele cai, o edifício kardequiano fica logo exposto ao bombardeio dos inimigos da prece e, logo depois, passa-se a proclamar que o Espiritismo é apenas ciência experimental, para, em seguida, se dividir em pequenos núcleos de curiosos que, a pouco e pouco, se dispersam, nada deixando construído. Foi assim em toda a velha Europa, infelizmente; mas não será assim no Brasil, porque do Alto nos vem a proteção.

Ninguém pense que os inimigos invisíveis se limitariam, pela pena e pela boca de seus medianeiros, a destruir a obra de Rousstaing. Já temos as lições muito preciosas da História, e não precisamos de novas experiências. Já sabemos a força que eles adquirem, quando lançam por terra a primeira ling de defesa: nada mais lhes resiste à fúria demolidora!

²¹ (21) Na leitura deste período, bem assim na do outro, seguinte, deve-se ter em mente que esta obra foi escrita em 1948. (Nota da Editora, em 1978.)

XI IDEAL ESPIRITA

A maior luta contra a Federação Espírita Brasileira, nestes anos mais recentes, tem sido por motivos de organização. Agita-se a idéia de uma organização disciplinada e *forte*, para maior unidade doutrinária e mais eficiência na luta social, acusando-se a Casa de Ismael de organização fraca e inoperante. Os “pacifistas”, aos quais nos referimos no capítulo anterior, poderão notar que esta divisão é maior do que a de um ponto teórico de Doutrina, produz mais descontentamento, mas é insanável, porque nenhuma organização contentaria a todos, pois que os pontos de vista são os mais divergentes.

Permitimo-nos, a respeito, reproduzir aqui um artigo que teve a honra de ser aprovado pelo ilustre doutrinador Romeu Camargo, e reimpresso em seu livro “Um só Senhor”. Em linhas gerais este artigo interpreta o pensamento da Casa-Máter do Espiritismo no Brasil. Ei-lo:

“Fazer de cada mulher uma sacerdotisa, de cada lar um templo, de cada coração um altar em que arda sempre impetuoso o desejo de servir com abnegação e amor a todas as criaturas de Deus, sejam elas boas ou más; tal é a missão do Espiritismo para edificar o Reino de Deus sobre a Terra.

“Tarefa fundamentalmente educativa, que deve ser posta em toda parte: na oficina, na escola, na repartição, na administração, na política, no lar; mas sem o esforço combativo que desagrega os homens e forma os partidos, igrejas, seitas, classes, nações, em ações e reações eternas que geram ódios e perpetuam o mal, as rivalidades e represálias de grupos humanos, contra outros grupos humanos.

“Se os espiritistas tivessem a desventura de se organizarem em uma grande igreja, provocariam as reações e represálias que perpetrariam as outras igrejas a eles opostas, numa luta contínua e apaixonada como têm vivido as diversas igrejas do passado. Pretendessem organizar-se em partido político para realizar suas nobres aspirações, e não seriam compreendidos; teriam sempre que fechar suas próprias fronteiras contra os ataques de outros partidos; já não poderiam agir na sociedade, mas somente em suas sedes e, mesmo aí, sob as limitações da perseguição externa e talvez da perfídia interna de adversários mascarados de espíritas em funções de quinta-coluna. Teriam todas as desvantagens de uma seita ou de um partido, contra o qual todas as outras seitas e partidos se acham fechados e perderiam todas as vantagens de que desfrutam hoje.

“Sempre que se pensa em organizar o Espiritismo, devem-se levar em conta as dificuldades que outras organizações, com seu espírito combativo, oporiam à nossa tarefa, quando a nossa organização, suficientemente forte, lhes parecesse uma ameaça.

“Nossa força está em nossa aparente fraqueza. Somos milhares de pequenos núcleos espalhados por toda parte, sem uma autoridade central que os reúna e oriente no plano humano da vida. Mesmo as sociedades adesas ou coligadas à Federação são livres, não têm que prestar contas ou obedecer a autoridades centrais. A adesão é apenas a princípios gerais da Doutrina, à aceitação das obras de Kardec — nem mesmo se exigindo a de Roustaing, estudada na Casa de Ismael —, com plena liberdade de interpretação e organização do ensino, sem um sínodo ou outro corpo de intérpretes a ser obedecido. A qualquer momento a sociedade adesa pode, por sua livre vontade, desistir da adesão e seguir outros rumos, se assim lhe aprouver, e voltar aos mesmos princípios e solicitar de novo a adesão, quando quiser.

“Igualmente os indivíduos conservam absoluta liberdade de ação ou inação. Podem trabalhar quando e como e onde quiserem, em associação ou insuladamente, ou cessarem as suas atividades quando isso lhes agradar, sem que alguma autoridade exista que lhes possa impor alguma limitação ou privá-los de algum direito. Essa liberdade dos indivíduos e de seus grupos é característica do Espiritismo e dá-lhe uma força diferente, mais espiritual e menos humana. Do ponto de vista humano, isso é fraqueza e desorganização; mas, do ponto de vista espiritual, é força invencível. É a *quinta- -coluna* aplicada ao bem.

“Nossos pregadores independem de “ordens”, diplomas, uniformes, ou qualquer outra autorização. Podem exercer seu sacerdócio quando e onde quiserem; diante de um só ouvinte ou de grandes assembléias; numa missiva pessoal, num artigo de jornal, num livro, ao microfone ou por outra qualquer forma.

“Quem assiste a um fenômeno espírita e o relata aos seus amigos, já está fazendo a pregação. Quem lê um romance espírita e o conta a um amigo, está praticando doutrinação. Assim, por toda parte, desde as rodas mais ilustres até os meios mais obscuros, está-se fazendo a pregação do Espiritismo, na linguagem própria do meio, interessando alguém para que o estude. Tal multiplicidade de pregadores tem a imensa vantagem de não encontrar fronteiras de seita; não ficar limitada aos templos, sinagogas, mesquitas ou sedes de grupos espíritas. Tem a vantagem, ainda maior, de não ser seita e, por isso mesmo, influenciar indistintamente qualquer membro da sociedade humana.

“O ideal espírita é universal, deve influenciar todos os indivíduos, toda a Humanidade, e a maior barreira à realização desse ideal seria fecharmo-nos em uma seita com os nossos livros sagrados, nosso profeta único, nossos pregadores autorizados e uniformizados, em outras palavras, com toda as limitações sectárias. Contra esse perigo, por mercê de Deus, contamos com a liberdade dos Espíritos, que não levam em conta nossas divisões e limitações, nem as nossas convicções sectárias; inspiram e guiam até os mais descrentes, desde que encontrem neles aptidão para determinado trabalho que se tenha de realizar no mundo.

“Pela orientação que os Grandes Espíritos vão dando à mediunidade, vemos que o romance educativo, em forma de livro, de filme cinematográfico, de novela radiofônica, tem grande missão a cumprir na preparação do futuro; principalmente porque o romance fala mais diretamente ao coração da mulher e pode exercer a máxima influência na formação de nova mentalidade e novos sentimentos nas vindouras gerações. O mundo feliz do futuro terá que ser obra principalmente do coração feminino, das mães, como sacerdotisas de seus lares.

“Em vez de formar uma Igreja “triumfante” contra as outras, temos que fazer uma idéia triunfante nos corações, sem nos importarmos com os rótulos. Em lugar de um partido vitorioso, temos que vencer em todos os partidos, em todas as escolas e igrejas.

“Como trabalhar para esse ideal?

“Pelo livro, pelo jornal, pelo rádio, pelo cinema, e, acima de tudo, pelo exemplo.

“Em lugar de uma organização político-religiosa à imagem e semelhança das que já existem, e cujos frutos não nos contentam, fundemos novas editoras, novas estações de rádio, grupos de propagandistas, asilos, abrigos, escolas, ou ajudemos aos que já existem.

“Traduzamos todos os bons livros que existem ou venham a aparecer em outras línguas para a nossa, e os nossos para outras línguas. Publiquemos toda essa imensa literatura em Esperanto e espalhemo-la pelo mundo inteiro.

“Há um trabalho imenso esperando por nós nestas próximas encarnações. Deixemos a outros a triste tarefa de demolir ou discutir questiúnculas teológicas. Só defendamos os pontos básicos: autoridade do Evangelho e respeito à mediunidade superior. Temos muito que construir. A Humanidade sofredora e descrente merece todos os nossos esforços, toda a nossa dedicação. Não nos percamos nas fútuas discussões acadêmicas, nas polêmicas estereis, nas lutas negativas; tentemos construir algo de positivo nos corações e nas inteligências. A nossa oportunidade é única: A Humanidade está saindo andrajosa e ensangüentada de uma das suas maiores experiências combativas, de uma de suas manifestações de força organizada. Bastam essas experiências! Nunca se tinham visto tão perfeitas organizações como de 1939 a 1945.²²

“Nossa obra é diferente; não nos deixemos tragar pelas tradições do passado, porque o passado já nos deu o que podia: lutas e ódios, ódios e novas lutas; organizações fortes contra organizações fortes a se destruírem; milênios perdidos em discussões teológicas, discussões teológicas que se renovam em outros milênios, para que as igrejas cristãs, tão bem organizadas, reconheçam sua incapacidade de evitar que seus crentes se destruam ferozmente nos campos de batalha. Nada se acha construído por elas nos corações! Suas construções são de pedra, no mundo objetivo.

“Repitamos que o ideal da Terceira Revelação não é formar uma grande Igreja, mas, ao contrário disso, tornar desnecessárias as grandes Igrejas, e erguer em cada coração um altar em que arda sempre a pira sagrada do amor fraterno, destruindo o egoísmo, o orgulho, a vaidade, as rivalidades, os preconceitos.”

Até aqui a reprodução do artigo que publicamos em 1945. Agora algumas considerações mais recentes.

²² (22) Organizações militares para a destruição.

Em ondas sucessivas, desde 1924, e sempre crescentes, levantam-se vozes e fazem-se agitações no sentido de organizar o Espiritismo nos moldes de uma Igreja, com um poder dogmatizador que estabeleça para nós uma ortodoxia; com uma disciplina que nos dê a força de um partido político. Promovem-se, com essa finalidade, congressos de maior ou menor alcance em diversos pontos do País. Todos visam à mesma coisa: transformar a Federação em uma Igreja, ou substituí-la. No entanto, todas essas preciosas energias perdem-se totalmente, porque toda disciplina e toda ortodoxia são opostas aos ideais espíritas, de livres-pensadores que somos, de uma liberdade que constitui, para o espírita, seu maior tesouro, e da qual ele não abre mão. Mesmo admitido que fosse desejável tal organização — e longe estamos de admitir isso! —, ela seria inoperante, nasceria morta pela falta de sanção: ninguém poderia evitar que se fundassem mil outras instituições divergentes, com as mesmas finalidades, com semelhantes Comissões de Doutores da Doutrina. Por toda parte se podem publicar livremente livros de Doutrina, e ninguém o poderia evitar. Os mais conhecedores da Doutrina negar-se-iam a tomar parte em tais comissões ou sínodos, ou concílios, como quer que lhes chamemos, porque reconheceriam que, em Espiritismo, as responsabilidades são diferentes de indivíduo para indivíduo, e toda padronização é contrária ao espírito da Doutrina. Ficariam tais comissões doutrinárias em mãos dos menos competentes, que deliberariam por votação, exatamente como nos concílios ecumênicos — mas sem papa nem bispos —, e com o ridículo de não disporem de fogueiras e cavaletes de tortura, ou excomunhão, para impor os dogmas que saíssem de tais votações. Tais dogmas nasceriam mortos. Poderiam decretar de novo, como já o fizeram os concílios, todos os erros e negações, mas isso em nada alteraria a situação de fato.

Muito maior do que a divisão ocasionada por um ponto teórico de doutrina, no qual não podemos todos concordar, são os problemas de organização; mas, todas as discussões e agitações são boas, em nossa opinião pessoal, para evitar a estagnação, a indiferença, o desinteresse, que é a morte das ortodoxias, nas quais não pode haver divergências, porque as autoridades competentes pensam pelos crentes e tudo decidem por eles; mas, a maioria dos crentes tem pouca fé nos dogmas e decisões.

Quando vemos o terror que um católico sente da morte, depois de haver recebido absolvição de todos os seus pecados e a extrema-unção, percebemos que ele crê muito pouco em sua Igreja, porque continua apavorado com a passagem, quando já a Igreja lhe garantiu a entrada na bem-aventurança eterna dos justos. Dá-se essa dúvida torturante, porque o Espírito do católico — do mesmo modo que todos os outros — tem recordação subconsciente da realidade espiritual, porque já viveu como Espírito, tem intuição da verdade, e essa intuição nega aquele dogma da absolvição. Ele tem duas consciências: uma superficial e humana, que lhe foi dada recentemente pelos ensinamentos de sua Igreja, e outra, espiritual, profunda, de suas próprias experiências. Esta segunda manifesta-se com maior ou menor nitidez, em forma de intuição.

Nenhum dogma falso tem valor, e são muitos os dogmas errados. Desnecessário darmos poder aos nossos companheiros ou recebermos deles o poder de dogmatizar, de aumentar o número de erros “decretados”. Dogmas legítimos são apenas os *naturais*, aceitos pela totalidade dos crentes, como em Espiritismo os dogmas seguintes: O Espírito sobrevive à morte do corpo. O Espírito de um morto pode comunicar-se mediunicamente com os vivos.

Mesmo a doutrina reencarnacionista ainda não deve ser considerada um dogma — em que pese à afirmação do mestre — porque há espíritas que não reconhecem como provado esse princípio.

Os dois dogmas fundamentais que mencionamos acima estão sancionados por todos os espíritas do mundo, porque não se pode julgar espírita quem os não aceite.

Não tenhamos, caros irmãos “pacifistas”, receio algum de nossas divergências, pois elas ajudam-nos a estudar e guardam-nos do comodismo das ortodoxias. Evitemos que o Espiritismo se torne uma igreja ortodoxa, porque isso seria sua morte, como o foi de todas as igrejas ortodoxas que se tornaram estéreis desde que seus crentes não tiveram mais que pensar, por haverem delegado às suas autoridades o dever de pensar por eles.

Observação: Este capítulo foi publicado antes do chamado “Pacto Áureo”, mas o Pacto e o Conselho Federativo Nacional não desfazem a liberdade, aqui apresentada, desse ideal reinante em nosso movimento.

XII CONCLUSÕES

Do estudo feito nas páginas precedentes, embora imperfeito e incompleto, conclui-se o seguinte:

Os relatos evangélicos são, iniludivelmente, claros em afirmar que o nascimento do Cristianismo é fato genuinamente espírita, porque o fundador do Cristianismo não foi um homem de carne e ossos como os outros, nem um homem-deus, nem um deus-homem, como tentaram classificá-lo as Igrejas, para explicar os fenômenos espíritos ocorridos com ele, e então inexplicáveis por falta de conhecimentos da fenomenologia espírita, só estudada dezoito séculos mais tarde; mas, foi ele pura e claramente um agênera, o que significa: um Espírito materializado em plena luz, com toda a aparência de um homem normal.

Bem conhecido esse fato, hoje confirmado por muitos Espíritos, por intermédio de diversos médiuns, já não existem duas escolas, uma cristã e outra espírita, apartadas, mas somente uma única, o Espiritismo, com dois nomes diferentes em duas épocas da História. Disso decorre a imperiosa consequência teórica de que não se pode ser cristão sem ser espírita, pois que a fundação do Cristianismo é nitidamente espírita; e, reciprocamente, nenhum espírita esclarecido pode negar o Cristianismo, porque este é fundamentalmente espírita.

De toda a argumentação apresentada contra esse ensinamento evangélico e espírita, nada infirma os relatos dos evangelistas nem as comunicações espíritas que confirmam tais narrativas, como vimos da argumentação dos opositores, raciocínios apenas de ordem moral e de moral muito dúbia. Permanece, pois, solidamente de pé toda a teoria decorrente dos depoimentos dos evangelistas e dos Espíritos, teoria essa que possui tremenda força em favor do Espiritismo, porque demonstra — nunca é demais repeti-lo — que o Cristianismo é um movimento inicialmente e essencialmente espírita.

Conhecendo a Federação Espírita Brasileira a veracidade desses ensinamentos e o vigor decorrente dessa natureza espírita do Cristianismo primitivo, fica ela moralmente obrigada a defender esse ponto de doutrina contra todos os ataques, sem, no entanto, pretender impor sua convicção às sociedades adesas, nem aos seus sócios.

Seria inconcebível, porém, que a Federação, plenamente convencida da importância capital desse ponto de doutrina que ela defende há quase um século, viesse um dia a retroceder, contra a orientação de seus Guias, embora haja espíritas de grande inteligência que não apreendam a significação imensa desse ponto. Há, igualmente, homens de superior instrução que não aceitam o Espiritismo, que nunca o julgaram digno de estudo sério, paciente, profundo. Assim são alguns espíritas que não aceitam esse ponto do Evangelho, hoje confirmado pelo Espiritismo; não lhe compreendem a importância teórica, porque ainda não meditaram seriamente sobre o assunto.

Dizia-nos um deles que lhe era indiferente o assunto, porque de Jesus só lhe interessava a Doutrina e não a personalidade, nem a natureza do corpo. É evidente que nessa opinião reina a mais absoluta inconsciência, porque um espírita não pode ser indiferente a uma série de fenômenos espíritas que agitaram todos os povos do Ocidente e transformaram o mundo, deram outros rumos à Humanidade, iniciaram nova civilização, como sucedeu aos fatos espíritas que iniciaram a era cristã. Ainda não houve no mundo outro acontecimento tão importante como o nascimento do Cristianismo, e reconhecermos que tal nascimento foi produto de uma série de fenômenos espíritas que se produziram durante três anos consecutivos, numa colônia do Império Romano, significa elevar o Espiritismo à culminância que lhe pertence, como processo, por excelência, da Revelação Divina, de tudo o que de mais alto e sublime o homem da Terra pode receber do Céu.

É tão irrefletido quem nega mérito ao estudo desse ponto de nossa Doutrina, como aqueles outros que negam significação ao Espiritismo e ao Cristianismo.

As divergências de opiniões que determinam discussão, estudo, reflexão, sejam de natureza doutrinária ou de organização, não devem ser temidas, porque evitam estagnação e indiferença. Temer devemos só a padronização absoluta de uma ortodoxia indiscutível, porque seria a estagnação do pensamento, sua fossilização e improdutividade. A Igreja de Roma queimou seus hereges, colimando uma padronização perfeita; mas, o que conseguiu foi descer sua literatura a tal mediocridade que seus fiéis não a lêem, e se desinteressam de todos os temas religiosos.

Concluamos, pois, que nada existe mais digno de ser estudado, esclarecido e demonstrado a todos do que esse ponto de Doutrina que funde o Cristianismo

com o Espiritismo, evidenciando que o fundador do Cristianismo foi um Altíssimo e Poderosíssimo Espírito que se manifestou como um agêneré, materializando-se muitas vezes para cumprimento de sua missão, durante um período de três anos, conhecidos como a vida pública de Jesus de Nazaré.

Apêndice²³

²³ (*) Os trabalhos constantes do Apêndice foram extraídos do “Reformador”; e, com vistas à 3ª edição deste volume, em 1978, revistos e atualizados pelo seu próprio autor, Zêus Wantuil

I DOCETISMO

por Zêus Wantuil

Os Dicionários e Enciclopédias assim definem o Docetismo: doutrina herética dos primeiros séculos do Cristianismo, variante do Gnosticismo, e que consistia em ensinar a não realidade carnal do corpo de Jesus, não aceitando, por conseguinte, seu nascimento, sofrimento, morte e ressurreição, senão em aparência. Alguns estudiosos pensam ter sido Júlio Cassiano (23) o autor dessas idéias; contudo, isso não se pode provar, por falta de dados positivos. Os seguidores dessa doutrina denominavam-se docetas ou docetes (do grego *dókesis* — aparência), e professavam o mais puro monoteísmo.

Parece ter sido a primeira «heresia» cristã conhecida, pois S. Jerônimo, o autor da Vulgata, diz que «o sangue do Cristo estava ainda fresco na Judéia, quando o seu corpo foi considerado como tendo sido um fantasma».

(23) Depois de composto este trabalho, tivemos a ventura de tomar parte numa reunião íntima com o médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, no dia 30 de outubro de 1948. O médium descreveu-nos a presença de um Espírito muito luminoso, de elevada esfera, que lhe deu o nome de Júlio Cassiano, e manifestou sua aprovação pelas atividades de nosso jovem confrade Zêus Wantuil, de quem disse ter sido instrutor no século segundo. Por lamentável falta de memória, nenhum de nós, no momento, se recordou do nome de Júlio Cassiano, que, nessa ocasião, já estava escrito e composto para o «Reformador». — I. G. B.

O nome Docetismo aparece citado, pela primeira vez, no século H, conforme os documentos que se conservaram, num manuscrito do bispo de Antioquia, Serapião, embora seja a doutrina anterior a essa época, conforme tudo parece confirmar. Até hoje é ignorado se o Docetismo designava uma seita, como o pretenderam Clemente de Alexandria e Teodoreto, ou, simplesmente, uma opinião muito difundida, sobretudo entre os gnósticos, como afirmaram Epifânio e Filástrio.

Os docetas reconheciam na pessoa do Cristo apenas a natureza divina, não negando, contudo, a realidade de seu corpo, que consideravam aparente, aéreo, como um «fantasma», e, por esse corpo, explicavam os fatos da encarnação e morte do Filho do homem.

Inteligência de primeira ordem, de pureza perfeita — refletiam eles —, o Cristo não podia diminuir-se e tomar um envoltório de matéria corrompida, opinião esta generalizada em todas as doutrinas gnósticas. O termo Gnosticismo não tem uma definição específica; foi mais um nome coletivo que abrangeu as mais variadas seitas e idéias que floresceram pelo menos até ao século V da era cristã, estando em contradição, sob vários pontos, com as reflexões católicas.

É justo anotar que do Gnosticismo saíram os primeiros exegetas cristãos, com a finalidade de tornar mais claro ao povo o sentido obscuro das Escrituras.

No sentir dos gnósticos, Jesus veio somente para salvar os homens, ou seja, para os instruir e esclarecer; ao desempenho desse fim, eram-lhe suficientes as aparências da natureza humana. Para salvar os homens — expunham os gnósticos — tornava-se apenas necessário a sua instrução, visto que a corrupção e o apego dos homens à Terra provinham da ignorância em que se achavam acerca da sua própria grandeza, dignidade e destino.

Desde que as almas das criaturas estavam ligadas, aprisionadas aos órgãos corporais, somente por mediação dos sentidos se lhes podia esclarecer o espírito. Por isso, Jesus teve necessidade de tomar as aparências de um corpo, assemelhando-se aos homens, para com eles conversar, esclarecendo-os e instruindo-os; ele, porém, observavam os gnósticos, não estava unido a esse corpo «fantástico», como se acha unida a nossa alma ao corpo humano, pois semelhante união, além de desnecessária na instrução aos homens, teria degradado o Salvador. Em vista disso, inferiam que a obra da redenção, trazida pelo Mestre à Terra, ligava-se unicamente a um ministério de instrução. Podemos observar, nesses ensinamentos, reflexos doutrinários atualmente incluídos no Espiritismo.

Santo Atanásio, ilustre doutor da Igreja grega, no seu tratado da «Encarnação do Verbo», apesar de a ortodoxia não levar em consideração, sem motivo plausível, o seu pensamento, ensina que, em Jesus, não houve duas naturezas diferentes, conforme ficou firmado, mais tarde, nos Concílios de Éfeso (431), de Calcedônia (451) e de Constantinopla (680), e, sim, a única natureza divina encarnada; em outros termos: que a natureza humana não foi senão um instrumento para o Logos (Verbo). Assim professava a Escola de Alexandria, que fazia desaparecer, por conseguinte, na natureza divina a natureza humana, reduzida esta, desse modo, a uma simples aparência ou a uma matéria inerte. Em suma, tal Escola tinha a idéia dominante, de tendência platônica, de que do Deus Supremo havia saído uma inteligência perfeita, denominada Verbo, ou Espírito, e que a sua elevada condição tomava-lhe impossível unir-se à matéria ou reverter-se da natureza humana. Vêem-se também traços de Docetismo até na grande ortodoxia dogmática de S. João Damasceno.

A «heresia» em questão foi bem recebida pelos espíritos mais cultos e filosóficos, e uma das provas disso é a «Epístola de Santo Inácio aos Esmimeanos», no século I, na qual, referindo-se aos docetas, o bispo de Antioquia, condenando-a, diz: «Os poderes celestes, os anjos, os príncipes, sejam visíveis, sejam invisíveis, não permanecerão sem punição, se não crerem no sangue de Jesus- -Cristo. Ninguém deve orgulhar-se de sua posição ou do posto que ocupa.»

Uma interpolação em tais cartas, talvez feita pelo próprio autor, traz, na passagem acima citada, a paráfrase seguinte, ainda mais frisante: «Quer seja este um rei ou um sacrificante, quer príncipe ou particular, senhor ou escravo, é em vão que ele se apoiará em sua classe, na sua dignidade ou nas suas riquezas.»

Tais revelações trouxeram aos estudiosos a conclusão de que muitos dos docetas ocupavam altos postos na Igreja e no Governo.

Beausobre, conceituado teólogo protestante, autor de várias obras de crítica religiosa, em sua «Histoire Critique de Manichée et du Manichéisme», muito falou sobre o Docetismo, sistema por ele considerado interessante a prol do melhor entendimento da religião cristã, tomando-a mais plausível. Conta-nos, então, esse autor que, segundo os docetas, Jesus não tinha abandonado aos seus algozes senão um «fantasma» que se lhe assemelhava.

Se bem que não davam muito crédito ao Velho Testamento, em todas as suas partes, serviam-se, nas suas discussões sobre o corpo aparente de Jesus, das aparições de Jeová ou de anjos a Abraão, a Moisés e a tantos outros profetas. Constantemente, alegavam que Jeová havia aparecido a Abraão sob a forma humana na planície de Mamre, tendo o Senhor concordado em receber alimento, comendo e bebendo, em aparência pelo menos, o bezerro, o pão e o leite que Abraão lhe preparara (Gên., 18:1 a 8). Seguem-se, ainda, a convivência dos dois anjos com Lot, na casa deste (Gên., 19:1 a 22) e muitos outros fatos semelhantes. Apoiavam-se os docetas, igualmente, em o Novo Testamento, citando diversas passagens dos Evangelhos e das Epístolas de Paulo.

Raciocinavam dizendo que um corpo humano é sempre visível, sempre palpável e com um peso proporcional à quantidade de matéria que o compõe; que ele não pode penetrar através de outros corpos, nem ser penetrado. Ora, acrescentavam eles, o corpo de Jesus não possuiu nenhuma dessas propriedades. Não era visível senão pela vontade do próprio Jesus, e não por natureza; por isso é que ele passou despercebido através de uma multidão furiosa que, levando-o ao cume de um monte, resolvera precipitá-lo dali (Lucas, 4:28 a 30); ainda devido à sua constituição especial é que ele desapareceu repentinamente diante dos olhos dos dois discípulos que o reconheceram em Emaús (Lucas, 24:30 e 31), o mesmo sucedendo em outras ocasiões.

Ora, semelhante raciocínio, para ambos os casos citados, mostra-se-hos inteiramente confirmável pela Doutrina Espírita, raciocínio que o Codificador, apoiado nos fatos, externou em «Obras Póstumas», ao dizer que «o Espírito pode adquirir tangibilidade real, deixando-se, então, tocar, apalpar, oferecendo a mesma resistência e o mesmo calor qual se fora um corpo vivo, mas isto não o priva de desfazer-se com a rapidez do relâmpago».

Diziam, ainda, os docetas: Jesus não possuía um corpo inerente à matéria, pois que andou sobre as águas do mar da Galiléia sem se afundar (Mateus, 14:25 e 26); não tinha solidez permanente, pois penetrou, estando as portas fechadas, na casa onde os discípulos se reuniram por duas vezes (João, 20:19 e 26).

É preciso considerar esses argumentos em conjunto, e não insuladamente, pois, desta forma, poderiam conduzir a raciocínio diverso e parcial.

«Notamos, disse Beausobre, que os antigos heréticos defendiam sua doutrina pelos mesmos testemunhos da Escritura e pelas mesmas razões de que se serviu a Igreja Católica, nos séculos posteriores, para defender a presença real do corpo de Jesus-Cristo na eucaristia.»

Acompanhemos o raciocínio desse teólogo: — Se nos primeiros séculos os cristãos houvessem admitido o dogma da presença real, os docetas disso se aproveitariam, retirando uma objeção invencível e, certamente, diriam aos seus adversários: «Tudo o que subsiste, sem nenhuma propriedade do corpo humano, não pode ser corpo humano; ora, vós afiançais que o corpo de Jesus está na eucaristia, sem nenhuma das propriedades do corpo humano; por conseguinte, não é ele mais um corpo humano.»

Sustentavam os docetas — repetimos — que Jesus pareceu possuir um corpo humano igual aos nossos, se bem que, na verdade, de forma alguma o possuísse. Comentando, prossegue Beausobre: «Ora, sob que direito e sob qual pretexto os Padres, admitindo a presença real do corpo de Jesus na eucaristia, teriam podido rejeitar aquele milagre semelhante que continuava a perpetuar-se na Igreja, do qual a prova e o exemplo a todo momento se apresentavam aos olhos dos fiéis? Que absurdo aí havia em dizer que o Senhor, durante o curso do seu ministério, parecia ser aquilo que não era, ele que, após a sua ascensão ao céu, não cessou de aparecer?»

«Como na eucaristia o corpo de Jesus tem todas as aparências do vinho e do pão, sem ser nem um nem outro, do mesmo modo o corpo aéreo teria todas as aparências de realidade carnal, ainda que se constituísse de uma substância puramente espiritual.»

Bergier, conhecedor profundo de Teologia dogmática, refutando tais comparações, diz que, certamente, os Padres assim teriam respondido: «Tudo que subsiste, sem nenhuma propriedade sensível ou insensível do corpo humano, já não é corpo humano. Ora, o corpo de Jesus, na eucaristia, privado das propriedades sensíveis, conserva, contudo, as propriedades insensíveis: logo é um corpo humano, senão no seu estado natural, pelo menos num estado sobrenatural e miraculoso.»

Vemos que essa resposta de Bergier em si mesma nada diz ou prova. Partindo de premissas inconseqüentes, senão dogmáticas, conclui nesta base, de maneira desarrazoada e pueril.

Comentando, ainda, o assunto em foco, Bergier declara que, se o dogma da presença real de Jesus na eucaristia é aceito, ao passo que é rejeitada a opinião dos docetas, isso não o é por considerar-se uma destas questões menos absurda ou menos impossível a Deus que a outra! Assim se acredita, prossegue o explanador, por dois motivos: 1.º) «A presença real é formalmente ensinada na Escritura Santa, ao passo que, contrariamente, a opinião dos docetas é ali formalmente reprovada»; 2.º) «O dogma da presença real de maneira alguma conduz às conseqüências falsas e ímpias que se seguiriam à opinião dos docetas, isto é, a do corpo aparente e fantástico do Cristo.»

A primeira razão derivou e continua derivando da interpretação literal dos textos escriturísticos que se referem a tais pontos. Apesar da recomendação de Paulo de tudo examinarmos à luz do espírito, os homens prosseguimos na mesma rota de adaptação ao nosso eu material das coisas do espírito.

A segunda digressão, imediatamente verificamo-la não ser verdadeira, pelo menos atualmente, quando a obra de Roustaing, impregnada daquelas idéias docetistas, cada vez mais eleva o nome do Senhor, criando em nós uma admiração e um respeito bem mais profundos pelo filho de Maria.

O distinto eclesiástico cita os testemunhos epistolares de Santo Inácio e de São Policarpo, que estabelecem ser verdade o «mistério» da encarnação, a realidade da carne e do sangue de Jesus, servindo-se também do 1º versículo da 1ª Epístola de João — versículo que em nada desaprova o corpo fluídico do Mestre, pois os próprios docetas não negavam terem os apóstolos visto, ouvido e tocado o Senhor, seja antes, seja após a ressurreição; ressaltavam apenas que, aos sentidos deles, era dada a ilusão de carne real.

Santo Ireneu, bispo de Lãão, discípulo de São Policarpo, combateu o Docetismo no seu «Tratado contra as heresias», servindo-se, porém, dos mesmos fracos e parcos argumentos de que os demais Padres se utilizaram. Deste modo, refere-se à genealogia de Jesus por Mateus e Lucas, esquecendo-se o replicador das palavras textuais do próprio Mestre, contrárias a tal genealogia, constantes em Mateus, 22:41 a 45 e João, 1:1 a 18, bem como as de Paulo na Epístola aos Hebreus, 10:5.

«Se Jesus não fosse semelhante aos homens (exceção feita do pecado!) — continua Santo Ireneu — não poderia ser chamado homem, nem Filho do homem; viria apenas para nos iludir, inutilmente, pois, se somente tivesse tomado no exterior todos os sinais e caracteres da natureza humana; se realmente não houvesse sofrido, não nos teria remido. Indigno do título de Salvador da Humanidade, seria simplesmente um impostor, e não aquele predito pelos Profetas. Ainda mais, a ressurreição da nossa carne tornar-se-ia impossível, e não receberíamos, na eucaristia, a sua carne e o seu sangue, etc...»

O inteligente leitor poderá verificar, por si mesmo, a mediocridade desses argumentos. Desejamos fazer referência à questão do «Filho do homem», que melhor poderá ser compreendida em Daniel, 7:13. Além disso, a expressão homem bem pode supor a idéia da Humanidade em geral, compreendendo todos os seres da espécie humana, significação que já era citada pelo notável jurisconsulte romano, Gaio, que viveu no século H. Ainda poderíamos acrescentar o significado dado pelos antigos egípcios, relativo ao grau de saber. Doutra lado, não se refere o «homem» a José, pois Jesus nascera do Espírito Santo.

Prendendo-se, freqüentemente, à imprescindível necessidade do sofrimento material, carnal, de Jesus, os contraditores dos docetas esqueciam-se do inenarrável sofrimento moral ou espiritual do Mestre. Ainda mesmo que o Cristo nada sofresse dos homens, bastaria, para nos remirmos, a sua vinda ao abismo escuro da minúscula Terra, com todas as angústias que essa vinda deveria acarretar-lhe ao Espírito, a fim de trazer-nos a sua palavra iluminada.

Atualmente, os espíritas, estudantes da Terceira Revelação, aceitamos, por bem provável, o sofrimento material de Jesus, visto que este, possuindo um envoltório fluídico condensado (se assim nos permitem exprimir), e portanto matéria em si, se tomava, por conseguinte, suscetível aos choques da matéria.

É bom não esquecermos de que tal matéria condensada é tão sensível que, ao ser tocado um Espírito materializado, sem a permissão deste, nas sessões de experimentação, comumente a ação se reflete dele para o médium, que a sofre intensamente; assim, pois, podemos asseverar que tal matéria é sensível, sensibilíssima mesmo.

Ao contrário dessas materializações «artificiais», de laboratório, em geral imperfeitas e dificultosas, cumpre refletir atentamente sobre as aparições espontâneas, perfeitíssimas, quase diríamos carnis, distintas mesmo daquelas outras, e em tudo nenhuma relação parecendo mostrar com determinados médiuns, antes nos deixando supor a completa independência de sua formação, inclinando-nos a admitir que elas, as aparições, apenas se utilizaram dos recursos extraídos da Natureza.

Nestes últimos «fantasmas», a que chamamos agêneres, é admissível que os choques materiais, por eles recebidos, não se reflitam no exterior, qual se verifica com os Espíritos materializados em nossas sessões, os quais, quando o permitem, se deixam tocar pelos circunstantes vivos, sem isso trazer qualquer perturbação ao médium. Assim, se o Espírito materializado pode conservar em si mesmo a ação do choque, é admissível e lógico que o agêneres igualmente poderá sentir o choque, sem o transmitir. Dessa forma, não vemos por onde negar a priori que os seres fluídicos (agêneres) sejam insensíveis à dor.²⁴

Em vários dos chamados «livros apócrifos», encontram-se idéias docetistas. Antes de mencioná-los, vejamos a significação precisa da denominação que lhes foi dada.

O Protestantismo considerava apócrifos os chamados deutero-canônicos do Catolicismo. Os católicos reservam o nome — apócrifos — aos escritos que a Igreja rejeita do cânon ou catálogo público das Escrituras, por neles se encontrarem «coisas corrompidas» e contrárias à verdadeira fé (católica, é claro!). Existem, ainda, os apócrifos cujo motivo de exclusão do cânon é desconhecido. Tais livros, dizem mais, dados por seu título ou teor como obra de autores inspirados, não podem ser justificados neste sentido, ainda que sejam admitidos como inspirados por algumas Igrejas particulares ou por heterodoxos. A bem dizer, nem todas essas obras foram impugnadas por alguns dos venerandos Padres e Doutores da Igreja, que as consideravam ligadas à inspiração divina.

²⁴ (24) Por outro lado, temos de refletir sobre os fatos hoje conhecidos da exteriorização e da sensibilidade e da sua anulação, como vemos nas práticas de hipnotismo. Com seu ilimitado poder sobre a matéria e o magnetismo, mesmo que tivesse um corpo material, gerado, Jesus poderia torná-lo insensível, como fazem hoje médicos e dentistas em operações cirúrgicas. Portanto, o argumento que considera a dor como condição necessária à missão de Jesus é inconsistente, como tantos outros que pretendem igualar aquele Espírito sublime aos nossos de calcetas do pecado e da dor. — L. O. B.

Comentando esses apócrifos, disse Orígenes : «De modo geral, não devemos rejeitar em bloco tais obras, das quais podemos extrair alguma utilidade para esclarecimento de nossas Escrituras. Demonstra tal proceder a ausência de um espírito sábio em compreender e aplicar o preceito divino: Provai tudo e retende o que é bom.»

Foi num concílio realizado no século V, em Roma, que parece ter sido decretado, pela primeira vez, sob o papado de S. Gelásio I, um catálogo de livros canônicos, cuja compilação definitiva crê-se ter sido terminada no começo do século VI. Esse papa, já possuído da «heresia da dominação», na expressão de Arnaud, perseguiu os maniqueus na cidade de Roma, expulsando-os e queimando seus livros.

Os deuterocanônicos, obras que por muitos séculos foram postas em dúvida quanto à sua autenticidade, surgindo mesmo discussões entre os Teólogos e entre os Padres da Igreja, receberam, mais tarde, a sua inclusão no cânon, por conseguinte após as obras já nele existentes, e daí a origem de sua denominação de deuterocanônicos. Entre muitas delas, temos as seguintes: o livro de Tobias; o de Judite; o Eclesiastes; as Epístolas de Pedro; a Epístola aos Hebreus; a 2ª Epístola de João; o Apocalipse de João, etc.

Antes dessa época, os Evangelhos e os Atos apócrifos eram largamente espalhados e consultados entre os cristãos.

Na Epístola de Barnabé (apócrifa), obra considerada autêntica por Orígenes e S. Clemente de Alexandria, no versículo 12, há: «O Senhor diz que a influência da carne dele é deles.» Parece aí haver uma idéia docética, como pensa Harnack, se bem que outros não aceitem o mesmo.

Serapião de Antioquia proibiu a leitura do Evangelho de Pedro, na suspeita de nele haver corruptelas por parte dos docetas, talvez por conter o versículo 10 uma referência a Jesus, na cruz, nos seguintes termos: «Mas ele permaneceu mudo, como alguém que não sente dor alguma.»

Exceto os Atos de Paulo, todos os demais Atos apócrifos — dizem os ortodoxos — encerram mais ou menos idéias docéticas. Alguns desses foram reunidos numa coleção, na segunda metade do século U, por Leucius Charinus que, segundo Santo Epifânio, bispo de Constância, fora um discípulo de João, o Evangelista, e tal coleção foi ainda assinalada pelo bispo de Astorga, no século IV.

Nos Atos de João conta-se que, na Última Ceia, João, o apóstolo, encostando-se ao peito do Cristo, sentiu-o não resistente; ao ser sepultado, o corpo de Jesus estava por algum momento aparentemente sólido, e logo em seguida ele se tomou «imaterial e incorpóreo como se nada fosse». Ainda os mesmos Atos dizem que a crucificação foi somente em aparência, e que o Cristo apareceu a João, no Monte das Oliveiras, e lhe explicou o fato.

Os Atos de Pedro relatam que Deus enviou seu Filho «através da virgem Maria». Considerando aparente a Paixão, diz que «o sofrimento que se manifestou na Paixão do Cristo foi totalmente diferente do que em geral se supõe».

Os Atos de André relatam que Jesus é «imaterial, puro, imponderável», etc...

Nos Atos de Tomé, freqüentemente é evidenciada a antítese entre matéria e espírito, de sorte que a expressão neles existente — «Jesus é espírito» — parece conter uma idéia de fundo docético. S. Cirilo de Jerusalém, referindo-se ao termo espírito, diz que, de um modo geral, assim se denominava todo aquele que não possuía um corpo pesado e denso.

Um ilustre sacerdote de Letchworth (Inglaterra), estudioso de tal assunto, observa que, fora esses pontos, de resto todas essas obras apócrifas falam de Jesus muito semelhantemente aos livros canônicos, convindo, entretanto, frisa ele, «sejam lidas somente nos círculos ortodoxos, não devendo parar em outras mãos, por causa de sua tendência herética».

O nome geral de docetas foi dado a representantes de várias seitas, aos discípulos de Simão, de Menandro, de Saturnino, de Basílido, de Valentim, de Dositeo (discípulo de João, o Evangelista) etc., visto que todos eles concordavam na mesma idéia a respeito do corpo de Jesus, ainda que estivessem divididos sobre vários pontos de doutrina.

Basílido, morto no ano 130, redigiu um comentário sobre o Evangelho, primeira obra desse gênero de que se tem conhecimento. Esposava ele idéias interessantes com relação ao porquê do sofrimento da Humanidade terrena. Dizia, então, que o homem sofre neste mundo porque sua alma pecou em vida anterior à sua atual união com o corpo, sendo essa união um estado de expiação de que ela somente sairia depois de se haver purificado em passando sucessivamente de corpo em corpo, até o cumprimento da justiça divina, que não dava outros castigos, mas que, contudo, não perdoava senão as faltas involuntárias. Era esta idéia reencarnacionista, clara, consoladora, anexada à teoria do corpo «aparente» de Jesus, recebia igualmente a pecha de heresia.

Simão, o Mago, que se acredita ter sido aquele citado nos Atos dos Apóstolos, disse que Jesus viera entre os homens como um homem, se bem que não fosse de forma alguma um homem.

No século H, Valentim, Bardesana, Apeles, Marinus e outros admitiam o corpo do Cristo, embora fosse um corpo espiritualizado, depurado, e que somente passou através de sua mãe, mas não foi formado por ela.

Valentim ensinava que Jesus possuía um corpo «psíquico», especial, não sujeito à destruição e às leis normais da matéria. Nasceu de Maria, passando através dela, que permaneceu virgem, como a água passa através de um conduto, sem nada receber ou modificar, visto já possuir ele um corpo «lá em cima». Valentim afirmava ter recebido esta doutrina de um discípulo de Paulo.

Heracleon, discípulo de Valentim, escreveu comentários sobre os Evangelhos de Lucas e de João. O comentário a respeito deste último era bem conhecido de Orígenes que, se bem não concordasse inteiramente com a exegese de Heracleon, considerava-a, pelo menos, com respeito.

Bardesana, tido pelos Padres de sua época como homem cheio de talentos e virtudes, negara a ressurreição carnal. Reconhecia a imortalidade da alma, a onipotência e providência de Deus, e dizia que Jesus tivera um corpo espiritual. Parece haver crido na existência de satanás ou do demônio, que não era, porém, criatura de Deus, nem administrava parte alguma do mundo. Buscava Bardesana essa saída para poder explicar a origem do mal, que de Deus não poderia resultar. Para ele, o mundo e o homem foram criados por Deus, mas o homem, no princípio, não era um ser revestido de carne e, sim, uma nima unida a um corpo sutil e conforme à sua natureza. Essa era, pois, a alma que fora formada à imngrrPTTi de Deus e que, enganada pelas astúcias do demônio, havia transgredido as leis do mesmo Deus, o que obrigara o Criador a expulsá-la do paraíso e a ligá-la a um corpo carnal, uma espécie de prisão, que Bardesana diria, serem as túnicas de pele com que Deus havia coberto Adão e Eva, depois do pecado.

Malgrado essas idéias estarem eivadas dos sentimentos e da compreensão vigentes naquela época, são elas merecedoras de acatamento.

Judiciosamente, em conclusão à doutrina esposada, Bardesana diz que a união a um corpo carnal é, pois, conseqüência do mesmo pecado e, em vista disso, Jesus, espírito puro, imaculado, não poderia ter tomado um corpo carnal. Igualmente, prosseguia ele, devido ao mesmo princípio, não ressuscitaremos com o mesmo corpo que temos sobre a Terra, mas, sim, com um corpo sutil e celeste, que deve ser a habitação normal de uma alma pura e inocente.

Harmonius, filho de Bardesana, mais claramente que o pai afirmou a reencarnação. Marinus prosseguiu com o ensino dessas doutrinas.

Segundo Apeles, Jesus realmente não nasceu da virgem Maria; todavia, não se manifestou sem um corpo real. Dizia, então, que Jesus, servindo-se do material das estrelas e «das mais altas substâncias da Natureza», compôs um corpo e nele habitou durante todo o tempo que passou neste mundo. Ressurgido depois de três dias, mostrou aos discípulos as marcas das mãos e o lado, a fim de convencê-los de que era ele mesmo em pessoa, em carne e osso, e não um fantasma — prossegue Apeles, argumentando. Após aparecer, durante quarenta dias, com essa carne, o Cristo, tendo rompido o laço que o prendia a semelhante corpo, restituiu a cada um dos elementos aquilo que lhes pertencia, retirando-se, em seguida, para o Pai. Assim fazendo, ele não quis conservar nada de estranho, pois apenas se servira daquela carne, momentaneamente, enquanto dela tinha necessidade.

Em verdade, Apeles teve razão ao considerar o corpo de Jesus uma verdadeira carne e esta é a mesma impressão que temos com os Espíritos materializados, que às vezes se nos apresentam perfeita e legitimamente «carnais».

Marinus e outros, seguindo a Bardesana, diziam que o Cristo possuía um corpo «celeste», «astral», não tendo, pois, nascido de mulher.

O docetismo radical, de que nos fala o teólogo protestante Harnack, negava toda a realidade do corpo de Jesus; este não nascera absolutamente em nenhum sentido, e durante toda a sua vida humana foi um perfeito fantasma.

Embora Saturnino e Cerdo, os mais radicais, tenham aventado tais idéias, estas, bem analisadas, tinham razão de ser, pois Jesus não passara pelo nascimento normal na Terra e o seu corpo participara dos caracteres de um «corpo fantasma».

Saturnino, gnóstico do século I, dizia, segundo Santo Ireneu, que o Salvador não foi nascido, foi incorpóreo, sem matéria real, sine figura, assemelhando-se a um homem aos olhos da Humanidade.

Antes de continuarmos, devemos lembrar aos leitores que a maior parte das questões em estudo não provém dos escritos dos docetas, escritos que, embora

produzidos, ou se perderam ou sofreram a destruição. Quase tudo o que relatamos nos foi legado por alguns dos primeiros Pais da Igreja (Inácio, Ireneu, Tertuliano, Hipólito, Epifânio, etc.) que se insurgiram contra tais idéias, e, assim, é bem provável que eles tenham, consciente ou inconscientemente, deturpado, algumas vezes, o sentido oculto do pensamento dos docetas.

Cerdo (ou Cerdon) explicava que o «Cristo, o Filho do Deus Altíssimo, manifestou-se sem nascer de Maria, ou seja, sem nenhum nascimento na Terra à semelhança dos homens».

Para Marcion, zeloso cristão, Jesus não fora, de maneira alguma, um homem, pois não tinha um corpo real; apareceu, ao contrário, «sob a semelhança de um homem» (Epístola aos Filipenses, 2:7). E diz ainda: «O Cristo pareceu sofrer e ser sepultado.» Há também referências sobre Marcion em que este se baseia em Mateus, 12:48, na Epístola aos Romanos, 8:3, além de outras passagens, em apoio do Docetismo.

Contra Marcion escreveu Tertuliano, para provar que o Cristo não teve um «corpo fantástico», embora este Padre acreditasse que os anjos possuem um corpo que lhes é próprio, passível de se transfigurar em carne humana, tomando-se, por algum tempo, perceptíveis aos homens, e com estes podendo manter relações visíveis.

Ptolomeu, gnóstico cristão da escola de Valentim, de meados do século II, foi dos que mais circunscreveram as idéias docetistas. Dizia que o Cristo fora, de fato, um homem real, porém a sua substância ou natureza era apenas composta dos elementos psíquico e pneumático, isto é, do perispírito e do espírito propriamente dito, como hoje diríamos.

O elemento psíquico, mesmo entre os filósofos não materialistas, tinha o sentido de um elemento de natureza física ou animal, formando como que o intermediário entre o espírito e o corpo, e constituía o princípio imediato da vida. O pneuma constituía o sopro imortal, o princípio espiritual da vida espiritual ou intelectual.

Ptolomeu dizia que a natureza psíquica de Jesus permitiu-lhe sofrer e sentir dor, ainda que nada possuísse de grosseiramente material.

Abstinham-se os docetas da eucaristia, visto que não reconheciam representar a carne e o sangue de Jesus.

Os ofitas continuaram com as mesmas idéias que, no século VI, foram retomadas por alguns eutiquianos e monofisitas.

O Monofisismo surgiu em princípios do século III, amoldando-se às idéias apolinaristas (das quais trataremos mais adiante). No século VI, sofreram os seus adeptos as mais cruéis perseguições, sendo forçados a emigrar para o Egito. Nessa época, o Monofisismo dividiu-se em duas seitas, pois Juliano, bispo de Halicarnasso, discordando quanto à natureza do corpo de Jesus, afirmava, então, que era fazer injúria à sua divindade supor que o Verbo se unira a uma carne terrestre e corruptível como aquela dos homens «animalizados» e «mal-cheirosos». O Cristo, em sua passagem pela Terra, tivera o seu corpo sempre incorruptível, como aquele de Adão antes da queda, e igual àquele que os outros o crêem ter tomado após a ressurreição; foi sempre isento da corrupção e das enfermidades, bem como da punição do pecado. Completando os seus pensamentos, Juliano diz que, se o Cristo sofreu, o fez voluntariamente, para salvar os homens, mas não por efeito de sua natureza.

Os que professavam esta doutrina foram chamados astartocetas, em contraposição com os corruptícolos. Procedendo do Egito, os incorruptícolos espalharam-se por várias regiões, tendo sido dominantes na Armênia.

O Maniqueísmo, que contém idéias docéticas, surgido no século III, sofreu muitas perseguições, conseguindo, contudo, espalhar-se pelo Oriente e pelo Ocidente, declinando somente no século XII, devido à violenta oposição da Igreja.

Os maniqueus acreditavam na reencarnação, por julgarem-na indispensável ao progresso do espírito humano, visto que, alegavam eles, não é possível que todas as almas adquiram perfeita pureza no decurso de uma única vida mortal.

As almas que persistem no pecado, após certo número de revoluções, são então entregues aos demônios do ar, para serem alimentadas e domadas. Depois dessa dolorosa penitência, voltam as almas a outros corpos, como que para novas escolas, até que, tendo adquirido o grau de purificação suficiente, se transportam, atravessando a região da matéria, ao lugar a que os maniqueus denominam «coluna da glória». O Espírito Santo, que está no ar, assiste continuamente as almas, espalhando sobre elas suas preciosas influências.

O maniqueísta Fausto, entre outros, descreve o corpo do Mestre como não sendo humano, mas, sim, formado de elementos celestiais.

No século XII floresceu na França meridional a seita neomaniqueana dos albigenses. Admitindo, como os cátaros, os princípios antagônicos — o mau e o bom — diziam que Jesus não podia tomar um corpo genuinamente humano, porque viria debaixo do controle do princípio mau. Por conseguinte, seu corpo era de natureza celestial e com ele penetrou a pessoa de Maria; nasceu dela e sofreu, apenas aparentemente.

Entendiam, ainda, que a redenção do Mestre não foi «operativa», mas unicamente instrutiva.

Inúmeros concílios católicos foram realizados com o fim de dar combate à doutrina dos albigenses, a qual, todavia, se propagava cada vez mais rapidamente. A convite do papa, organizaram-se cruzadas militares sob os auspícios de alguns países, as quais desbarataram os albigenses, cometendo as maiores atrocidades. A Inquisição, instituída para esse fim, prosseguiu no bárbaro trabalho de limpeza, e conseguiu, no começo do século XIV, o quase total desaparecimento dessa seita.

Além de outras diversas seitas que encerravam idéias docéticas, alguns anabatistas foram docetas; Maomet, no Alcorão, veladamente parece referir-se ao corpo de Jesus, e chega a dizer que «Jesus, o filho de Maria, o Verbo e o Apóstolo de Deus, não foi crucificado senão em aparência»; e o próprio Budismo, numa de suas seitas, apresentou, com relação a Buda, tendência docética.

Só agora escreveremos sobre Apolinário, visto que, ao que nos parece, suas idéias não interessam ao estudo a que nos propomos, como veremos.

Alguns autores, ao tratarem do corpo de Jesus, referiram-se às concepções apolinaristas no que estas dizem ter sido impassível o corpo do Cristo, e que descera do céu ao seio da Virgem, mas que não nascera dela.

Desejando comprovar a veracidade de tais afirmações, encontramos-as, de fato, no Grande Dicionário Universal do Século XIX, de Larousse, e em alguns outros dicionários talvez calcados nessa obra, que, sucintamente, sem trazer qualquer relação bibliográfica, nos pareceu ser a de que aqueles autores se serviram.

Entretanto, estudando a vida e a obra de Apolinário em outras Enciclopédias, teológicas ou não, que profusamente se referiram a esse bispo, citando a redação dos anêmatas proferidos contra a sua doutrina, e com a apresentação final de extensa bibliografia, é desconcertante dizer nada havermos encontrado a respeito daquelas questões inseridas no «Larousse». Infelizmente, por não possuímos os livros indicados nas bibliografias como referentes a Apolinário, não pudemos verificar a veracidade ou não da exposição oferecida pelo Grande Larousse. Esperamos, todavia, que outro estudioso mais paciente e dedicado esclareça essa dúvida.

Apresentamos, pois, a síntese do estudo que levamos a efeito:

Apolinário (o jovem), bispo de Laodicéia, nascido talvez a 300, e falecido em 390 ou 392, era filho de Apolinário (o antigo), com quem trabalhou na adaptação da Bíblia à literatura profana. Foi mestre de S. Jerônimo, que se julgou diante dele, assim como de Orígenes e outros Padres, «imperitíssimo comparado com eles». Diz o autor da Vulgata que Apolinário escreveu inúmeros volumes sobre a Sagrada Escritura e que os trinta livros contra Porfírio foram muito admirados.

Apresentou ele refutações ao Arianismo e ao Maniqueísmo, escreveu algumas obras em verso e fala-se de uma versão poética da Bíblia, produzida, parece, somente por ele, sem o auxílio do pai, como pensam alguns autores.

Sócrates, o Escolástico, referindo-se a ele, disse: «foi um sábio em ciência». S. Basílio diz que «devido ter ele grande facilidade em escrever, sobre qualquer assunto, conseguiu encher o mundo com seus livros».

Acredita-se ter sido 360 o ano em que Apolinário iniciou o ensino de uma nova concepção a respeito da natureza do Cristo. Sofrendo a oposição da Igreja, desta por fim se separou, surgindo assim a seita dos apolinaristas.

Mesmo depois de seu afastamento dos Pais ortodoxos, estes continuaram a tratá-lo com respeito e até com certa afeição.

Santo Epifânio conta que ele próprio, bem como Santo Atanásio e «todos os católicos», muito amaram o «ilustre e venerável ancião Apolinário de Laodicéia», e que, ao ouvirem falar de sua heresia, não puderam acreditar que tão grande homem houvesse caído em semelhante erro.

O Sínodo de Alexandria (362) parece ter conhecimento das idéias de Apolinário, rejeitando-as, não mencionando, porém, o nome do autor. No Sínodo romano (374), foi Apolinário julgado herético e condenado, não sendo, contudo, nominalmente incluído nos cânones. Outras reuniões eclesiais condenaram a

doutrina apolinária. O Sínodo de Antioquia (378) lança o anátema contra aqueles «que dizem que o Verbo de Deus habitou na carne humana, em substituição à alma racional e inteligente». O papa Dâmaso, no Concílio de Roma (380), lança idêntico anátema. O primeiro cânon do Concílio Ecumênico de Constantinopla (381) registra também a condenação.

Serviu-se Apolinário, para sua concepção, dos três elementos componentes da natureza humana, segundo a Escola neoplatônica, a saber: o corpo; a alma («anima animans»), princípio que atua e informa o corpo, sendo comum aos homens e aos animais, tornando-os em seres vivos; e a mente ou espírito, agente do pensamento, da razão, da consciência, da vontade livre, em síntese: a essência da personalidade humana. Em apoio dessa divisão, citava passagens das Escrituras, como por exemplo a «Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 5:23 — «e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados completos, irrepreensíveis». Desses três elementos, o corpo e a alma formavam o ser «natural» (a máquina, teria dito Platão) controlado e guiado pela razão ou espírito. Mas — comentava Apolinário — o espírito no homem é transformável, falível, cheio de pecados inerentes à natureza humana e, por isso, não deve tomar lugar no Cristo, o que tiraria o valor à Redenção.

Raciocinando ontológica e psicologicamente, Apolinário criou, então, a doutrina que admitia, na pessoa do Cristo, o corpo humano e a alma, mas não a mente racional humana. Esta é o Logos ou este lhe toma o lugar, tomando-se, assim, o centro racional ou espiritual.

Atribuiu-se a Apolinário o haver sustentado que a divindade (Logos) sofrerá, morrerá, etc.; porém, isto são mais conseqüências tiradas dos princípios de Apolinário que propriamente opiniões do bispo, comentam estudiosos católicos.

Baseando-se em algumas passagens do Novo Testamento, para Apolinário foi Jesus realmente um ser de natureza humana, por possuir alma e corpo, embora controlado e guiado pelo Espírito divino que lhe constituía a natureza divina. O Cristo não foi, pois, um Homem-Deus e sim um ser partilhando do homem e de Deus; nem inteiramente homem, nem inteiramente deus.

Os Padres ortodoxos contemporâneos, rejeitando a teoria de Apolinário, não estão muito interessados, declara um escritor eclesiástico, sobre a verdade ou a inverdade contida na exposição de que a natureza humana consiste de três elementos, questão que foi levantada na Idade Média, e que tem suscitado veementes discussões entre os teólogos. Os primeiros contraditores do Apolinarismo escandalizaram-se principalmente com a asserção de que ao Cristo faltou um elemento de completa natureza humana.

Diante de toda essa análise, podemos concluir que Apolinário foi um trabalhador cristão, admirado por seus contemporâneos, e que a sua doutrina, nada tendo a ver com a do corpo fluídico de Jesus, foi fruto natural da época, quando diferentes idéias surgiam no afã de explicar a tese católica da união divina à humana.

Dissemos acima que Apolinário combateu o Arianismo, doutrina do presbítero Ário, apresentada no princípio do século IV, contrária à da S. S. Trindade, e que chegou a abalar os alicerces do Catolicismo dominante, que desapareceria se não fossem as lutas e perseguições violentíssimas movidas contra os sectários da doutrina mencionada. Baseado nos Evangelhos, Ário dizia que, se o Filho está subordinado ao Pai, não é, pois, absolutamente Deus; não é consubstancial com o Pai, portanto não coeterno com Este, não O igualando em dignidade e poder. Logo, Jesus não é eterno e sim, concluía Ário, uma criatura gerada antes da criação do mundo por ato da vontade de Deus, e deste não tem a mesma essência ou natureza, apesar de ser a criatura tipo, a mais perfeita. Esta perfeição é tal — considerava Ário — que, para os terrestres, Jesus poderia ser mesmo um Deus. A doutrina arianista reapareceu, sob outros nomes, nos séculos XVI, XVII e XVIII, bem como, em parte, qual a do Docetismo, foi revelada, revivida, pelos Espíritos que nos trouxeram a Terceira Revelação.

Com a ânsia espontânea e nobre de esclarecer a Humanidade, aqueles homens foram incompreendidos e passaram a sofrer as perseguições dos que se sentiam com o privilégio da iluminação de Mais Alto. Que esses exemplos de incompreensão cristã, do passado, não revivesçam, perturbando a marcha evolutiva do pensamento humano. Os homens de responsabilidade doutrinária deverão reconhecer a necessidade de nos respeitarmos uns aos outros, lembrando-nos de que o livre-arbitrio, ou melhor, a liberdade de crença é uma das maiores, senão a maior conquista do século, por permitir a cada um procurar as luzes que o auxiliem a vencer a jornada terrena e satisfaçam à inteligência e ao raciocínio próprios.

O professor de Escritura Sagrada, Arendzen, de uma das Universidades inglesas, num estudo do Docetismo, anota um renascimento de idéias docéticas em círculos spiritistas, embora — diz ele — menos fantásticas e extravagantes que as do passado. Sim, confirmamos nós outros, a obra de Roustaing ressuscitou o pensamento fundamental do Docetismo — o corpo fluídico de Jesus. Cumpriu, destarte, o Paraclito uma das facetas do seu infindo programa esclarecedor, e, realmente, sem qualquer extravagância.

Ao deliberar a confecção deste trabalho, assaltou-nos apenas o desejo de trazer uma explanação menos imperfeita das idéias que se prendem ao Docetismo, visto que este termo é encontrado em importantes obras espíritas e comumente é referido nas conversações entre spiritistas.

Trabalho sem valor, já o sabemos; todavia esperamos que outros, mais cultos e dispostos de obras cuja raridade não nos ensejou um estudo mais profundo, possam melhor desenvolver o assunto, trazendo-nos as luzes a que todos aspiramos.

BIBLIOGRAFIA

Grand Dictionnaire Universel du XIXe Siècle — M. Pierre Larousse.

La Grande Encyclopédie.

The Catholic Encyclopedia — Various editors. *Encyclopedia of Religion and Ethics* — Edited by James Hastings.

Encyclopédie Théologique — Publiée par M. L'Abbé Migne. *Enciclopédia Universal Ilustrada*.

Dictionnaire de Théologie Catholique — G. Bareille. *Philosophumena ou Réfutation de toutes les hérésies* —

ELOS DOUTRINÁRIOS

149

Hippolyte de Rome.

Dicionário Universal das Heresias, Erros e Cismas — Antônio Gomes Pereira.

El Legado de Egipto — Publicação da Universidade de Oxford.

APOLINÁRIO, CERINTO E O CORPO DE JESUS

por Zéus Wantuil

Em nosso trabalho — «Docetismo», mostramos que as idéias de Apolinário, bispo de Laodicéia, no século IV, nada tinham que ver com a teoria do corpo fluídico de Jesus. O Apolinarismo surgiu como uma explicação para o problema que já vinha sendo tratado desde o século segundo, e sobre o qual se levantavam as mais disparatadas e controvertidas idéias. A questão resumia-se em compreender como o Logos (o Verbo) poderia ligar-se a uma natureza humana. E a solução apresentada por Apolinário foi uma tentativa para salvar a unidade da pessoa do Cristo, a expensas de sua natureza humana.

Apolinário, cuja desencamação se deu ali pelas proximidades de 390, foi, como já fizemos notar, admirado e respeitado pelos seus contemporâneos devido a sua grande sabedoria. Segundo um seu contemporâneo chamado Sócrates, o Escolástico, era ele «sábio em ciência», e, no dizer do historiador Sozomeno, era «versado em todas as ciências e doutrinas, um homem de erudição e cultura profusas».

Acreditando firmemente ser impossível a união da natureza Divina completa com a natureza completa de um homem, não passando isto, acreditava ele, de mera justaposição, e não unidade, apoiou-se na concepção neoplatônica da natureza humana (corpo, alma e espírito ou mente), corroborada pelo apóstolo Paulo, e fez as seguintes considerações: O espírito ou mente humana, sendo imperfeito, falível, não poderia estar no Cristo. Dessa forma, é ele eliminado da humanidade do Cristo, e, no seu lugar, permanece a essência divina, o Logos, para que o ser do Cristo não se macule com o pecado inerente à natureza humana.

Em suma, o Cristo assumiu o corpo humano e a alma humana ou princípio da vida animal, mas não o espírito humano. O Logos é que tomou o lugar deste último, tomando-se assim, no Cristo, o centro da vida racional e espiritual, a sede da autoconsciência e autodeterminação. O Cristo é, então, um ser humano (pelo corpo e pela alma sensitiva) guiado e controlado pelo Logos, que é, portanto, a única parte divina do mesmo Cristo.

Usando deste artifício, Apolinário julgou ter posto o Cristo a salvo, assegurando-lhe a unidade substancial, garantindo-lhe a imutabilidade de sua moral e, destarte, tomando evidente, por si mesmo, o grande valor da Redenção.

Por causa dessas idéias, Apolinário foi considerado como heresiarca, e dele se afastaram antigos amigos, que, então, passaram a combatê-lo com veemência.

O Sínodo de Antioquia (378) anatematizava aqueles que «dizem que o Verbo de Deus habitou em carne humana no lugar de uma alma inteligente e racional». (Mansi, i i i, 486.)

O primeiro Canon do Concílio de Constantinopla (381) também condena os apolinaristas, e o Concílio de Roma, de 381, repetia: «Pronunciamos anátema contra aqueles que dizem que o Verbo de Deus esteve na carne humana, em vez ou no lugar da alma humana racional e intelectiva.»

O Quinisextum Sínodo, de 691, no primeiro cânon, não esqueceu de, novamente, condenar «Apolinário, chefe da malícia, que impiamente declarou que o Senhor não assumiu um corpo dotado de alma e mente». (Mansi, Col-lectio, 1759-1798, XI, 936.)

Vários outros Concílios referiram-se à doutrina apolinarista, e só citamos os acima, não porque damos importância a excomunhões e anátemas, e sim para provar que Apolinário cria realmente no corpo físico, carnal do Cristo, e tanto é assim, que ele também se apoiava em I-Timóteo, 3:16: «E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: aquele que foi manifestado em carne... » e em João, 1:4: «Eo Verbo se fez carne e habitou entre nós...», com isto querendo frisar, em defesa de suas idéias, que o Verbo (Logos) foi feito não homem, mas carne.

À vista de tudo o que, com simplicidade, expusemos, apenas com o intuito de esclarecer, sem mostras de erudição, que confessamos não possuir, devemos concluir que falece razão àqueles que continuam a ligar o Apolinarismo ao corpo fluídico de Jesus.

Para combater esta última teoria, não mais se faz necessário ressuscitar Apolinário e as condenações católicas que caíram sobre ele, primeiro porque o dito bispo de Laodicéia acreditava na «carne» de Jesus-Cristo, e segundo porque a doutrina apolinarista está há muitos séculos extinta.

Além do mais, precisamos apoiar nossas opiniões em estudos raciocinados e inteligentes, e não em excomunhões arbitrárias ou não. Se assim procedermos acerca de certa questão que queremos defender, é lógico que o devemos também fazer com relação a todas as demais, e neste caso não deveríamos aceitar, por exemplo, a reencarnação, pregada por Carpócrates, Orígenes e outros, a não divindade de Jesus, pregada por Ário, porque essas idéias e seus partidários foram condenados pela Igreja como heréticos.

Ário era sacerdote de uma das igrejas de Alexandria, e, em 318, mais ou menos, opôs-se à doutrina do seu bispo, que proclamava a igualdade das três pessoas divinas.

A relação entre o Pai e o Filho foi um dos problemas que preocupavam seriamente os padres dos séculos II e m. Pairavam no ar interrogações como estas: Jesus-Cristo é realmente Deus? «É a divindade — como escreve Hamack — que apareceu na Terra e tornou a sua presença ativamente idêntica à divindade suprema que governa os céus e a Terra?»

Com o propósito de satisfazer a estas exigências racionais da fé é que apareceu Ário com a sua doutrina. Pregava que o Filho (Jesus-Cristo) é como que uma divindade secundária, inferior, subordinada, colocada entre a Primeira Causa e as criaturas, e não realmente o Deus eterno, onipotente, infinito.

Deus, segundo Ário, foi sempre único, o princípio, o não gerado. Já o Filho, este foi gerado, e houve um tempo em que não existiu; portanto, conclui Ário, ele não pode ser coeterno, consubstancial com o Pai, nem igual a este em dignidade.

Era a negação expressa da «misteriosa» Trindade (três pessoas num só Deus), que começava a enraizar-se no Catolicismo nascente, e que, em fins do século n, ainda se achava meio indecisa.

Pois bem, foi por isto que o Sínodo de Alexandria o excomungou e expulsou do sacerdócio; que o Concílio de Nicéia (325), convocado pelo imperador Constantino, que a ele presidiu sentado num trono de ouro, condenou Ário e outros bispos que adotavam a mesma doutrina, o mesmo fazendo o Concílio de Constantinopla (381) e outros concílios.

Quem estudar, mesmo superficialmente, os concílios na história da Igreja, comprovará as arbitrariedades neles cometidas. «Os autores sacros — comenta Allan Kardec, em «Obras Póstumas» — nada mais conseguiram do que girar dentro do mesmo círculo, produzindo apreciações pessoais, deduzindo corolários acordadamente com seus pontos de vista, comentando, sob novas formas e com maior ou menor desenvolvimento, as opiniões contrárias às suas. Pertencendo ao mesmo partido, tiveram todos de escrever no mesmo sentido, senão nos mesmos termos, sob pena de serem declarados heréticos, como o foram Orígenes e tantos mais. Naturalmente, a Igreja só incluiu no número dos seus Pais os escritores ortodoxos, do seu ponto de vista; somente exalçou, santificou e colecionou aqueles que lhe tomaram a defesa, ao passo que repudiou os outros, e lhes destruiu quanto pôde os escritos. Nada, pois, de concludente exprime o acordo dos Pais da Igreja, visto que formam uma unanimidade arranjada a dedo, mediante a eliminação dos elementos contrários. Se se fizesse um confronto de tudo o que foi escrito pró e contra, difícil se tornaria dizer para que lado se inclinaria a balança.» E, mais adiante, conclui Kardec: «Longe de intentarmos apontá-los (os Pais da Igreja) no que quer que fosse, apenas quisemos refutar o valor das conseqüências que se pretende tirar do acordo de suas opiniões.»

Muitas outras teses doutrinárias, hoje aceitas pelos espíritas, foram também condenadas como heréticas pela Igreja, pois que contrárias ao pensamento dos Padres da Igreja. Para não irmos mais longe, basta dizer que, se fôssemos adotar o veredicto da Igreja, para justificar nossas asserções, falsas ou verdadeiras, contra idéias que não professamos, numa argumentação tola e incoerente, não mais deveríamos ser espíritas, pois estes são considerados heréticos pela Igreja, e por esta condenados !

*

Também dizem por aí que, no primeiro século, Cerinto levou a Éfeso a teoria do corpo aparente de Jesus, sendo ele veementemente combatido pelo apóstolo João, que ainda vivia.

Ao que sabemos, Cerinto jamais adotou semelhante teoria; senão vejamos:

A primeira referência a Cerinto, de que se tem conhecimento, encontra-se na obra «Adversus Hoereses», escrita pelo ano 170, por Santo Ireneu. Este, referindo-se a S. Policarpo, escreve assim: «E há alguns que o ouviram dizer que João, o discípulo do Senhor, tendo ido a um balneário de Éfeso, ao ver Cerinto ali dentro, lançou-se para fora do balneário, sem banhar-se, dizendo: «Vamos fugir, pois que é de temer-se que o edifício caia, enquanto Cerinto, o inimigo da verdade, ali dentro estiver.» («Adversus Hoereses», m, iii, 4.)

Cerinto, de acordo com esta informação de Santo Ireneu, parece ter sido contemporâneo de um João da Ásia, que até hoje não se sabe ao certo se foi João, o Apóstolo, ou João, o Presbítero.

A época e o lugar de nascimento e morte de Cerinto são desconhecidos, apesar de alguns autores fixarem esses dados.

A informação mais digna de confiança, no que respeita à doutrina de Cerinto (que não deixou obra escrita), é devida a Ireneu. Eis o que este bispo registrou: «Um certo Cerinto ensinou na Ásia que o Verbo não foi feito pelo Deus Supremo, mas por um determinado poder inteiramente separado e distinto daquela autoridade que está acima do universo, desconhecedor daquele Deus que é sobre todas as coisas. Ele opinou que Jesus não nascera de uma virgem (porque isto lhe parecia impossível), e sim que foi o filho de José e Maria, nascido como todos os outros homens, se bem que ele superasse toda a Humanidade em justiça, em prudência e em sabedoria; e que, no ato do batismo de Jesus, descera sobre este, daquela autoridade que está acima de todas as coisas, o Cristo em forma de uma pomba. Então, Jesus anunciou o Pai desconhecido e operou milagres; mas, no fim, o Cristo separou-se de Jesus, e este sofreu e ressuscitou, enquanto o Cristo permaneceu impassível, posto que era um ser espiritual.» («Adversus Hoereses», I, XXVI, 1.)

Hipólito de Roma repetiu, com outras palavras, o que escreveu Ireneu, e, posteriormente, outros Padres escreveram também algo a respeito, havendo entre todos Concordância na exposição.

Em síntese, segundo Cerinto, há Jesus e há o Cristo ou Filho único de Deus, e só Jesus, o homem, nasceu, padeceu, morreu e ressuscitou.

Muitos escritores da Igreja acreditaram que o Evangelho atribuído²⁵ a João foi escrito para refutar Cerinto, que negava a encarnação do Verbo.

A teologia do Verbo (Logos), professada na metade do século H por Justino, depois por Taciano, Hipólito, Tertuliano, Orígenes e outros, contou entre os seus defensores todos os grandes teólogos do fim do século H e primeira metade do século IH.

Todos os atributos do Logos grego, os apologistas os transportaram imediatamente ao Logos do quarto Evangelho, acrescentando-lhe outros novos e mais

²⁵ (25) O quarto Evangelho e bem assim a 1ª Epístola a que nos referimos, embora sejam anônimos, visto que não traziam o nome do autor, são, entretanto, atribuídos ao apóstolo João. A este é igualmente atribuída a 2ª e a 3ª Epístolas, cujo autor simplesmente se fez conhecer com o título presbyteros. De acordo com a opinião do profundo estudioso Henri Delafosse («Le Quatrième Évangile», 1925), o 4º Evangelho "é a edição católica de um livro marcionita", isto é, um livro da autoria de algum discípulo de Marcião, o gnóstico. Já Ernesto Renan («A Igreja Cristã», 1879) acha que esse Evangelho tenha sido escrito por João, o Presbítero, juntamente com Aristião.

importantes, fazendo dele um outro Deus, um Deus segundo, o Filho único de Deus.

O Verbo era, então, o Filho único de Deus, o Christos de Cerinto, e, segundo os apologistas ortodoxos, ele veio em carne no seio de uma virgem para dar nascimento a Jesus. Este não era o Pai encarnado, nem simplesmente um homem, como queria Cerinto, mas o Logos encarnado.

Relativamente à primeira Epístola atribuída a João²⁶, 2:22: «Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Esse é o anticristo, que nega o Pai e o Filho», a maioria dos estudiosos acha que aí a doutrina de Cerinto é condenada, constituindo este versículo não uma acusação ao Judaísmo (que negava a missão messiânica de Jesus), mas um ataque àqueles que recusavam identificar Jesus com o Cristo.

No cap. 5, vers. 6 dessa mesma Epístola: «Este é aquele que veio por água e sangue, Jesus, o Cristo; não só por água, mas por água e por sangue», é mais natural, diz a «Encyclopædia of Religion and Ethics», de James Hastings, ver neste versículo uma oposição ao ponto de vista de Cerinto, que dizia ter o Cristo descido a Jesus durante o batismo pela água, mas que o deixou antes da Paixão.

Citam-se, ainda, os vers. 2 e 3 do capítulo 4, e Arthur S. Peake, M.A., D.D., declara que, no texto comumente usado, a referência à «carne» pode parecer uma alusão ao Docetismo, e, assim sendo, deixa de ser importante contra o Cerintianismo, porquanto Cerinto não negava a real humanidade de Jesus.

Concordamos em parte com o douto professor de exegese bíblica: Cerinto não negava que Jesus tivesse vindo em carne, mas negou que o Cristo houvesse feito o mesmo. Ora, se o versículo 2, por exemplo, diz claramente que «todo espírito que confessa que Jesus-Cristo veio em carne é de Deus», podemos muito bem crer que o autor da epístola quisesse frisar que tanto Jesus, como o Cristo, sendo um, vieram em carne, nasceram em carne. Esta nossa suposição adquire maior peso, ao sabermos que o versículo 3 pode também ser perfeitamente traduzido assim: «E todo espírito que divide a Jesus não é de Deus, e tal é o espírito do anticristo, do qual ouvistes dizer que deve vir, e já agora está no mundo.»²⁷ Tomando-se esta tradução, nenhuma dúvida parece aí haver de que se trata da doutrina de Cerinto, e é a Enciclopédia citada que diz ser a divisão de Jesus a separação feita pelo Cerintianismo entre Jesus e o Cristo.

Ora, como o versículo 3 é a continuação do versículo 2, estando ambos intimamente ligados, não erraremos se dissermos que este último também deve ter relação com o Cerintianismo. Consequentemente, nada obsta a que semelhante conclusão possa estender-se ao versículo 7 da segunda Epístola de João.

É interessante observar a tradução que Frei João José Pedreira de Castro, O.F.M. fez, à base da Vulgata, do capítulo 4, vers. 2 e 3 da 1.ª Epístola de João. São estes os termos: «O espírito de Deus reconhece-se nisto: Todo espírito que confessa Jesus como Cristo que veio em carne é de Deus; mas todo espírito que rompe a unidade de Jesus não é de Deus, mas é o espírito do anticristo, de cuja vinda tendes ouvido, e já agora está no mundo.» O vers. 7 da 2.ª Epíst. de João, Frei Pedreira de Castro o traduziu assim: «Porque muitos sedutores andam pelo mundo, os que não confessam que Jesus como Cristo veio em carne: este tal é sedutor e anticristo.»

Através dessa tradução, ressalta, com mais clareza, o combate que se queria dar às idéias de Cerinto, que dizia não ter vindo o Cristo em carne.

Observa Arthur Peake, na «Enciclopédia de Religião e Ética», que tudo leva a indicar que a 1.ª Epístola de João também se refira às imoralidades da doutrina sensual do milenarismo de Cerinto e seus seguidores. E outras passagens desta mesma epístola, como 4:15, a 5:1 e 5, parece relacionarem-se com o pensamento de Cerinto quanto a Jesus.

Se as doutrinas cerintianas são, fora de dúvida, aludidas na 1.ª Epístola de João, o mesmo não se pode dizer com relação às idéias docetistas, e tanto é assim que Peake declara, quase ao final do seu trabalho sobre o «herage» a que nos estamos referindo: «Mas, quanto ao fato de que duas formas de falsa cristologia (Docetismo e Cerintianismo) parecem ser atacadas, nenhuma certeza se prende a esta conclusão.»

*

As duas epístolas de João, que vimos citando, são as de que comumente os anti-rustenistas se servem para combater o corpo fluídico de Jesus. Apesar de elas se referirem a Cerinto, poderão dizer, ainda, que permanece de pé a encarnação de Jesus-Cristo, isto é, a sua vinda em carne, conforme se expressa o evangelista João.

Todavia, mesmo que se aceite, nos versículos já mencionados atrás, a palavra «carne» no sentido comum, isto em nada altera a teoria do corpo fluídico de Jesus. Os apóstolos (se todos, não sabemos) certamente haviam de crer num corpo físico, carnal, de Jesus. Se este corpo apresentava todas as características e propriedades da carne realmente carne, não assistiria a eles outra alternativa, senão a de afirmar que Jesus «veio em carne», e que era, por conseguinte, um homem.

Os rustenistas também podemos dizer que Jesus veio em carne, e não estaremos em desacordo com a teoria que aceitamos. Expliquemo-nos melhor:

Partindo-se do princípio de que a materialização de Espíritos é um fato incontestável na fenomenologia espi- rítica, e que Espíritos se materializam com maior ou menor perfeição, à meia luz ou à plena claridade, afastando-se mais, ou menos, do médium, que pode estar sonambulizado ou acordado, mostrando-se, às vezes, esses mesmos Espíritos materializados, tangíveis, com todos os movimentos e até qualidades da carne humana, com todos os característicos anatômicos e fisiológicos de órgãos biologicamente vivos, com vestimentas e adereços também visíveis, objetivos, materiais, — não estaremos mentindo, à vista de tudo isso, se dissermos que os Espíritos materializados vêm em carne em nossas sessões experimentais.

Na materialização completa, apresenta-se-nos à vista carnal e ao tato um corpo humano realmente vivo, «de carne e osso, com pulmões e coração», no dizer de Aksakof, providos de uma respiração quente, como verificaram Lombroso, Geley, Bozzano e tantos outros observadores.

O Dr. William Ritchman, presidente da Sociedade de Antropologia de Liverpool, escrevia, em 1886, a Aksakof contando-lhe que havia comprovado nos organismos materializados a existência da respiração e da circulação, e é clássica a narração que o sábio William Crookes fez acerca da contagem das pulsações de Katie King (Espírito materializado), ouvindo-lhe, também, o bater do coração e o respirar dos pulmões, podendo-se citar ainda a forma materializada de Bien-Boa, com quem o grande fisiologista Charles Richet realizou experiências extraordinárias, que positivaram a existência de anidrido carbônico no ar expirado pelo «fantasma».

O Dr. William Mackenzie, livre-docente da Universidade de Gênova, atual presidente da Sociedade Italiana de Metapsíquica, reconheceu também que os fantasmas materializados «são mais tangíveis e mais objetivamente vivos do que se supõe», e, como disse muito bem o sábio suíço Raul Montandon, se eles são inabituais, não são, porém, mais misteriosos que os organismos vivos normais.

O Sr. Brackett — experimentador céptico e muito prudente —, citado por Alfred Emy em sua obra «O Psiquismo Experimental», narra o interessante fato a seguir: «Numa sessão de materialização, vi um mancebo de grande estatura dizer-se irmão da senhora que me acompanhava, e que lhe replicou: «Como poderia eu reconhecê-lo, se não o vejo desde criança?» Para logo, a figura diminuiu de talhe pouco a pouco, até chegar à do menino que a senhora conhecera. Observei outros casos do mesmo gênero.»

Em Liverpool, o Sr. Buras, numa sessão, viu aproximar-se dele um Espírito materializado que com ele estivera em relações durante longo tempo. «Apertou-me a mão, diz Buras, com tanta força que ouvi o estalido de uma das articulações de seus dedos, como sói acontecer quando se aperta fortemente uma mão. Esse fato anatômico foi corroborado pela sensação que eu experimentava de estar segurando uma mão perfeitamente natural.»

Muitos e muitos inteligentes homens de ciência, de visão penetrante, confirmaram, em diferentes países do Mundo, o fenômeno absurdo (na expressão exclamativa de Richet) da ectoplasmia ou materialização, e todos são unânimes em ratificar estas palavras do estudioso ocultista Charles Lancelin: «o ser materializado vive uma verdadeira vida fisiologicamente humana».

Nas materializações de laboratório, vemos ser necessário um médium para a sua concretização, e sempre se observou uma estreita relação entre este e aquelas, tanto que toda impressão recebida pelo ectoplasma repercute no médium, e reciprocamente.

Todavia, a interdependência do ser materializado com o médium é muito variável, e, às vezes, ela quase deixa de existir, afirmando Geley que as formas materializadas têm tanto mais autonomia quanto mais bem materializadas.

Na presença de Maximiliano de Meck, eminente oculista que em vários países e por diversas ocasiões assistiu a sessões de materialização, deu-se o extraordinário fato que passaremos a narrar, extraído da obra de Raul Montandon — «Formes Matérialisées»:

«Em Moscou, num grupo de sete pessoas, entre as quais dois médicos, manifestava-se, durante as sessões de estudo, o fantasma de um homem de uns quarenta anos, e que se movia entre os assistentes, com estes entreteendo palestras, enquanto o médium, profundamente em transe, permanecia inerte em sua

²⁶ (26) Tradução de Sacy (ed. de 1749), tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo (ed. de 1818, Lisboa) e outras.

²⁷ (27) M. ib.

cadeira. O Sr. de Meck, que participava do grupo, certo dia teve a idéia, com o assentimento dos dois médicos presentes, de perguntar à entidade materializada se seria possível abrir-lhe as carnes dos braços com um bisturi, a fim de se verificar de que matéria um fantasma era formado. A entidade respondeu que de boa-vontade aceitava submeter-se à experiência, mas que medidas de precaução deveriam ser tomadas, a fim de não prejudicar a saúde do médium. Após cinco meses de preparação, foi anunciado que a experiência poderia ser tentada, e, de fato, realizou-se. Diz o Sr. de Meck que o resultado foi totalmente inesperado: «Quando os dois médicos, depois de friccionarem o braço do fantasma com clorofórmio, o incisaram por meio de bisturi, puderam verificar que ele era formado de carnes humanas naturais. Mas, em seguida, ao incisarem o outro braço, certificaram-se, com grande surpresa, de que, abaixo da epiderme, não havia senão carne amorfa, uma espécie de pasta espessa e gelatinosa, semelhante à matéria ectoplásmica que certos experimentadores têm observado no curso de sessões de materializações.»

Não podemos deixar de lembrar aqui duas maravilhosas experiências feitas com o médium Dr. Monck, que foi estudado por Alfred Russel Wallace, pelo arceediago de Cantuária, Colley, por Aksakof e outros. Num relatório assinado por cinco testemunhas²⁸, é apresentado o fato a seguir, obtido com o médium citado:

«Propôs-se agora uma experiência única: a forma materializada beberia um copo d'água. O resultado foi que, enquanto o Espírito materializado bebia a água, diante de nós, de um modo visível, ouvindo-se até o ruído da deglutição, essa mesma quantidade de água era no mesmo instante rejeitada pela boca do médium.»

Noutro relatório, lê-se o seguinte: «Pois que Monck (o médium) afirmava saborear tudo o que uma forma materializada absorvia, Colley assegurou-se desse fato, ao recolher dos lábios do médium «a casca e as sementes da maçã que o fantasma estava a ponto de engolir», e, contudo, uma distância de dois metros separava o fantasma do médium.»

Por estas notáveis experiências, além de outras, fica peremptoriamente demonstrada — a despeito do que disse Allan Kardec («A Gênese», XVI, § 36) — a possibilidade de a matéria do Espírito materializado apresentar-se coesa, com todas as qualidades da carne humana, e a possibilidade de ele comer e beber, aparentemente ou não, a exemplo do que se deu nos casos retromencionados, e bem assim com o anjo de Tobias, com «o jovem de Londres» («Revue Spirite», janeiro, 1859) e com o próprio Mestre Jesus, antes e depois de sua ressurreição (Lucas, 24:41 a 43).

«Não é mais possível, agora — escreveu Gabriel De-lanne —, negar que o corpo fluídico objetivado não seja semelhante, em todos os pontos, e mesmo anatomicamente, idêntico ao nosso. É positivamente um ser de três dimensões, com morfologia terrestre.»

Muita coisa ainda há que poderíamos apresentar à reflexão do leitor, mas deixamos de fazê-lo para não tornar demasiado longo este trabalho. Isto, entretanto, não impede que o leitor por si mesmo o faça, lendo as inúmeras obras que tratam do assunto.

Se tais maravilhas, aparentes contradições da Natureza, se processam entre Espíritos muitíssimo inferiores em relação a Jesus, desconhecedores até do «modus operandi» das materializações, que eles explicam apenas superficialmente, que não poderia conseguir um Super-Espírito, como Jesus, enviado direto do Criador, e para quem não há segredos nas leis que presidem o Universo?!

Talvez (e não é nada ilógico, e assim é provável) que ele não necessitasse de médium algum para materializar-se, carnificar-se entre os homens; com os profundíssimos conhecimentos de que era possuidor, ele seria o médium de si mesmo, ele próprio criaria o seu corpo fluídico, tendo em vista, segundo o célebre vidente Emmanuel Swedenborg, que «no ar e no éter há uma grande quantidade de partículas que podem servir para compor imediatamente a matéria de um tecido orgânico, havendo, ali, princípios materiais perpétuos, que tomam possível semelhantes produções».

Aceitando-se, por hipótese, um corpo com os característicos acima, poderíamos daí inferir que toda e qualquer impressão sobre tal corpo se refletiria sobre ele mesmo, e não sobre um segundo, como geralmente acontece nas sessões experimentais do Espiritismo.

Dessa forma, Jesus sofreria, por vontade própria, as dores corporais que o acompanharam até à crucifixão, e talvez as sentisse em grau muito superior, e talvez mesmo não as sentisse, qual sucedeu com muitos mártires dos primeiros séculos do Cristianismo, os quais se tornavam insensíveis às maiores torturas.

A este ponto, o de se saber se Jesus sentiu ou não dor material, não ligamos a importância que certos confrades lhe querem dar. Só a descida de Jesus dos elevadíssimos paramos celestiais ao pequenino «nada» do Universo, que é a Terra, bastar-nos-ia para demonstrar o grande amor que ele nos dedica a todos, fomecendo-nos, ainda, um grande exemplo de humildade e submissão à Vontade Divina.

Para esses discípulos do Evangelho, que consideram de grande importância o sofrimento corporal de Jesus, o Espírito Emmanuel respondeu pelo lápis de Francisco Cândido Xavier, como lemos em «O Consolador»:

«A dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais.

«Homens do mundo, que morreram por uma idéia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal.

«Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira e chegareis a contemplá-lo na imensidade da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela.

«De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o anjo e o homem.

«Em sua exemplificação divina, faz-se mister considerar, antes de tudo, o seu amor, a sua humildade, a sua renúncia pela Humanidade.

«Examinados esses fatores, teria a dor material significação especial para que a obra cristã ficasse consagrada? Não constituiu a dor espiritual, grande demais para ser compreendida, o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens?

«Nesse particular, contudo, as criaturas humanas prosseguirão discutindo, como as crianças que somente admitem as realidades da vida de um adulto quando se lhes fornece o conhecimento, tomando para imagens o cabedal imediato dos seus brinquedos.»

Não erraríamos, ainda, se disséssemos, com os evangelistas, que Jesus morrera na cruz. A morte é o abandono total do corpo pelo Espírito. Jesus abandonou na cruz o seu corpo materializado, que, por algum tempo, assim se conservou, até desmaterializar-se por completo no sepulcro onde fora posto. Tudo isto poderia ter acontecido, mas não é menos racional supor que se houvesse dado uma morte aparente, semelhantemente a casos dessa natureza observados entre nós, os humanos.

As meticolosas observações de Geley quanto às materializações levaram-no a admitir que «na fisiologia supranormal (do ser materializado) não há, como substratum das formações orgânicas diversas, substâncias óssea, muscular, visceral, nervosa, etc.; há simplesmente a substância, a substância única, base, substratum da vida organizada.»

Apreciando, por meio de inteligentes raciocínios, que, na fisiologia normal, se dá exatamente o mesmo, mas que, aí, o fato é menos aparente, ele chega à conclusão de que «tudo se passa em biologia como se o ser físico fosse essencialmente constituído por uma substância primordial única, cujas formações orgânicas não são senão simples representações».

Os Espíritos materializados, quando o permitem, deixam-se apalpar, abraçar, beijar, e até mesmo incisar na «carne», como já vimos. Há casos em que o Espírito permite se lhe cortem mechas de cabelo e retalhos do vestuário, que às vezes têm duração bem longa, o que evidencia a possibilidade de uma materialização estável, por assim dizer.

Quando os Espíritos materializados acham por bem não permitir tais intromissões em seus corpos, fazem que estes desapareçam instantaneamente, como tem sido observado em numerosas sessões experimentais, e mesmo naquela passagem de Lucas, 4:28 a 30.

Do fenômeno de materialização só se sabe o ABC, e mesmo este ABC custou a ser admitido pelos sábios que estudavam as manifestações supranormais. Basta dizer que, logo que foi constituída a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, esta só aceitou um axioma, tido como princípio fundamental, que dizia não haver fenômeno material, sendo tudo subjetivo. Gurney, Myers, Sidgwick, Podmore e outros partilhavam desse pensamento. Sidgwick desencarnou sem ter tido tempo para admitir mesmo a telecinesia e a materialização. Myers, a princípio bastante hostil às materializações, acabou pelas admitir, crendo com todas as forças da alma em sua objetividade. Podmore, ao que parece, jamais pôde resignar-se em nelas crer. Oliver Lodge também só posteriormente aceitou a realidade dos fenômenos materiais.

A materialização ou ectoplasmia apresenta particularidades que só são percebidas de quando em vez por alguns experimentadores de mais sorte. Que não dizer daquilo que não foi percebido, daquilo que ainda não foi conseguido por deficiência do intermediário mediúnico ou do próprio manifestante?

A materialização de animais, por exemplo, se não houvesse sido comprovada em algumas sessões mais ou menos recentes, talvez que fosse considerada pouco provável pelos próprios espíritas, senão considerada impossível. Entretanto, ela se deu e se repetiu diante de ilustres personalidades.

É assim que, na Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos, em Varsóvia, obteve-se, em 1919, por várias vezes, com o médium Franck Kluski, a materialização de uma ave de

²⁸ (28) Th© SpirituaUst, 1877, II, pág. 287.

rapina, que chegou a ser fotografada. Com o mesmo médium, o Dr. Gustave Geley comprovou, em 1923, em Paris, a realidade das materializações de animais, e fenômenos idênticos produziram-se com os médiuns D. D. Home e Jean Guzik, sendo que com este último as sessões se realizaram no Instituto Metapsíquico de Paris, ante a presença de notabilíssimos estudiosos.

Estes fatos permitem-nos, agora, admitir que a pomba que surgiu quando João batizava Jesus, às margens do Jordão, bem poderia ter sido uma materialização momentânea, embora outras explicações aí também possam caber.

Após a ressurreição de Jesus, este apareceu por quarenta dias aos seus discípulos, em diferentes ocasiões, e a mais de quinhentos irmãos de uma vez, sempre perfeitamente materializado, como se realmente fosse um homem, «de carne e osso», como ele próprio afirmou aos apóstolos (Lucas, 24:39), tal qual o era antes da ressurreição.

Referindo-se à opinião dos que admitem o corpo fluídico de Jesus («A Gênese», cap. XV, § 64), Kardec opinou que «semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje (1868) se sabe acerca das propriedades dos fluidos», concluindo que tal hipótese seria admissível, se os fatos a confirmassem.

Ora, de 1868 até os dias atuais, numerosíssimos médiuns alargaram os horizontes da fenomenologia espiritual, descerrando aos sentidos humanos novos aspectos das leis cósmico-divinas que regulam as materializações, e que ainda encerram, latentes, um infinito potencial de maravilhas.

Os fatos, corroborados em diversos países, confirmaram ser admissível a encarnação fluídica do excelso Espírito de Jesus!

MELQUISEDEC E JESUS

Zêus Wantuil

Lá pelo ano 2000 a.C., quatro reis imperialistas iniciam uma perseguição contra vários povos do país de Canaã. Organizada uma contra-ofensiva por cinco reis, esta não obteve êxito, havendo sido desbaratados os seus exércitos. O inimigo invade Sodoma e Gomorra, toma-lhes todos os víveres, bens e mulheres e leva parte do povo, escravizado. Um fugitivo, que escapara àquele inferno de fumo e sangue, consegue chegar ao Hebron, nos terebintos de Mamre, o amou, e, encontrando Abrão (mais tarde: Abraão), conta-lhe a desgraça, sobre eles recaída, e anuncia que Lot, sobrinho do Patriarca hebreu, fora também levado como prisioneiro.

Encendido de surda revolta ante aquelas informações, Abrão organiza um exército regular de homens disciplinados e investe desassombrado os inimigos, ferindo-os e perseguindo-os até às adjacências de Damasco. Torna a reaver tudo o que fora rapinado, inclusive seu «irmão» Lot, e volta triunfante. O rei de Sodoma vai-lhe ao encontro, jubilante. No meio de toda essa recepção festiva, eis que surge Melquisedec, rei de Salem, trazendo pão e vinho. Faz-se religioso silêncio, e o sacerdote do Deus Altíssimo, achegando-se de Abrão, abençoa-o e diz:

«Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, Criador do Céu e da Terra! e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos às tuas mãos!»

Abrão, respeitoso, dá a Melquisedec o dízimo dos despojos e, dignamente, nada aceita do que lhe foi oferecido pelo rei de Sodoma.

É assim que o capítulo XIV de «Gênesis» nos relata essa passagem. Adquiriu importância e mereceu atenção mais acurada dos estudiosos das questões bíblicas, pelo fato de posteriormente ser estabelecida a semelhança entre Jesus e Melquisedec. Esta personagem enigmática, cujo nome hebraico — Malki-Sédék significa «rei de justiça», surgida inesperadamente, como num conto de fadas, era, conforme o texto nos declara, rei da cidade de Salem, situada no país de Canaã.

De acordo com alguns comentadores, Salem foi provavelmente aquela cidade que mais tarde se chamou Hierosóloma, como era nomeada pelos gregos e romanos, parecendo que este último vocábulo não é mais do que corruptela de Hierosalem, a que se atribui uma formação híbrida — do grego hieros, sagrado, e o nome primitivo Salem. Foi aí que reinava, ao tempo da conquista da Terra de Canaã por Josué, um rei amou de nome Adonisedec (Josué, 10:1). O historiador Josefo segue essa opinião em sua excelente obra «Antigüidades Judaicas» e acrescenta que Melquisedec «proveu hospitaleiramente o exército de Abraão, deu-lhes provisões em abundância e quando o Patriarca repartiu a décima parte dos despojos com o rei, este aceitou a oferta».

Salem aparece registrada nas tábuas do Tel el-Amar na (1400 a.C.) como uma das mais importantes cidades de Canaã, sendo conhecida pela denominação de Uru-salim, que os tradutores, baseando-se numa tábua léxica assíria, verificaram ser uru o equivalente do assírio alu, isto é, cidade.

Nenhuma das Salem posteriormente existentes parece ser a cidade de Melquisedec, é o que pensam os estudiosos.

Tendo sido Canaã amaldiçoada (Gên., 9:25), afirmou-se que Melquisedec não era cananeu, e sim um semita estrangeiro localizado no País de Canaã. Não há justificativas para essa rígida asserção do dogmatismo religioso, sabendo-se, além do mais, que nem todos os cananeus professavam necessariamente a idolatria, ao tempo de Abraão. Melquisedec era monoteísta e adorador do Deus Altíssimo, «o verdadeiro Deus», o mesmo a quem igualmente servia Abraão. Além das insígnias de rei, ostentava também as de sacerdote, termo este que, então, pela primeira vez, aparece citado na Bíblia (Gên., 14:18). Todavia, o ofício de abençoar não constituía exclusividade do sacerdote; qualquer que tivesse autoridade, seja paternal, civil ou religiosa, podia fazê-lo.

«E Melquisedec trouxe pão e vinho», diz o Antigo Testamento. Por si mesma, a palavra trazer (ou apresentar), seja no hebreu, no grego ou no latim, não significa oferecer a Deus, ou oferecer em sacrifício. Parece que Melquisedec apenas levou o vinho e o pão, sendo que este último termo talvez neste ponto encerre em sua significação toda espécie de alimento. Josefo se inclina para esse modo de entender, conforme já vimos, e diversos intérpretes o seguiram, dizendo não ter feito Melquisedec outra coisa que abastecer os homens que acompanhavam Abraão.

Entretanto, os explanadores católicos, defendendo seus pontos de vista, insistem que houve um verdadeiro sacrifício, prefigurativo do sacrifício eucarístico. Baseiam-se nessa opinião, servindo-se do período que imediatamente se segue àquele acima registrado entre aspas, o qual período diz: «e este era sacerdote do Deus Altíssimo.» Ora, comentam eles, se esta informação tivesse somente o efeito de caracterizar a personalidade de Melquisedec, melhor ficaria ela no seu devido lugar, isto é, após o título de «rei de Salem»; observa-se, porém, que veio exposta entre a menção do pão e o vinho levados por Melquisedec e a referência da bênção pronunciada sobre Abraão.

A qualidade de sacerdote, atribuída a Melquisedec — concluem eles —, é então lembrada em razão do ato que a precede, isto é, da oferta do pão e do vinho, como o texto parece insinuar.

É igualmente presumível — dizem outros explicadores — que Melquisedec, além de exercer sua função sacerdotal, oferecendo a Deus parte dos alimentos levados, distribuiu também mantimentos entre os vencedores.

Não obstante essas suposições católicas, o texto bíblico nem as confirma nem as contraria, em vista mesmo do quase nenhum esclarecimento dele sobre a origem e a condição de Melquisedec.

A Epístola aos Hebreus (7:1 a 7), que compara Jesus ao rei de Salem, não faz alusão à oferta deste último. Os autores católicos esclarecem, então, que a Paulo não interessava a referência dessa oblação, visto que o sacerdócio da época do Apóstolo, o de Aarão, igualmente celebrava o sacrifício a Deus, e, desse modo, não lhe interessava qualquer comparação nesse sentido.

Muitos Padres da Igreja, entre os quais S. Cipriano, S. Jerônimo, Santo Agostinho, S. Crisóstomo, criam expressamente que houve um sacrifício de pão e vinho, apresentado a Deus por Melquisedec, mas a verdade é que pairará a dúvida nesse ponto que, aliás, pouco interessa aos espíritas, já que a última Ceia Pascal se nos afigura claramente elucidada, no seu belo simbolismo, pela Terceira Revelação.

Caráter figurativo — O Livro dos Salmos — 110:4 ou 109:4, segundo alguns tradutores, referindo-se ao Messias futuro, diz: «Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec.», frase que nos conduz de imediato, sem alternativa, à exclusão de toda e qualquer outra espécie de sacerdócio, inclusive, por conseguinte, o sacerdócio judaico, à maneira de Aarão.

Os homens, na sua vaidade e pretensão, almejam também o título de messias. Talvez por isso é que, até os dias de hoje, no ritual da ordenação dos sacerdotes da Igreja, o bispo católico declara: «Tu és sacerdote in æternum, secundum ordinem Melchisedec.»

O Apóstolo dos Gentios, na Epístola aos Hebreus — 5:6 e 10; 6:20, transcreveu as palavras de David e expôs largamente no capítulo sétimo, dessa mesma epístola, a semelhança entre Jesus e Melquisedec.

Desejando positivar, ante os olhos dos judeus, a autoridade e superioridade da pessoa e da missão de Jesus, o inspirado apóstolo de Tarso aproveitou aquela

personagem misteriosa, talvez pelas seguintes razões: a) em vista da dupla dignidade de Melquisedec, como sacerdote de Deus e como rei; b) pela aplicação do seu próprio nome: «rei de justiça» e do nome da cidade sobre a qual reinou, intitulado-se «rei de Salem», isto é, «rei de paz», aproximando-se, destarte, da revelação transmitida ao profeta Zacarias, concernente a Jesus: «Eis vem a ti o teu rei. Ele é justo e traz a salvação.» «Ele anunciará a paz às nações.» Dizendo ser Melquisedec «sem pai, nem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, permanecendo sacerdote para sempre», anunciou-o Paulo, por conseguinte, «semelhante ao Filho de Deus».

A seguir, o apóstolo assinala que o superior que abençoa é quem recebe o dizimo do seu inferior. Ora, Melquisedec abençoou a Abraão, bem como todos os sacerdotes levíticos descendentes do patriarca, inclusive o próprio Levi, os quais, indiretamente, pagaram dízimos a Melquisedec na pessoa de Abraão. (Hebr., 7:4 a 10).

Era imperfeito e incompleto o sacerdócio levítico e igualmente a lei moisaica, salvaguarda do mesmo, que apenas estabelecera as bases da Lei divina. O tempo, diante da evolução alcançada pelo homem, exigia uma «melhor esperança», que foi trazida por Jesus-Cristo, sumo-sacerdote perpétuo e incorruptível, «não feito segundo a lei do mandamento carnal», não mais da estirpe de Aarão, mas de um sacerdócio superior ao deste último, isto é, da ordem de Melquisedec, conforme revelação pré-anunciada pelos Salmos de David (Hebr., 7:11 a 24).

O versículo três do capítulo em foco, esclarecem-no os autores católicos, e de maneira inteligente, dizendo que chamando Paulo a Melquisedec — «sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida», quis relacionar estas palavras não propriamente à personalidade de Melquisedec, em si mesma, mas querendo com isto significar que a Escritura intencionalmente lhe não menciona o pai, a mãe, a genealogia, nem nascimento, nem morte, para que deste silêncio das Escrituras resultasse Melquisedec mais semelhante a Jesus, a quem prefigurava.

A Enciclopédia de Migne explica que o dizer — o rei-sacerdote de Salem não teve princípio nem fim de vida — com esta referência se quis fazer entender que ele não tivera limites marcados nas funções do seu sacerdócio, não possuindo predecessores nem antecessores, podendo-se daí inferir que ele não havia tido nem princípio nem fim de sua vida sacerdotal, prefigurando-se, já antecipadamente, a eternidade do sacerdócio de Jesus.

A primeira elucidação acima exposta se nos apresenta incompleta sob uma análise minuciosa, pois surge-nos de imediato a interrogação: Querá o autor afirmar que Jesus apareceu e desapareceu do mundo com aqueles quesitos do versículo?

Analise as razões judiciosas dessa pergunta que encerra em si, ocultamente, inúmeras outras interrogações.

Vamos dizer que essa revelação paulina se relacione à origem espiritual de Jesus no seio imperscrutável do Criador. Ora, se assim fosse, estaríamos diante de uma revelação sem razão de ser, pois todos os seres igualmente saíram do Criador e eternamente viverão.

Os espíritas também não podemos compreender e aceitar o Cristo como parte de uma Trindade Divina, igual a Deus, visto que, baseados nas palavras do mesmo Jesus, conservamo-nos monoteístas, só admitindo, por conseguinte, um único Deus, sempiterno e incriado.

Prossigamos: Segundo os católicos, o Cristo teve um nascimento sobrenatural, sofrendo, ao fim de sua missão, a morte real conseguinte à crucificação. Somente três dias após o sepultamento ressuscitou, no mesmo corpo de carne, indo com este envoltório para as altas regiões celestes. Baseados nesse modo de entender, poderiam afirmar que o Mestre não nasceu nem morreu.

Esta exposição católica, diante das leis naturais a que todos os seres e coisas forçosamente devem obedecer, peca por sua incoerência, irracionalidade e visível infantilidade. É até degradante, mesquinho e misérrimo aos nossos olhos, pensar-se que o Unigênito do Pai se dirigiu aos altos páramos celestiais num corpo de carne pútrida. Graças, porém, às revelações do Espírito Santo, através do Consolador prometido que já vive entre os homens, estamos elucidados de maneira satisfatória quanto a esse fato da vida do Cristo.

Jesus, aos olhos da quase totalidade dos cristãos, nasceu da virgem Maria, obedecendo sua formação a todo o processo normal da evolução intra-uterina, iniciada de maneira desconhecida, anormal, milagrosa. Houve, destarte, para os teólogos, um verdadeiro nascimento humano.

Agora, se admitirmos concepção, evolução fetal e parto aparentes, sem afetar a pessoa de Maria, já não poderemos dizer que houve nascimento real.

Tomemos nesse ponto a segunda proposição em estudo, isto é, a morte do Cristo. De antemão, todos sabemos impossível a propalada ressurreição de Jesus, em carne morta, como impossível e desnecessária também será a ressurreição de todos os seres humanos falecidos, nos seus primitivos corpos de carne, no dia do Juízo final.

Mas — objetarão —, os quatro evangelistas unanimemente afirmam, citando testemunhas, que o corpo do amado Senhor desaparecera do sepulcro previdentemente guardado por soldados das autoridades administrativas, aparecendo depois a inúmeros discípulos.

Não negamos a autenticidade de tais fatos. As Escrituras merecem-nos todo o respeito e admiração, principalmente à vista de um ponto em que o acordo é perfeito entre diferentes relatores. O que não é concebível é o admitir-se, até hoje, diante do progresso científico e do raciocínio mais iluminado, uma ressurreição em carne e osso.

O fato de vários espíritas só admitirem que Jesus ressurgiu no corpo perispiritico, que então se tornava visível quando ele o desejasse, deixa, entretanto, no ar, uma interrogação a respeito do que sucedera ao corpo carnal do mesmo Jesus, e, além disto, o maravilhoso e comentadíssimo fato da Ressurreição deixaria de ter a importância que os crentes e descrentes lhe emprestaram e continuam a emprestar; seria um fato corriqueiro, sem interesse algum, pois era sabido dos judeus, baseados em exemplos inúmeros do Velho Testamento, e o é para nós, que todos ressurgiremos num corpo perispiritico, após nossa morte corporal.

Vemos, pois, que esta última maneira de explicar é incompleta, não só pelas razões acima referidas, como também por estar em desacordo com Paulo, que considera o Mestre sem princípio e sem fim de vida.

Resta-nos, então — pelo menos provisoriamente — admitir que o Senhor tivesse um corpo de natureza fluídica, e que, por isso mesmo, não estava sujeito à morte, como a conhecemos. Essa concepção se baseia em fatos inúmeros observados durante a peregrinação do Salvador pelo mundo e diante ainda da sua afirmação aos onze apóstolos, após a sua falada morte, quando lhes disse que ele era ele mesmo e não um espírito: «Vede as minhas mãos e os meus pés; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.»

Assim raciocinando, concluímos que à Terra desceu Jesus — o sumo-sacerdote divino, «santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime que os céus» — não, pois, em carne dos pecados, mas «em semelhança de carne de pecado», diz-nos a Epístola aos Romanos.

Não nos dilataremos nessas pobres reflexões, as quais — dizemos lealmente — de maneira alguma queremos dar aspecto inflexível, dogmático, mesmo porque o capítulo referente a Melquisedec pode comportar raciocínios outros.

Opiniões e hipóteses sobre Melquisedec — Os antigos rabinos, a fim de explicarem a superioridade do rei de Salem sobre Abraão, identificaram-no com Sem, antepassado do Patriarca e filho de Noé, o qual, segundo seus cálculos cronológicos, ainda vivia na época do Pai das Nações. É assim que no Targum, de Jerusalém, se lê: «Melquisedec, rei de Jerusalém, é Sem, que era sumo-sacerdote do Altíssimo»; o Talmud e o Targum de Jônatas também afirmam o mesmo.

Disse S. Jerônimo ter sido esta a opinião dos judeus de sua época, e Santo Epifânio acrescentava que ela era igualmente professada entre os samaritanos, idéia que este Padre refuta apoiando-se na cronologia da Versão dos Setenta. Lutero e Melâncton aceitaram-na, porém, no século XVI.

Muitos outros judeus imaginaram que o rei-sacerdote fora Henoch, ou Cam, ou Mesraim, ou Canaã, ou, então, Job.

Filon, o judeu, filósofo do começo do primeiro século, fala de Melquisedec como sendo «o Logos».

Alguns livros apócrifos se referem ao rei de Salem, a saber: «A Penitência de Adão» ou «O Testamento de Adão»; «A fiel Sabedoria», que apenas ligeiramente a ele se refere; o «Livro Etiópico de Adão e Eva». Em determinado ponto deste último livro, em que se descrevem fatos da vida de Melquisedec, este é saudado pelo Espírito Santo como o «unigênito da criação de Deus».

Santo Atanásio, numa de suas produções literárias, registra certas tradições existentes sobre a vida do sacerdote. Segundo elas, toda a cidade de Salem, com exceção do monte Tabor onde Melquisedec orava, desapareceu pela terra a dentro, que se abriu sob um forte tremor. Só restou Melquisedec que, por isso, foi chamado sem pai, sem mãe, sem família, não tendo o começo de seus dias nem o fim de sua vida.

No século HE, dos Monarquianos ou Teodocianos, seita fundada por Teodoto, o Banqueiro, derivou-se um ramo que, baseando-se nas palavras dos Salmos — «vós sois sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec», nelas julgou ver uma razão peremptória contra a origem superior de Jesus. Colhendo dados, no Velho e em o Novo Testamentos, que pudessem estabelecer que Melquisedec devia ser colocado acima de Jesus, concluíram não ser o rei de Salem um homem como os demais, que era superior ao próprio Jesus, pois que este tivera princípio e morrera. Melquisedec, elevado então a primeiro pontífice do sacerdócio eterno,

tornou-se o objeto de culto daqueles homens, erigido em o verdadeiro mediador entre os homens e Deus. Constituiu-se, assim, a chamada seita dos Melquisedequianos.

É bom frisar que a tese da Epístola aos Hebreus não é: Cristo superior a Melquisedec, mas, sim, Cristo à semelhança de Melquisedec, e S. Tomás de Aquino faz observar que o versículo dos Salmos não diz ser Melquisedec o principal, e sim o tipo de um sacerdócio particular.

Sofreram os Melquisedequianos anátemas dos bispos católicos, mas nada fazia cessar a pregação dessas idéias, e eles continuaram, nos séculos IV e V, sustentando que o rei de Salem era como que «uma força ou virtude de Deus», mais excelsa que o próprio Cristo, assim se exprime o bispo de Salamina num comentário contra eles.

Outro grupo ensinava que Melquisedec fora o Filho de Deus, conforme se lê nas refutações de Santo Epi- fânio e Santo Ambrósio.

Orígenes, o «homem de bronze e diamante», assim cognominado por sua tenacidade e vigor no trabalho e pela lucidez inexcedível de seu espírito, juntamente com seu discípulo Dídimo, o Cego, constituindo ambos duas grandes culturas das letras sagradas, admitiram que Melquisedec houvera sido um anjo. S. Jerônimo, aluno de Dídimo, procurou refutar esta idéia comumente rejeitada pelos teólogos católicos, idéia que, segundo uma enciclopédia, não foi considerada como «herética».

A maioria dos antigos Padres não admitiram as diferentes hipóteses aventadas para a pessoa de Melquisedec e davam-lhe caráter humano, e S. Jerônimo diz, mesmo, numa de suas Epístolas: «Consultei a Hipóito, a Irineu, Eusébio de Cesaréia e Eusébio de Emesa, Apolinário e nosso Eustáquio, e averigüei que todos eles, por argumentos diferentes e caminhos diversos, chegaram à mesma conclusão, isto é, que Melquisedec fora um cananeu, rei da cidade de Jerusalém, que então se chamava Salem.»

Surgiu, também, naqueles primeiros séculos, um anônimo que, escudando-se na primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, a qual diz ter sido o primeiro homem terreno, nascido da terra, e o segundo homem celeste, nascido do céu, desta passagem concluiu haver homens terrestres e homens celestes. Como Paulo afirma que Melquisedec foi semelhante a Jesus, é forçoso — expõe o autor desconhecido — que ele seja também um homem celeste. Isto — prossegue o mesmo expositor, divagando mais além — permite que se explique o estranho aparecimento dos três reis magos, de que tratam os Evangelhos. Como o texto evangélico nada fala a respeito da vida deles, o autor anônimo pretendeu então que os três reis magos foram três homens celestes, do céu, constituindo, respectivamente, Melquisedec, Henoch e Elias.

Cerca do ano 600, Timóteo, o presbítero de Constan- tinopla, no seu livro «De receptione Hæreticorum», no fim da lista dos heréticos que deveriam ser rebatizados, coloca os Melquisedequianos, «agora chamados Athingani (Intangíveis)», acrescenta ele. Viveram os «intangíveis» na Frigia; guardavam o sábado, mas não eram circunci- dados. Tinham horror ao contacto com os demais homens e veneravam Melquisedec, e isto é o pouco que se sabe dessa curiosa seita.

No século IX, diz uma das obras da Bibliografia, distintos estudiosos pretenderam que Melquisedec fora o próprio Jesus aparecido a Abraão sob a forma humana.

Jacques Auzoles Lapeire publicou em 1621, na cidade de Paris, um Tratado de 214 páginas a fim de estabelecer que «Melquisedec está ainda hoje vivo em corpo e alma, se bem haja mais de 3.700 anos que deu sua bênção a Abraão». O autor — comenta o expositor católico —, apoiando-se em textos cujo sentido ele força, quis provar que Melquisedec não havia tido pai, nem mãe, porque «tinha sido engendrado por uma nova maneira de criação ou por algum meio extraordinário que nos é desconhecido e ininterpretável». Ainda segundo este autor, Melquisedec havia sido criado antes de Adão e pertencera a uma raça celeste bem superior àquela que reside na Terra.

Contrariando a aceitação em voga sobre a existência real de Melquisedec, o Rev. Cheyne acha plausível a con- jetura de que seja uma entidade fictícia, imaginária, que talvez houvesse sido introduzida na Bíblia por algum erro de escrita ou devido a uma nota marginal feita por algum leitor anônimo.

Kaufmann, em «The Jewish Encyclopedia», contradiz Cheyne e, após discordar de que a história de Melquisedec fosse «invenção ou produto de erro de algum co- pista», afirma ser um fato real e conservado por tradição. Com este autor concordam Rösch, Hommel e Kittel, profundos estudiosos da questão; este último pensa que «a balança da evidência pende em favor do caráter histórico de Melquisedec».

Atualmente, assiriólogos, em pacientes estudos, encontraram traços de semelhança entre Melquisedec e um determinado rei de Jerusalém chamado Ebed- Tob ou Abdi-Khiba, mas esses traços, por muito vagos, não permitiram que se chegasse a alguma conclusão.

Apesar das especulações interessantes e instrutivas que advêm da relação entre Melquisedec e Jesus, aqui finalizamos essa dissertação, de um modo um tanto abrupto, pois já se vai tornando longa. Sentimos não ter satisfeito as possíveis indagações que surgirão à mente dos leitores; aliás, nosso fito foi apenas apresentar humilde colaboração ao programa de esclarecimento geral, sem quaisquer pretensões.

Que do Alto desça a Luz que nos leve ao Caminho, à Verdade e à Vida.

BIBLIOGRAFIA

Enciclopédia Universal Ilustrada (Espasa).

The Catholic Encyclopedia.

Dictionnaire de la Bible — Vigouroux.

A Dictionary of the Bible — J. Hastings.

Encyclopédie Théologique — M. L'Abbé Migne. *Encyclopaedia Biblica* — Rev. Cheyne and Sutherland. *The Jewish Encyclopedia*.